

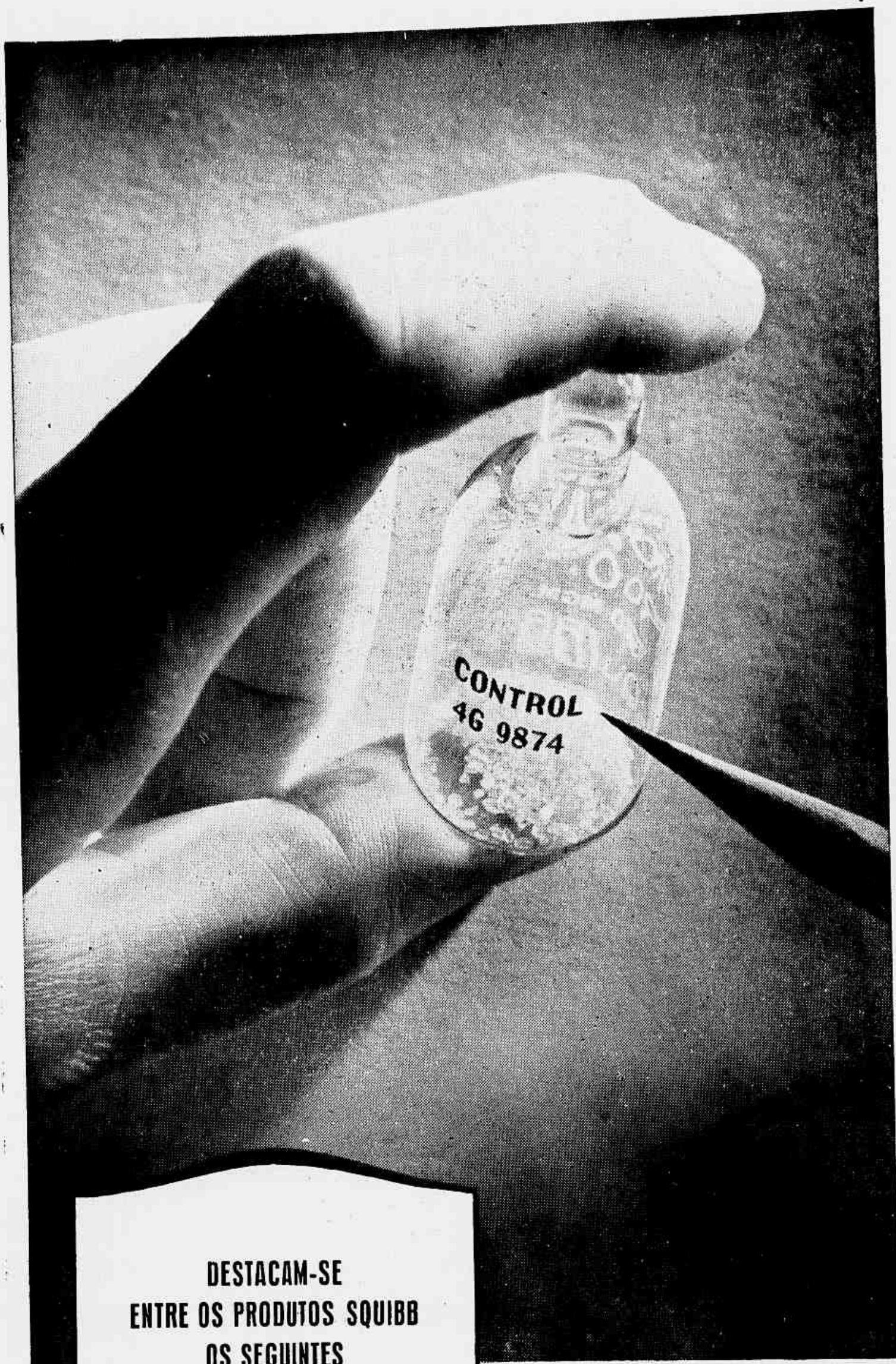
REVISTA DA SEMANA

N.º 22

2-6-45



CD \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



**DESTACAM-SE
ENTRE OS PRODUTOS SQUIBB
OS SEGUINTE**

Penicilina
•
Sulfonamidas
•
Anestésicos
•
Produtos Glandulares
•
Produtos Farmacêuticos e
Vitamínicos, além de
Dentífrícios e Preparados
Medicinais para o lar



**PROCURE EM CADA PRODUTO
O SÉLO DA CASA SQUIBB**

...PARA SUA PROTEÇÃO

SE V.S. examinar com cuidado a embalagem de qualquer produto Squibb, verá logo que ela apresenta um número. Chama-se ele o "Número de Contrôl" do respectivo produto e refere-se aos documentos arquivados nos Laboratórios Squibb, onde se encontra a história completa da sua preparação, desde o instante em que foram recebidas as matérias primas até que o produto embalado ficou pronto para ser posto nas mãos do cirurgião, do médico ou do farmacêutico.

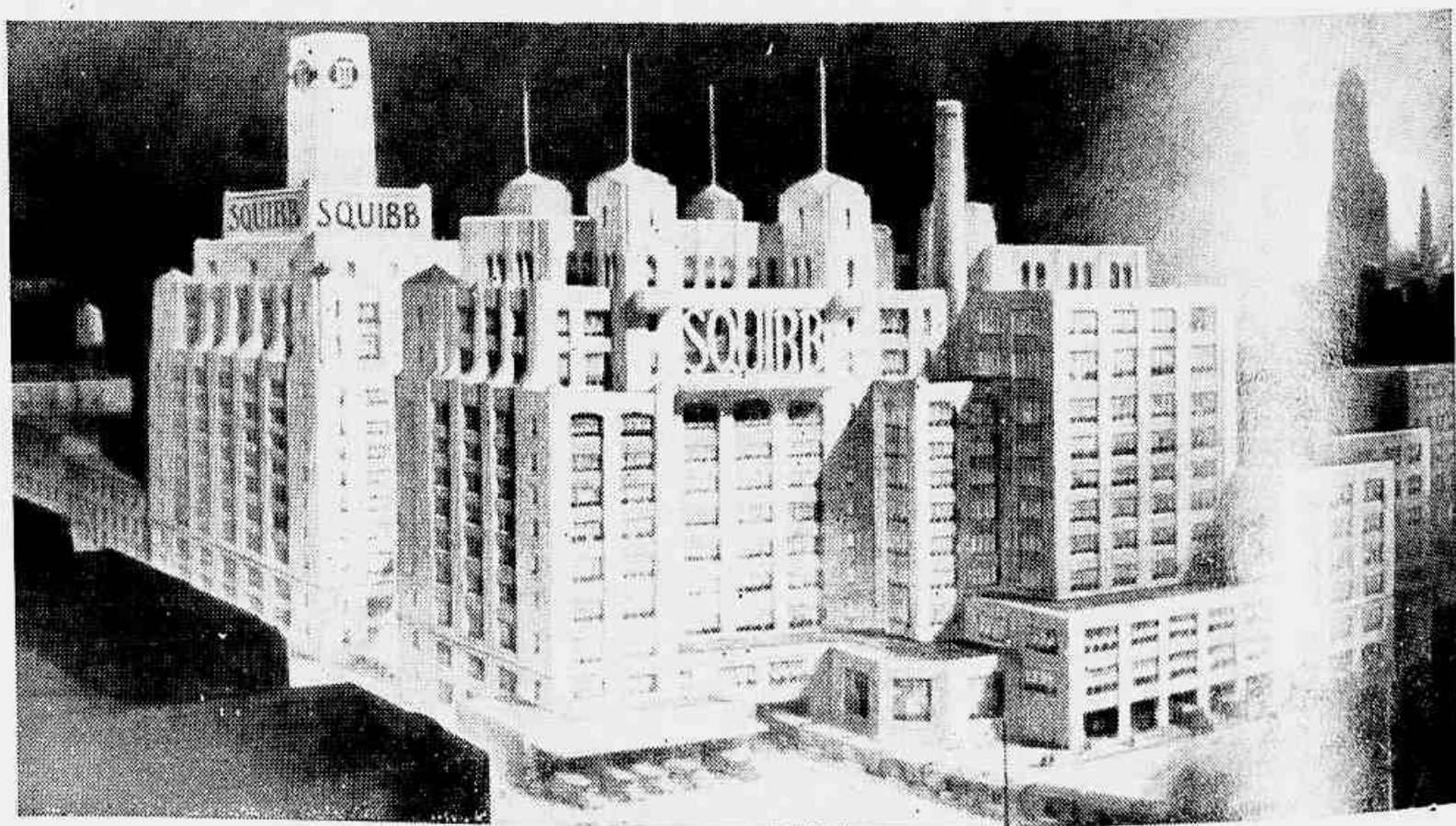
Cada uma das fases da preparação do produto ficou assim registrada. Cada um dos numerosos exames a que foi submetido, sob o ponto de vista da eficácia e da uniformidade, ficou anotado nos arquivos.

Essas precauções — medidas de proteção para o consumidor — essa constante preocupação de obter a máxima pureza e o maior grau de confiança, são características do Contrôl Squibb.

Tais são as elevadas normas sobre as quais se fundou em 1858 a Casa Squibb e que, no decurso de longos anos, permaneceram inalteráveis.

SQUIBB

é um nome em que se pode confiar



Esta fotografia mostra os Laboratórios Químico-Farmacêuticos de E. R. Squibb & Sons, em N.Y.
Os Laboratórios Biológicos Squibb e o Instituto Squibb de Pesquisas Médicas
estão situados em New Brunswick, N. J.

E. R. SQUIBB & SONS, NEW YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858



UMA VISITA AO CONSERVATÓRIO NACIONAL DE CANTO ORFEÔNICO — POR ONDE SE PRINCIPIA A EDUCAÇÃO ESTÉTICA — FORA DA MÚSICA NÃO HÁ SALVAÇÃO — UM CHARUTO, UMA "CARAMBOLA" E MUITO TRABALHO — O QUE É A VIDA DE UM GRANDE MAESTRO — A ARTE PRECISA SE LIBERTAR DA BOSSA

SEM dúvida, uma das mais singulares figuras de artistas do Brasil contemporâneo, é esse notável Vila Lobos, dinâmico, brusco, ríspido, gesticulando sempre, como se estivesse perenemente a reger, batendo-se em prol da educação estética com o entusiasmo de um político em véspera de eleição e com o furor de um "fan" do futebol em dias de Fla-Flu.

Não se mete em política, não entende de futebol, é leigo em medicina, não defende este ou aquele ponto de vista estratégico debruçado sobre os jornais. Nunca deu palpites em coisas alheias à música. Mas quando se trata da arte dos sons ele, senhor absoluto do terreno, defende com ardor os seus princípios, apresenta argumento, gesticula, grita, revolta-se.

Quando fala de música os seus cabelos esvoaçam ao vento, os seus braços se movimentam vertiginosamente, num giro de moinho em dias de siroco.

Ali estava ele diante de nós, os cabelos soltos, os gestos largos, falando da arte e de seu papel na educação moderna:

— A verdade é esta, dura mas certa. Não temos senso de estética, não temos educação

"O SAMBA É UMA FEIJOADA"



Com o seu inseparável charuto entre os dedos, preso como sempre à piteira larga, Vila Lobos assina os certificados de término do Curso de Professores do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Em baixo: uma "carambola". A distração predileta do maestro é o bilhar francês. Ei-lo aqui entregue ao jogo, diante de uma jogada difícil. Para ele deve ser mais fácil reger a Filarmonia de New York, que levar a bom termo este "masset".

artística. E a falta desse mesmo senso estético se revela em nossas mínimas atitudes. Ninguém tem culpa disso; talvez esse fenómeno se prenda à nossa condição de povo jovem. Mas o fato é esse que aí está, real e palpável: somos um povo despido de senso estético. Não temos essa elegância de atitudes que caracteriza os povos europeus, educados sempre, desde o berço, dentro de uma concepção ampla do belo.

"O SAMBA É UMA FEIJOADA"

Vila Lobos toma um fósforo, acende o charuto, puxa uma tragada e continua a falar:

— Veja você aonde chegamos no terreno da música. O rádio, que devia se compenetrar de seu papel de principal responsável pela educação artística do povo, é justamente quem mais faz por retardar a difusão dos conceitos de estética. Senão, vejamos: a qualquer hora em que sintonizemos os nossos receptores uma onda de samba nos enche a sala. Temos samba como "break-fast", samba no almoço, samba à hora do lunch, samba ao jantar. Cemos samba, a nossa sobremesa é sempre samba. Não sou contra o samba, mas essa música é como a feijoada: menu brasileiro, gostoso e pesado. O seu uso constante só nos pode porém prejudicar a saúde. Não há como contestar: o samba é uma feijoada. Quando é de mais produz indigestão.

Nessa altura da conversa interrompemos o nosso entrevistado, cortando-lhe um gesto largo pelo meio:

— Mas qual a solução para o caso brasileiro?

— Fora da música não há salvação. Mas a música entrará aqui mais como uma ponte entre a incompreensão artística e o senso estético, que propriamente como uma arte. O nosso problema máximo é educar o nosso povo, moldar-lhe o senso estético, fazer com que ele se aproxime do belo. E a isso ele tem que ser levado inevitavelmente pela música. Mas é necessário então que todos compreendam a música e tenham exata noção de seus valores.

Vila Lobos torna a acender o charuto. A sua voz volta a estrugir entusiasticamente na sala:

— O que acabo de lhe falar é o meu ponto de vista. Sou intransigente e intolerante quanto a isto. Digo e repito: fora da música não há salvação. Sempre me bati pela música e não seria hoje, depois de mais de meio século de vida, que iria abandonar a luta.

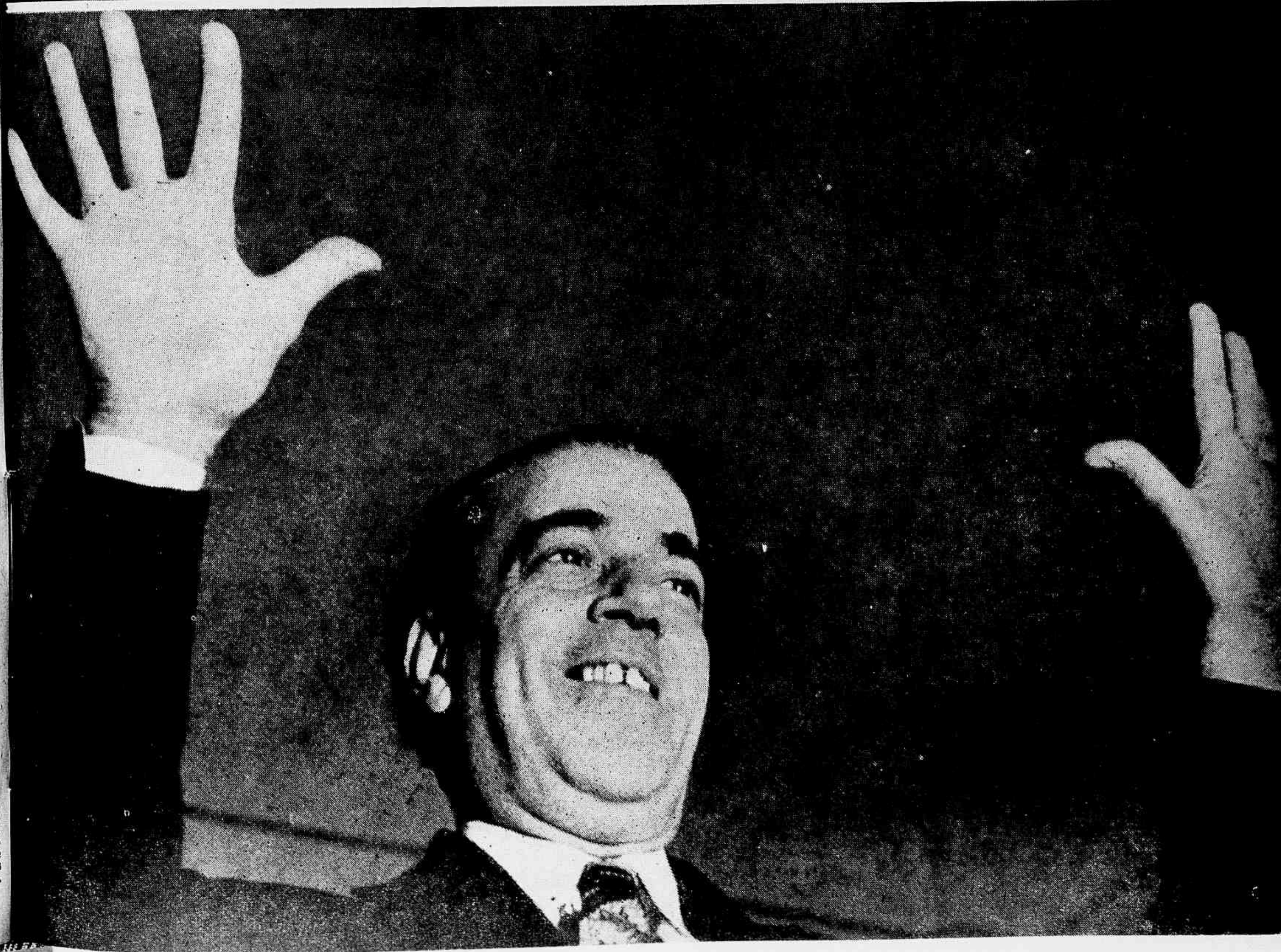
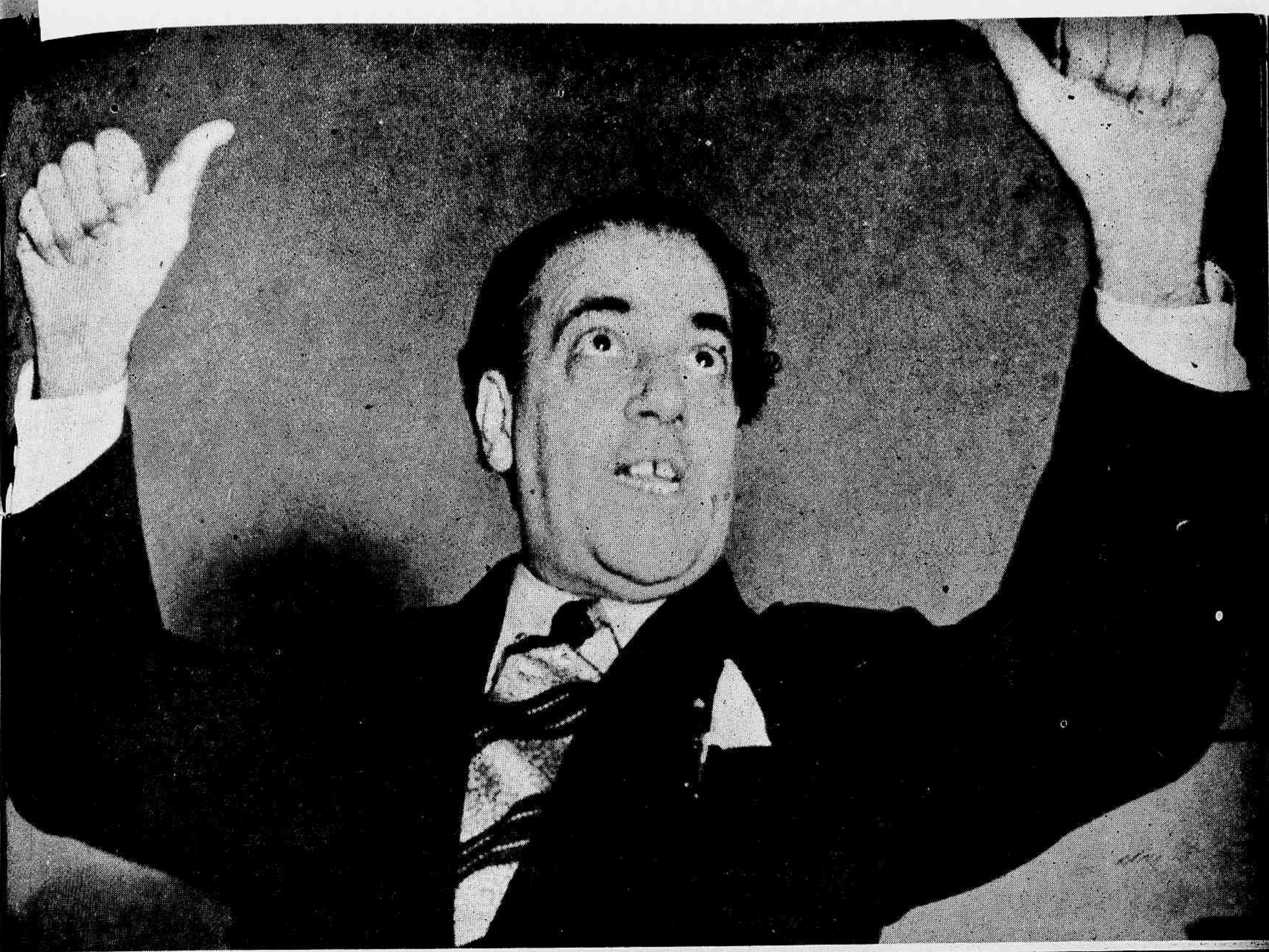
O charuto tornou a apagar-se, o maestro apanhou outro fósforo. Conversávamos em seu gabinete de diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, enquanto ele assinava os certificados de término de curso de alguns professores que ali se aperfeiçoaram.

Entrou um servente com café. O maestro deixou a xícara de lado, passando a examinar papéis relativos ao andamento dos trabalhos do Conservatório. Ali estava ele, assentado a uma ampla secretária lavrada, lutando ainda, vitorioso é verdade, após cinquenta anos de combate em prol da música.

(Continua na pág. 9)

Cada gesto do regente representa uma nota. A altura é ditada pela posição das mãos. Enquanto Vila Lobos dirige o conjunto orfeônico numa das reuniões do Centro de Coordenação do Conservatório da avenida Pasteur, o fotógrafo conseguiu gravar uma série de mímicas convencionais e expressões fisionômicas do maestro. Aqui vemos-lo em duas atitudes diversas. O sorriso, muito raro em seus lábios, mostra que ele está satisfeito com os alunos.

no
os
a-
is
ia
ew
é-
es.
ô-
vo
e
so
u-
u-
na
la-
ar:
eno
rar
ela
em
itos
ora
ores
mos
ôço,
Cea-
am-
mú-
gos-
nos
omo
ando
mos
esto
rasi-
Mas
onte
o es-
e. O
osso
com
tem
ísica.
reen-
seus
o. A
ente
onto
rante
ísica
mú-
meio
estro
s em
Na-
assi-
so de
aram.
estro
kami-
raba-
ssen-
tando
uenta
)
itura é
dirigida
e Coord-
tógrafo
onais e
m duas
lábios.



A SEMANA EM REVISTA

A TÚNICA DE CESAR



"Dai a Cesar o que a Cesar é devido", disse o doce Nazareno. Existia então em Roma um homem amigo do povo e inimigo dos tiranos. Seu nome era Brutus. E foi ele quem deu a Cesar o que a Cesar o povo de Roma estava devendo: a punhalada da misericórdia. Morreu o tirano, o povo respirou livremente o ar saudável da Cidade Eterna. Mas no dia seguinte, ante a mudez dos mármore divinos, no pedestal da estátua da loba, os sobrinhos do imperador morto sacudiram a túnica ensanguentada de Cesar, acenando ao sentimentalismo latino, pedindo vingança para o tirano. E os dois patriotas, Brutus e Cassius, tiveram de ceder lugar aos novos Césares, aos Neros futuros.

Naqueles tempos dizia Jesus: "Perdai-lhes, meu Pai. Eles não sabem o que fazem". Mas o perdão foi inútil. Eles ganharam a consciência, cresceram e se multiplicaram, e só se iam quando um Spartacus destemido saía das catacumbas sombrias e armava uma força em cada praça. Através dos anos multiplicaram-se as revoluções. Já não se usavam túnicas mas havia agora a imprensa, a arma tremenda de Guttenberg. E através dela, pelos séculos aíora, se sacode até hoje, diante do povo, o manto real de Luiz XVI, como símbolo de um crime.

No entanto ele é, em verdade, uma bandeira de justiça. A morte do czar

FILA ATÉ PARA CASAMENTOS...



Não é só para atender às obrigações inadiáveis — comprar carne, esperar ônibus, e outras fatalidades do mísero burguez destes dias divertidos de quase "após-guerra" — que o freguês tem de entrar na fila, não senhores. A fila, instituição nacional e internacional, existe até para adquirirmos o que nos dá prazer. Temos de passar por ela para comprar ingressos do cinema, por exemplo... Mas o que ignorávamos até sábado passado é que também existisse fila para a consumação do "conjugio vobis", e na realidade existe!

Estávamos nos derradeiros dias do mês de maio, das flores e de certas loucuras nupciais. Maio e dezembro são os meses escolhidos pelos ingênuos que desejam conhecer as aperturas da vida, com a mulher e os filhos fazendo as exigências da praxe e a "vítima" pagando, sem bufar, direito que nem mais lhe assiste... Pois neste maio da graça de 1945 o "record" dos casamentos está sendo batido em larga escala. Segundo noticiaram os jornais, só no dia 26 de maio

Nicolau II é outro ponto de apoio dos contra-revolucionários militantes, que exploram todos os sentimentos em benefício de sua obra nefasta.

Agora, Himmler. Por aí estão espalhados os velhos integralistas, chorando sobre a tumba do carrasco de Berlim, que justicou a si mesmo num último gesto de bom senso. Como ele foi Mussolini chorado e lamentado, "Selvageria", diziam os quinta-colunas lembrando a morte de "Il Duce".

Sim, isto era uma selvageria. Não era entretanto selvageria o tratamento dado aos prisioneiros nos campos de concentração nazistas. Não eram selvageria os espancamentos praticados nos bairros judeus. Não eram selvageria os fuzilamentos em massa dentro das madrugadas frias. As execuções dos republicanos espanhóis, um corpo tombando ao solo sem vida em cada cinco minutos diante do pelotão de fuzilamento, não eram uma selvageria.

Selvageria, sim, é o fato de se prender um policial alemão cuja dignidade retardada o obriga ao suicídio. Selvageria é levar a julgamento os responsáveis pela carnificina bárbara de seis anos a que vimos assistindo.

Hoje lamenta-se a morte de Santo Himmler. Amanhã serão chorados Pétain e Laval, os salvadores da França.

Basta de falso sentimentalismo. Mais dignidade, senhores da quinta coluna! Voltem à dinamite e ao boato, que eles são mais decentes e mais leais que esta nova arma-secreta, hoje tão empregada: a compaixão. Basta de hipocrisia! "Não sacudi por mais tempo a túnica ensanguentada de Cesar!"

passaram pela Pretoria mais de trezentos noivos e outras tantas noivas — é claro, desde que um não passa sem o outro... E, como o Juiz precisava ainda de fazer face às suas nobres obrigações matrimoniais na residência dos noivos mais abastados, os seiscientos corajosos do dia 26 de maio de 1945 esperaram, esperaram e esperaram mais ainda... Um cavalheiro de nossas relações, homem de responsabilidade e múltiplos afazeres, desses que têm os minutos contadinhos, em miúdo, para os seus deveres, teve que esperar das dez às dezesseis para servir de testemunha... Ele foi, pelo menos, a testemunha de uma longa espera para dois jovens sonhadores enfrentarem, juntos, a luta pela vida. E a fila dos noivos e noivas era um regalo para a vista dos curiosos indiscretos! Depois, na igreja, repeliu-se a mesma cena de espera longa e interminável... Resultado: o cavalheiro ilustre perdeu o sábado só para desobrigar-se desse exaustivo dever social.

Procurámos saber das razões de tão longa espera por parte do Juiz, e surgiu alguém que nos explicou: — "Você sabe, tardando assim para amarrar os noivos, o Juiz estava dando a cada qual uma derradeira oportunidade para se arrependem enquanto era tempo..."

CAMPANHA DO SILÊNCIO OU DO BARULHO?



Não é dizer que os tempos antigos fossem melhores, nem mania de saudosismo. A verdade é que a campanha do silêncio começava a dar seus primeiros bons resultados, quando foi relegada para o esquecimento, como sucede com tudo ou quase tudo... A campanha do silêncio caiu no dito e ninguém mais falou nela. As businas dos automóveis azucrinam à vontade os ouvidos do incauto transeunte, e os mais extravagantes ruídos perturbam o sossego dos moradores das zonas mais centrais. Orquestras e rádios estendem até madrugada alta os seus barulhos, e no entanto não foram aparentemente canceladas as instruções primitivas. E se os barulhos provocados pelos "klaxon", com a deficiência de carros em circulação, mostram-se assim enervantes, o que não sucederá quando, proximamente, a cidade retomar a sua fisionomia de antes da guerra, com alguns milhares de veículos a mais!

Nosso comentário cabe, neste momento, quando se aproximam as festas juninas. Tivemos em maio, com tôdas as razões justificadas, comemorações jubilosas do povo por motivo de término da guerra na Europa. Durante noites e dias seguidos espoucaram os foguetes, os morteiros e as bombas repontavam em todos os bairros. Era natural. Mas agora essas festividades cessaram e as de São João, ao redigirmos esta nota, ainda estão longe. No entanto os morteiros continuam. As crianças acordam em choro convulso durante a noite. Os corações exaltam-se. E os nervos do homem de trabalho que, em chegando a casa, carece das oito horas mínimas de repouso, sofre abalos intermitentes. As fábricas de fogos é que levam a melhor nessa campanha do barulho. Eis por que nos atrevemos, no intervalo de um foguete para uma bomba-chilena, a solicitar das autoridades competentes um reforço à campanha do silêncio.

Silêncio mesmo relativo, mesmo racionado, mesmo sendo apenas uma amostra do silêncio repouso e tranqüilo pelo qual todos nós suspiramos, os que trabalham, e que só existe no mato, a muitas léguas da avenida Rio Branco ou mesmo dos subúrbios...

SURURU NA CANTAREIRA



Não estamos aqui para bater palmas aos promotores daqueles movimentados acontecimentos da semana última, na estação da Cantareira, em Niterói, ocorrências que se estenderam pela baía, no transcurso de uma viagem de barca. Todavia, mesmo reconhecendo que tais atitudes não resolvem o problema e, no fim de contas, resultam num conflito puramente de caráter policial — é necessário sentir o grau de desespero e indignação de que estariam tomados os moradores da cidade vizinha, gente pacata e ordeira, até se resolverem a agir por conta própria. Tudo tem seus limites, e se uma barca ficou impedida de fazer a viagem das sete da manhã, outra devia encontrar-se atracada em Niterói, para substituí-la sem maiores delongas. O pretexto da guerra para justificar a deficiência de barcas ou de material para concertá-las, não cabe no episódio em apreço. Ao povo, que não tem outro meio de transporte e que paga, submisso e quieto, quantos aumentos de passagem lhe são impostos, é preciso dar ao menos

esse transporte melhor ou pior. Os relógios de ponto das oficinas, dos escritórios e das repartições não aceitam desculpas dos desmandos da Cantareira, enquanto os patrões de há muito deram para aceitar como deslavadas mentiras as mesmas justificações por parte dos seus empregados. Daí compreender-se o desespero e a soma de prejuízos acarretada aos moradores de Niterói, quando se animaram, naquela manhã turbulenta, a reagir por conta própria. Antes de culpar os passageiros é mister proceder à análise da origem do caso e verificar se havia ou não motivo para semelhantes protestos. Claro que havia. E continuarão subsistindo esses motivos até que radicais medidas sejam postas em prática, de modo a oferecer aos trabalhadores da antiga Praia Grande, a terra por muito tempo esquecida, uma parcela maior de atenção de parte dos governantes da Nação. Quando Niterói recebe um sopro de progresso, qual o que ali se vem registrando nestes últimos anos, com novos traçados da cidade, abertura de ruas e avenidas, e a construção de modernos edifícios — que se olhe também para os transportes. E, francamente, as barcas da Cantareira não são nada do que de melhor podem ambicionar os esquecidos moradores de Ararigboia...

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7996.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 52 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 22 --- 2-6-945

REPORTAGENS

"O samba é uma feijoada"	3/5 e	9/11
Três séculos de vida de um monumento histórico (Celsius Aulicus)		13/18
Música soviética no rádio carioca		31
Figuras e Fatos		32/34
Jockey Club		35

LITERATURA

As Irmãs Bronte (Augustus Muir)	12-
Não digas: nunca matarei! (Neil Mac Adam)	19
Searas Históricas (Escragnolle Doria)	22
No esplendor de sua juventude (Rudyard Kipling)	24/25
O Pedido (Lucie Mardrus)	30
Livros Novos (J. L.)	38/39

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Jesy Barbosa)	23
Costumes	28
Modelos da Semana	36/37
Outros figurinos	44 e 46

CURIOSIDADES

Ecos da guerra	21
Saudades do Verão	26/27

SECÇÕES

A semana em revista	6
Aconteceu... ..	7
Artes Plásticas	29
A "Revista" em Hollywood (Luiz Serrano)	42/43

CARICATURAS

Dois em uma (Michel e Zé Carioca)	8
De bom humor	20
"Charge" de Raul	50

NOSSA CAPA

Não só as "estrêlas" bafejadas pela simpatia do público, aquelas que já se impuseram como figuras de primeiro cartaz, merecem as honras de uma sobre-capla. Também as revelações, as principiantes, as jovens artistas que se esforçam e sobre quem recai a responsabilidade de dar sangue novo artístico ao cinema, desde que apresentando requisitos de fotogenia, recebem desde logo as preferências dos "fans". Eis por que, neste número, apresentamos aos leitores Virginia Belmont, uma das "new-face"-1945 da RKO, pequena de reais encantos e, quem sabe, um ídolo de nós todos em futuro não distante!

Duas grandes reportagens são também oferecidas nesta edição: uma com o compositor Vila Lobos, o grande nome da música brasileira, cuja repercussão de há muito atravessou fronteiras e se impôs a outras platéias, e outra completando a visita feita pela REVISTA ao Mosteiro de São Bento, com farta documentação fotográfica e literária sobre o histórico daquela mansão de fé e religião.

Por absoluta falta de espaço deixamos de inserir, hoje, mais um capítulo da novela "Ressurreição", de Jesy Barbosa, o que faremos no número vindouro.

REVISTA DA SEMANA



Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convém usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

Aconteceu...

HÁ DEZ ANOS

"Estamos — dizem os profetas do nosso tempo — no limiar de vastos e inquietantes acontecimentos", escrevia em maio de 1935 um nosso colaborador, Tomás Murat. E acrescentava: "A guerra é o assunto dos cronistas e o tema dos filósofos. Nuvens sombrias correm sombriamente no céu da humanidade. Os povos se armam. Hitler sopra na sua forja germânica avermelhando as nações com reverberos de incêndio. Dolfuss tombou no seu catolicismo sanguinolento; Mac Donald espera, com um sorriso onde relampejam esquadras ameaçadoras; Mussolini, efígie cesária, tem a catadura fechada e as linhas rígidas de uma fisionomia onde se condensam todos os sonhos terríveis de um Cesar; a Rússia rosna com as suas mandíbulas bolchevistas; o Japão se despedaça nas suas convulsões sísmicas e talvez delibere mudar-se da Ásia para a Europa com a simplicidade medonha dos seus canhões; Roosevelt, enquanto absorve em largos tragos o seu "wisky", observa de soslaio as esparrelas internacionais que se estão armando na Europa e na Ásia; e, em tudo isso, só a França civilizada, a França, mestra dos povos, está tranqüila na sua força e na sua serenidade."

Mais adiante, outro período que retrata o espírito da época:

"Para Mussolini, por exemplo, a guerra é uma necessidade, uma necessidade vital, isto é, a guerra é a própria saúde dos povos. E Mussolini é, nos nossos tempos, o "condottiere" da humanidade. Ele tem o gênio singular, é o estatutário vilento da sua pátria. E as demais pátrias se deixam mais ou menos esculpir em bronze, em mármore ou em gesso, segundo o gênio de Mussolini. Para que os fortes vivam a sua vida forte — assim pensa filosoficamente e darwinicamente Mussolini — é preciso que se eliminem os fracos. Essa, aliás, a noção germânica de existência coletiva e individual. Hitler, neste ponto, como em muitos outros, é o digno discípulo de Mussolini. Porque Hitler plasma o seu barro e o seu gesso histórico com as mãos de Mussolini."

E a crônica — "O monstro vermelho" — prosseguia nesse estilo.

Dez anos passaram. De maio de 1935 a maio de 1945... Quanta modificação no mundo e quanto desmentido às profecias filosóficas de então! O gênio de Mussolini acabou transformado na mais covarde e deplorável atitude que um homem ainda assumiu em qualquer parte do mundo. As fanfarrônicas do estatutário vilento sofreram metamorfose da consagração para o desprezo dos seus contemporâneos e dos vindouros. Quanto a Hitler, o chamado digno discípulo de Il Duce, que miséria! Que covardia histórica! E enquanto eles, os que sopravam na forja da guerra o fogo em que deviam ser destruídos, nós vimos o "wisky" de Roosevelt transformado num sagrado espírito de Liberdade e de Vitória. Nós assistimos às mandíbulas bolchevistas da Rússia reveladas hoje, tal como na verdade é a Rússia, e não como a admitiam ao influxo da propaganda fascista... Apenas há dez anos passados...

1935... 1945... Como é diferente a realidade, senhores!

Só o Japão continua despedaçando-se, mas ao calor das bombas norte-americanas...

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

DOIS EM UMA

LIÇÃO DA SEMANA

O Berle Junior, que é nosso do peito,
Prova quanto é gentil, quanto é cortez,
Falando em nossa língua tão direito
Como "arranhamos" nós o velho inglês.



O TEMPO

Este, senhores, que hoje vai aqui,
E' o tal, que pondo em prática seus planos,
Levou tão alto o nome da A. B. I.,
No curto espaço de dezesseis anos.



Caricaturas de MICHEL
Legendas de ZE' CARIOCA

"O samba é uma feijoada"

(Continuação da pág. 4)

UMA CRIANÇA TOCA EM SURDINA

A história do musicista Heitor Vila Lobos começa em 1893, quando ele tinha 6 anos de idade. Seu pai, Raul Vila Lobos, era músico, e arranjara para o filho uma viola, que o garoto tocava à guiza de violoncelo. Neste pequeno instrumento improvisado o menino compôs a sua primeira melodia, aos 7 anos. Estava lançada a sorte. O garoto queria ser músico. A sua vida se desenrolaria, desde então, presa às cinco linhas da pauta, diretoras de todas as suas atitudes e de todos os seus movimentos. Uma de suas tias, notando o seu pendor artístico, executava para ele ao piano trechos clássicos, românticos e líricos, no intuito de educar-lhe as tendências. O menino aos 10 anos declarava que de tudo aquilo só gostava de ouvir as fugas e os prelúdios de Bach, justamente por achá-los "diferentes" das composições dos outros autores.

Aos 12 anos de idade Vila Lobos perdeu seu pai. Mas o seu pendor para a música, que ele tanto estimulava, já se arraigara no sangue do menino, que começou então a estudar clarinete num velho instrumento, herança paterna de doces recordações. Aprendeu simultaneamente a tocar violão, com-

pondo pouco depois uma melodia para esse instrumento, a que deu o nome "Panqueca", simplesmente por achar que este era um título original. Aos 14 anos o músico adolescente já frequentava as rodas boêmias dos chorões de rua onde, graças ao seu talento, crescia de hora para hora o seu renome.

Em 1902 já compunha Vila Lobos música popular, procurando sempre elevar o nível artístico desse gênero.

A sua mãe, que queria-o médico, temendo que ele se dedicasse exclusivamente à arte, não quis que aprendesse piano. Mas a música borbilhava no sangue do jovem. E foi para viver pela música que ele fugiu de casa aos 16 anos, passando a residir com um tio, afim de ter mais liberdade de entrar em contacto com as rodas boêmias dos seresteiros da época.

HISTÓRIA DE UM CONTRABAIXO

Muito distam esses tempos dos dias de hoje. Muito diferente é o velho Vila Lobos, amigo de Stokowski, daquele jovem músico das orquestras de porta de cinema. Mas esta origem obscura veio revelar um dia ao público um grande talento musical. E o velho contrabaixo do maestro é a pedra fundamental de sua carreira.

Aconteceu em 1919. As operetas faziam sucesso, Uma companhia encabeçada por Vi-



O maestro Vila Lobos dirigiu grandes orquestras nos Estados Unidos, entre as quais a Filarmônica de New York e a Center City. Os "yankees" abriram os braços para o casal de artistas brasileiros. Aqui vemos-o em companhia de sua esposa quando, desembarcando na gare de New York, respondia às saudações de seus amigos.

O rádio não é para o maestro Vila Lobos uma distração ou uma parte da vida. Para muita gente o jornal e o "broadcast" são como os gêneros de primeira necessidade: indispensáveis à existência. Muitos só conhecem mesmo a música através das ondas hertzianas. Mas para o diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico o rádio é apenas um veículo de propagação da arte. Ele ouve as estações acidentalmente, enquanto estuda ou trabalha. Aqui, por exemplo, vemos-o em frente ao alto falante. Os seus ouvidos são tão bem educados, que ele escuta perfeitamente as melodias recebidas pelo seu aparelho, enquanto compõe uma música de gênero inteiramente diverso.





cente Celestino levava ao velho teatro São Pedro multidões de "fans". O maestro Luiz Moreira regia a pequena orquestra. E lá no fundo, apagado, impreciso, assentava-se o contrabaixo, um jovem desconhecido, cheio de esperança e de fé. Um dia aproximou-se do regente e mostrou-lhe as partituras de uma composição sua. Luiz Moreira gostou da peça e ficou de ensaiá-la para um próximo espetáculo. No dia marcado para o lançamento da música de Vila Lobos, no último ensaio, o regente, entusiasmado, gesticulava na frente da orquestra, quando o prendeu uma síncope cardíaca. Correram em seu socorro, mas foram encontrá-lo já cadáver. E foi assim que, nessa mesma noite, Vila Lobos estreou como compositor e maestro, no velho teatrinho São Pedro.

Suponhamos que no filme biográfico essa sequência fôsse cortada no momento exato em que ele erguesse a batuta.

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

A tomada cinematográfica de que falamos, por um engano dos técnicos de laboratório, foi ligada outra sequência do celulóide que reproduzia uma cena passada vinte e cinco anos depois. Quando o maestro desceu a batuta tinha diante de si, não o reduzido número de músicos da orquestrinha do teatro São Pedro, mas o conjunto de professores da Filarmônica de New York. Ergueu os olhos. Continuou a reger. Atrás dêle enfileiravam-se os camarotes e as frizas do Carnegie Hall.

Foi assim que êle ficou consagrado nos Estados Unidos. Ali foi encontrar um ambiente propício para a sua música, tendo o próprio Stokowski servido de intérprete entre êle e os professores das orquestras que regeu.

De si falam agora na nação "yankee" a glória de vários concertos, que constituíram acontecimentos marcantes no intercâmbio artístico entre os dois grandes países americanos. E na história da música brasileira a viagem de Vila Lobos e de sua esposa d. Armin da Vila Lobos, também famosa musicista, aos Estados Unidos será uma página de relêvo.

MEU REINO POR UM ORFEÃO

Mas onde deixámos nós o maestro? Ah! sim! Estava precisamente acendendo o seu charuto. E após outra bafurada retoma a palavra:

— Não quero falar de mim nem quero falar da arte ou da educação estética, para não me exaltar. Pode fazer a sua reportagem dizendo o que viu aqui. Vamos assistir agora a uma reunião do Centro de Coordenação do Conservatório. Ali você poderá observar o que fazemos e o que pretendemos fazer.

Entrámos no auditório, acompanhando o maestro. E o que vimos falava bem alto dos propósitos daquela casa de educação musical. Vila Lobos pôs-se à frente dos alunos, e o conjunto entoou um canto que o maestro ia regendo do alto do estrado.

Logo após um dos professores pronunciou uma palestra em torno de um tema ligado ao valor do orfeão.

E o fim daquela casa que Vila Lobos dirige não é outro senão o reflexo de seus próprios propósitos: difundir o sentimento exato da estética.

O fotógrafo surpreende o maestro Vila Lobos na intimidade do lar. Mas nem aqui a música pode ser esquecida. Ao alto: o maestro passa para a pauta uma frase musical que lhe brinca na cabeça. Em baixo: pronta a parte da composição, êle executa a melodia no piano. Pelo sorriso esboçado parece que a música agradou.

Os professores e alunos do Conservatório se reúnem uma vez por semana, congregados no Centro de Coordenação daquele estabelecimento. No auditório da escola tem então lugar palestras educativas em torno do orfeão e cantos. Aqui estão algumas professoras do curso de especialização tomando nota das passagens de uma palestra.

Deixamos o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, sob a viva impressão de sua obra grandiosa em prol do desenvolvimento artístico do Brasil. Como assegura Vila Lobos, o conhecimento da música só poderá ser difundido entre todas as classes sociais após um trabalho intenso que vise, única e exclusivamente, o aprimoramento do senso estético de cada um, que viria, no fim, resultar no aprimoramento do senso estético coletivo.

E, para tal, nada como o estudo do canto orfeônico, a educação de todos os sentidos na direção da música e da compreensão do ritmo e da harmonia, através do canto, em sua expressão mais simplista, e por isso mesmo mais pura e mais verdadeira.

Um canto coral é um canto coral, um conjunto de vozes postas em harmonia. Uma orquestra é apenas a elaboração de tonalidades diversas, dirigidas no sentido de um efeito amplo e belo. A música de câmara é o aproveitamento instrumental máximo, feito também apenas na intenção do efeito artístico ou sentimental. Mas o orfeão, este representa a música em sua expressão mais pura, mais ampla e mais universal. Ele não é apenas uma consequência das cordas vocais postas em funcionamento. É, antes, o desvio de todas as forças orgânicas para a música, a absorção pelo som de todas as energias físicas dos cantores. Quando começa a música de um conjunto orfeônico, todos os seus componentes se prendem ao som, dirigindo em seu sentido toda a sensibilidade. Os nervos motores e sensitivos agem então comandados unicamente pela partitura, o maestro está regendo a ação dos próprios parassimpáticos, e até o metabolismo de cada um, obedece à harmonia do conjunto. Todos os elementos do orfeão vivem então uma outra existência, onde apenas existem o maestro e a função de cada um em relação ao conjunto vocálico. Não pode uma figura, como muito comumente acontece nos conjuntos orquestrais e corais, identificar-se apenas com a partitura que lhe diz respeito. O canto orfeônico, em sua própria base e em sua essência mesmo, vive do conjunto e da homogeneidade, de modo que o papel de um cantor é identificar-se com a música em si e cantar em função da música, já que o efeito deve ser produzido pela composição em si, e não por frases ou temas isolados.

Corre entre os músicos uma anedota, segundo a qual um contrabaixo que durante mais de vinte anos se fizera ouvir na ópera, só depois de aposentado viera a se extasiar com o efeito produzido pelo violino numa passagem da protofonia da "Carmen", por isto que, como integrante do conjunto, apenas tinha ouvidos para as notas graves de seu instrumento, identificado como estava com a sua função exclusiva, dedicando todos os esforços para tirar maior efeito do bôjo do contrabaixo.

Num orfeão esta visão unilateral se torna impossível. A voz de cada um é apenas uma

(Continua na pág. 41)



Durante uma reunião do Centro de Coordenação do Conservatório Nacional o fotógrafo apanhou este flagrante. As alunas, atentas aos gestos do maestro Vila Lobos, entoam a música da partitura. Todas as energias físicas estão concentradas no canto, que absorve o pensamento e os nervos. Notem a expressão do olhar destas moças.

AS IRMÃS BRONTE

(De AUGUSTUS MUIR — Copyright do B.N.S., especial para a "REVISTA DA SEMANA")

As irmãs Bronte — Charlotte, Emily e Anne — tiveram uma vida aparentemente monótona e melancólica, mas legaram ao mundo obras de beleza imperecível. Dotadas de gênio extraordinário, ergueram-se acima do meio em que viviam e das convenções que regulavam a vida das jovens de sua época. Tiveram uma vida apaixonada de pensamento e emoção, e transplantaram esse mundo interior para os seus romances e poesias, todos marcados de um forte cunho pessoal.

O ambiente em que elas viveram parecia ser inimigo de quaisquer impulsos criadores. As três irmãs se criaram em uma casa sombria — uma casa paroquial num matagal deserto no norte da Inglaterra. A sua mãe morrera muito cedo, e o pai as governava com severidade; as jovens de hoje o considerariam certamente como um despota. Mas ele era um homem brilhante sobre múltiplos aspectos, e a sua educação tornou as filhas precoces e conscientes. Todas eram fisicamente delicadas, com uma estranha fascinação em torno delas, como se o seu espírito fosse demasiadamente forte para corpos tão frágeis. As duas irmãs mais velhas morreram antes dos vinte anos, e as três Bronte tinham de encontrar todos os prazeres da vida em sua própria companhia. Eram realmente muito amigas, e sofriam enormemente com qualquer separação. Talvez tenha sido a própria desolação do ambiente em que cresceram que tenha estimulado a imaginação e as levado à ficção. A mais velha das irmãs Bronte, Charlotte, escreveu mais de 20 manuscritos antes de completar os 15 anos.

A princípio nunca lhes passou pela cabeça que pudessem ganhar a vida escrevendo. Reconheciam que se não casassem seriam obriga-

das a ganhar o pão com algumas das poucas profissões permitidas às jovens de sua época. Todas três trabalhavam como governantas em casas de famílias diferentes; mas gostavam muito de viver juntas, e por isso decidiram abrir um internato em sua própria casa. Prepararam-se resolutamente para esse fim, e Charlotte e Emily tomaram a ousada decisão de ir aprender línguas estrangeiras em Bruxelas. Naquela época era quase um escândalo duas jovens viajarem para o exterior sem companhia, e isso certamente ampliou suas experiências. Mas uma desgraça dentro em breve deitava por terra todos os seus planos.

O seu irmão Branwell, jovem entregue a uma vida de dissipações, voltou para casa em péssimo estado de saúde. Tornava-se impossível abrir um internato na própria casa. As três irmãs fizeram o que era possível para salvar o jovem Branwell, mas alguns anos depois ele falecia vitimado pela sua própria debilidade orgânica. Entrementes, as irmãs Bronte se dedicaram a escrever, mas já agora pensavam nos direitos autorais com um interesse estritamente profissional. Poderiam viver então da literatura? O primeiro fruto de seu trabalho foi um pequeno livro de poemas, publicado em 1846.

Esse livro foi publicado sob um pseudônimo que escondia o segredo do sexo de suas autoras. Financeiramente o livro foi um fracasso completo, pois só foram vendidos dois exemplares. Todas as três irmãs esperaram então ter maior êxito como romancistas, e uma vez mais usaram pseudônimos. Não queriam que seus livros fossem tratados carinhosamente pelos críticos, simplesmente por se tratar de trabalho de mulheres. O primeiro livro de Emily foi "O Morro dos Ventos Uivantes", hoje considerado como uma das maiores obras de ficção da língua inglesa. Escrito com grande intensidade de paixão, o livro tem como ambiente a paisagem de sua própria casa, uma paisagem desolada e tragicamente sombria. O romance de Anne "Agnes Grey" tem um encanto particular, mas lhe falta a força tempestuosa da obra de sua irmã mais velha. O primeiro romance de Charlotte, "Jane Eyre", foi uma sensação literária. Mas ao mesmo tempo causou forte reação entre o público, que acreditou ver ali revelada de maneira demasiado franca a alma de uma mulher apaixonada. Outros chegaram a sentir no livro um espírito de revolta contra os padrões dominantes na sociedade. E muitos consideraram que o livro atingia os próprios fundamentos da dignidade feminina. Mas os homens esclarecidos, entre eles o grande Thackeray, reconheceram em "Jane Eyre" a sua magnífica força criadora.

Dentro em breve a vida das três irmãs era abalada com novas tragédias. O organismo frágil de Emily não suportou o ataque da moléstia, e ela enfrentou a morte com uma coragem característica. Anne encontrou forças ainda para escrever um segundo romance, "The Tenant of Wildfell Hall", mas morreu no ano seguinte. Ficou então Charlotte enfrentando a vida sozinha naquela casa sombria, tendo como única companhia o velho pai. Nada lhe restava a fazer senão prosseguir na sua obra literária; e, embora escrevesse sem a inspiração da presença de suas irmãs, produziu dois outros romances, "Shirley" e "Villette".

Tal como "Jane Eyre", ambos descrevem mulheres capazes de pensar e decidir por si próprias. E todos os três livros foram criticados justamente pela forte independência de espírito que revelavam. Charlotte revelou a mesma independência de espírito em sua própria vida recusando mais de uma proposta de casamento, e chegou aos 37 anos antes de se decidir a casar. Depois de menos de um ano de felicidade acompanhou suas irmãs ao túmulo.

A história da vida das irmãs Bronte tem uma fascinação extraordinária. Elas enfrentaram a vida corajosamente, e venceram. Não procuraram o amparo e a proteção de um marido, mais orgulhavam-se de confiar na sua própria força. A vida lhes apresentou muitas tragédias e desilusões, mas esses elementos adversos foram usados como material para a construção de seus grandes romances.

As irmãs Bronte são lembradas não só como grandes artistas mas também como jovens que alcançaram êxito sem influências, sem o auxílio dos outros, e pavimentaram o caminho para a grande liberdade de que desfrutaram as mulheres inglesas nos tempos modernos.



O MOSTEIRO DE SÃO BENTO ATRAVÉS DOS SÉCULOS — RELÍQUIAS ARQUITETÔNICAS E ESCULTURAIS — A BIBLIOTECA DO CONVENTO — OSSOS DOS APÓSTOLOS TRAZIDOS AO SÉCULO XX

Escreveu
CELIUS AULICUS

Fotografou
ARNALDO VIEIRA

EM cima do morro, onde se chega por uma ladeira íngreme e tortuosa, pavimentada de paralelepípedos uniformes e claros, ergue-se a massa cinzenta do mosteiro, dominada pela torre barrôca, cujo campanário estende a sua sombra melancólica sobre o lagedo do pátio fronteiro, mal o sol começa a declinar. A fachada do convento é um monumento arquitetônico de valor incalculável, uma maravilha da arte do século XVI, raridade que conseguiu chegar intacta até os dias de hoje graças ao espírito conservador dos monges da Ordem. No centro do edifício abre-se uma larga porta de madeira lavrada, monumental e negra. Mas a entrada se faz em geral por um portão pequeno pôsto à direita. E foi por ali que passámos, ganhando o interior do Mosteiro de São Bento.

Logo à entrada as pequenas maravilhas ornamentais do convento aparecem ao visitante, lembrando datas passadas e diversas. Já no saguão um crucifixo de madeira nos mostra um Cristo esculpido por um artista do tempo da fundação do mosteiro. O corpo, em seus mínimos detalhes anatômicos, revelam de maneira eloquente a perfeição do cinzel que o criou. Os músculos do Deus agonizante delineam-se com uma perfeição notável, e a sua expressão fisionômica é a imagem do sofrimento resignado de que nos fala a Escritura. E, dentro da sala ampla e penumbrosa, o Nazareno lança sobre os que entram um olhar cheio de melancolia, como uma acusação penetrante à consciência de cada um. Esta, a primeira impressão que nos deu o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

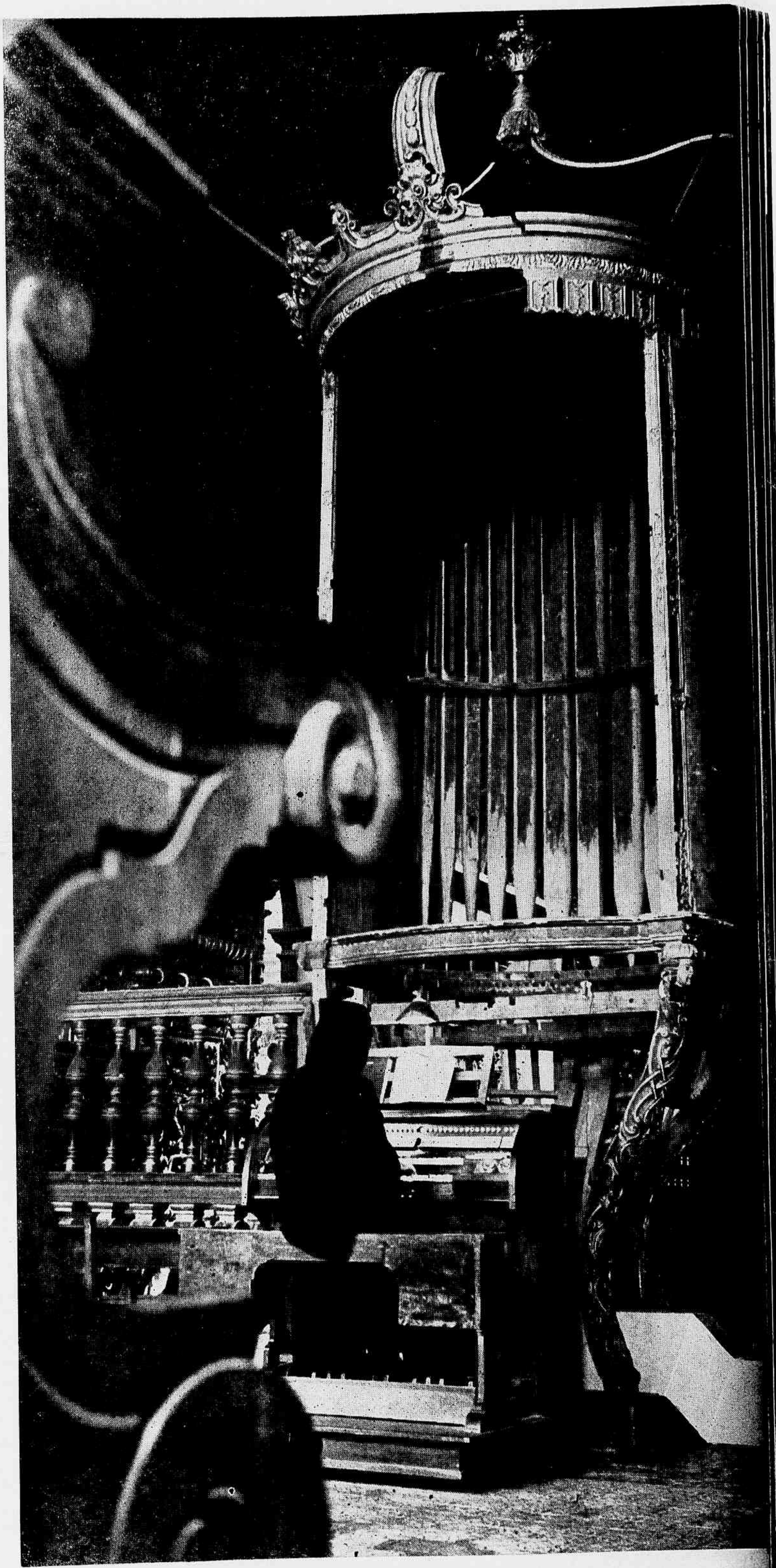
O CONVENTO ATRAVÉS DOS SÉCULOS

O edifício monacal do alto do morro de São Bento é o mais antigo monumento religioso desta capital, datando sua construção de 1586. Elevado à dignidade de abadia dez anos depois, o convento foi tendo o seu edifício remodelado e ampliado, até chegar a ser o que é hoje. A igreja que se ergue no próprio corpo do bloco arquitetural, é entretanto de construção antiquíssima, e os seus trabalhos de talha foram apreciados pelos primeiros habitantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Remodelações e ampliações foram sendo feitas no edifício, e dentro de poucos anos ele podia ser considerado como um magnífico monumento, que deveria mais tarde ser legado à história como uma lembrança grandiosa de uma época de fausto e de grandeza, um século de fartura e abundância, quando a constelação dos estados europeus girava tóda em torno do ouro brasileiro, conduzido para Lisboa no bôjo dos galões artilhados. E das lavras do Tejuco e de Vila Rica vinham para o Rio os tesouros arrancados do seio da terra fabulosa e nobre, que iam enfeitando as paredes e enchendo as arcas do erário do mosteiro.

E, através de trezentos anos de vida, os monges foram acumulando dentro das quatro

O órgão do mosteiro enche a igreja e o claustro de uma música cheia de evocação e misticismo. O organista, coberto pelo capuz negro, na solidão do templo, ensaia as músicas sacras para a missa do dia seguinte.



TRÊS SÉCULOS DE VIDA DE UM MONUMENTO HISTÓRICO

fe, mensagem do gênio creador dos nossos primeiros artistas às gerações futuras.

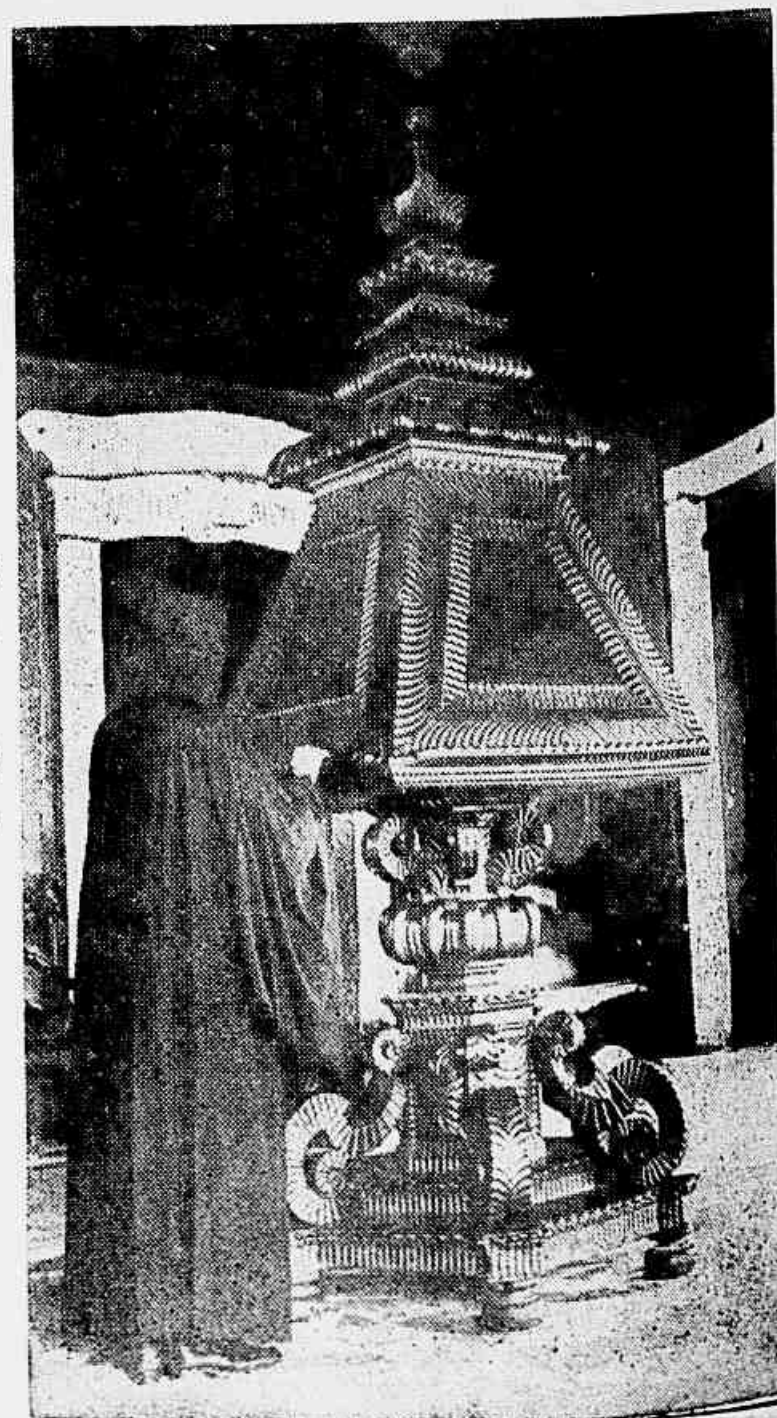
LIVROS SECULARES

Existe no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, como de ordinário em todos os conventos da Ordem, uma grande biblioteca, onde se guardam preciosidades bibliográficas, manuscritos valiosos e edições seculares de obras pias. Foram aliás estas casas religiosas as guardiãs dos pergaminhos e objetos de arte, que lograram escapar aos bárbaros invasores e, atravessando a era da decadência do Império do Ocidente e a Idade Média, chegaram à Renascença intactos, graças à dedicação dos monges, que os custodiaram e conservaram em suas bibliotecas.

Assim, também, o mosteiro do Rio conserva essas tradições de cultura e erudição da Ordem de São Bento. A velha biblioteca do convento, construída no pavimento superior do edifício, hoje mudada para outra sala, onde funciona provisoriamente, é uma coleção notável de livros impressos e manuscritos, colecionados ano a ano, cuidados com desvelo pelo irmão bibliotecário. Entre as raridades que ali encontramos destacamos como as mais interessantes uma coleção de letras corais impressas em pergaminho, encadernadas ricamente em grandes volumes, que serviam aos frades, desde a fundação do convento, para que por eles se dirigissem quando entoavam os psalmos. Esses livros, como todos os volumes da biblioteca, estão hoje acomodados em estantes provisórias de madeira, pois a velha biblioteca do mosteiro serve atualmente de refeitório aos alunos do ginásio mantido pelos frades. Nas remodelações por que passará o edifício está compreendida a edificação de uma sala adequada a essa dependência, para onde serão transportados todos os tesouros bibliográficos da comunidade.

E' interessante repetir aqui o valioso trabalho da Ordem beneditina, no que se relaciona à cultura escolástica e ao trabalho de pesquisas científicas e artísticas, relacionadas à antiguidade clássica. Nos conventos da Europa, durante a decadência, as únicas bibliotecas que escaparam à fúria das hordas godas e da infiltração bárbara, foram justamente as coleções da Ordem de São Bento. E foi assim

Aqui está a velha estante do côro, onde antigamente os monges punham os livros dos psalmos para a leitura coletiva. Hoje, este móvel é apenas uma relíquia histórica que se guarda com carinho no mosteiro.



Nos corredores do convento vamos encontrar a cada instante crucifixos que são maravilhosas obras de arte, esculturas que revelam o perfeito senso estético e conhecimentos anatómicos dos artistas que os compuseram. Nesta foto aparece ao fundo um destes maravilhosos Cristos, vendo-se em primeiro plano uma das sinetas do mosteiro. Não falta aqui também a sombra simbólica do monge, que passeia pelo corredor, meditando sobre as coisas da vida e os mistérios da morte.

paredes do velho palácio as peças mais representativas das escolas artísticas das diferentes épocas, que hoje formam uma das mais preciosas coleções do Rio, fazendo do Mosteiro de São Bento um verdadeiro museu, pleno de curiosidades históricas para aqueles que o visitam. A própria estrutura da casa é uma maravilha de arte decorativa e de arquitetura sacra. A igreja, cujas paredes se forram de trabalhos riquíssimos de talha quinhentista, é grandiosa e solene, emprestando ao ambiente um aspecto grave e místico, que nos enche a alma de emoção. Nela nada se encontra que quebre a homogeneidade das linhas barrócas que presidiram à sua construção. Florões de um vermelho desmaiado sobem pelas paredes

do templo, numa sucessão maravilhosa de formas delicadas, terminando na base da nave magnífica, de onde desce a luz do sol, filtrada pelos vitrais monumentais. O jôgo da luminosidade e da penumbra transforma o recinto numa igreja irreal, um ambiente imaginário de ilustração da "Divina Comédia". Custamos a crêr, dentro da igreja beneditina, vazia e silenciosa, que nos encontremos no perímetro urbano do Rio de Janeiro. Diante das ornamentações monumentais o homem se abate e se amesquinha, vencido pela grandiosidade daquela arte maravilhosa e antiga. Os nossos pensamentos se voltam para os tempos em que se edificou no Rio, ante a estupefação dos nativos, aquele monumento de misticismo e

que os seus tesouros nos chegaram às mãos, apesar das guerras e dos azares. Quando da Revolução Francesa foram confiscados pelos exércitos patriotas, durante as vinditas da Vendéia, os mosteiros da Normândia e Bretanha. Os soldados, porém, vinham com ordens severas de resguardarem a todo custo as obras de arte consideradas pela Convenção, e mais tarde pelo Diretório, como propriedades da República. Napoleão ascendeu ao Consulado, tornou-se imperador e desencadeou a guerra. Continuaram as confiscações dos mosteiros. E foi daí que advieram para as bibliotecas públicas de França, as riquezas que as distinguem hoje. Os velhos manuscritos clássicos, os raros livros escritos ou compilados na Idade Média pela erudição dos monges, saíram do recinto restrito das bibliotecas monásticas para as salas modernas das bibliotecas populares. A própria Biblioteca Nacional de Paris, orgulho da ciência e das letras do nosso século, possui a maior coleção de manuscritos do mundo, da qual uma grande parte foi retirada das celas dos conventos do Norte, pelos granadeiros de Murat e de Bonaparte.

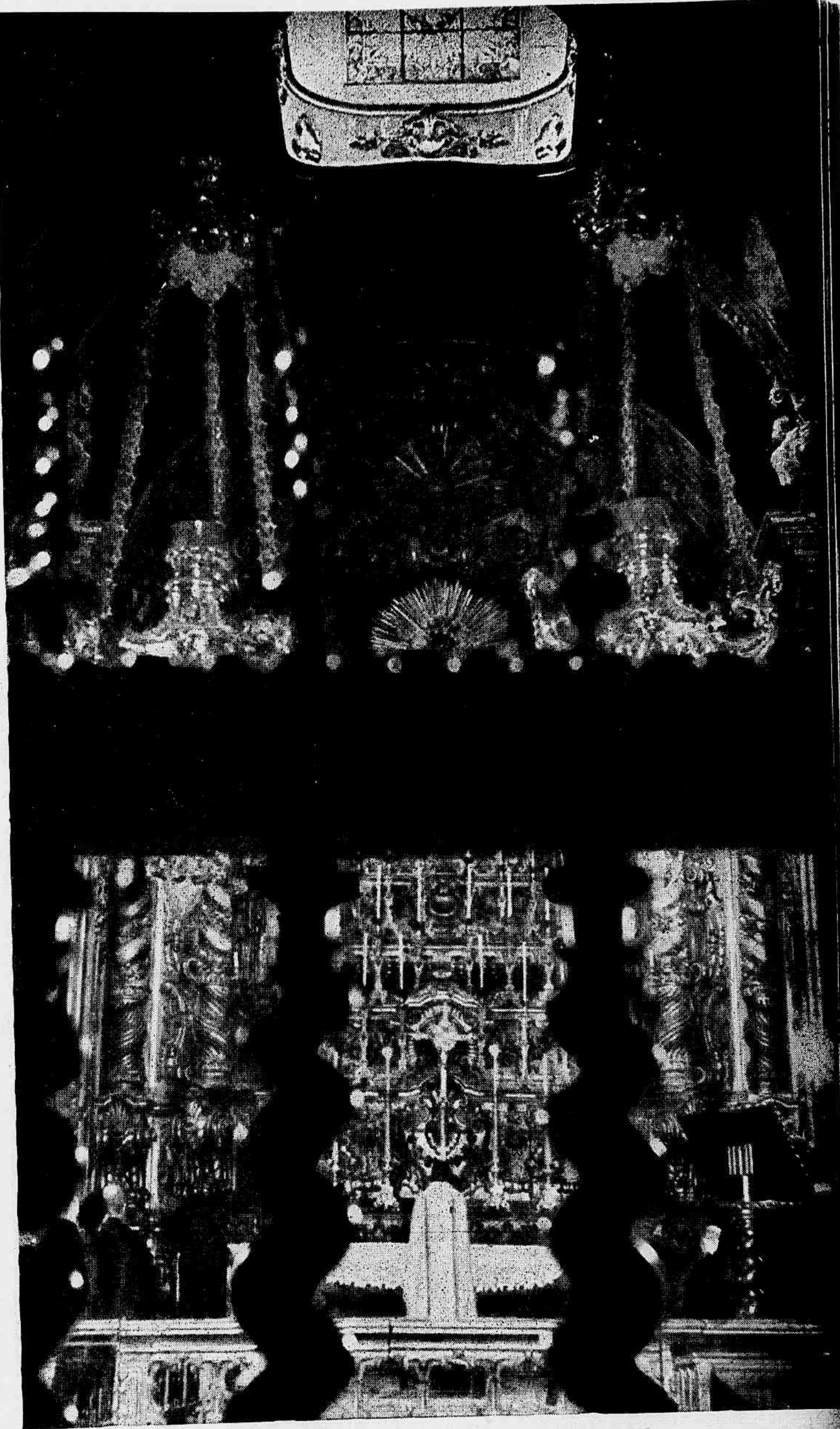
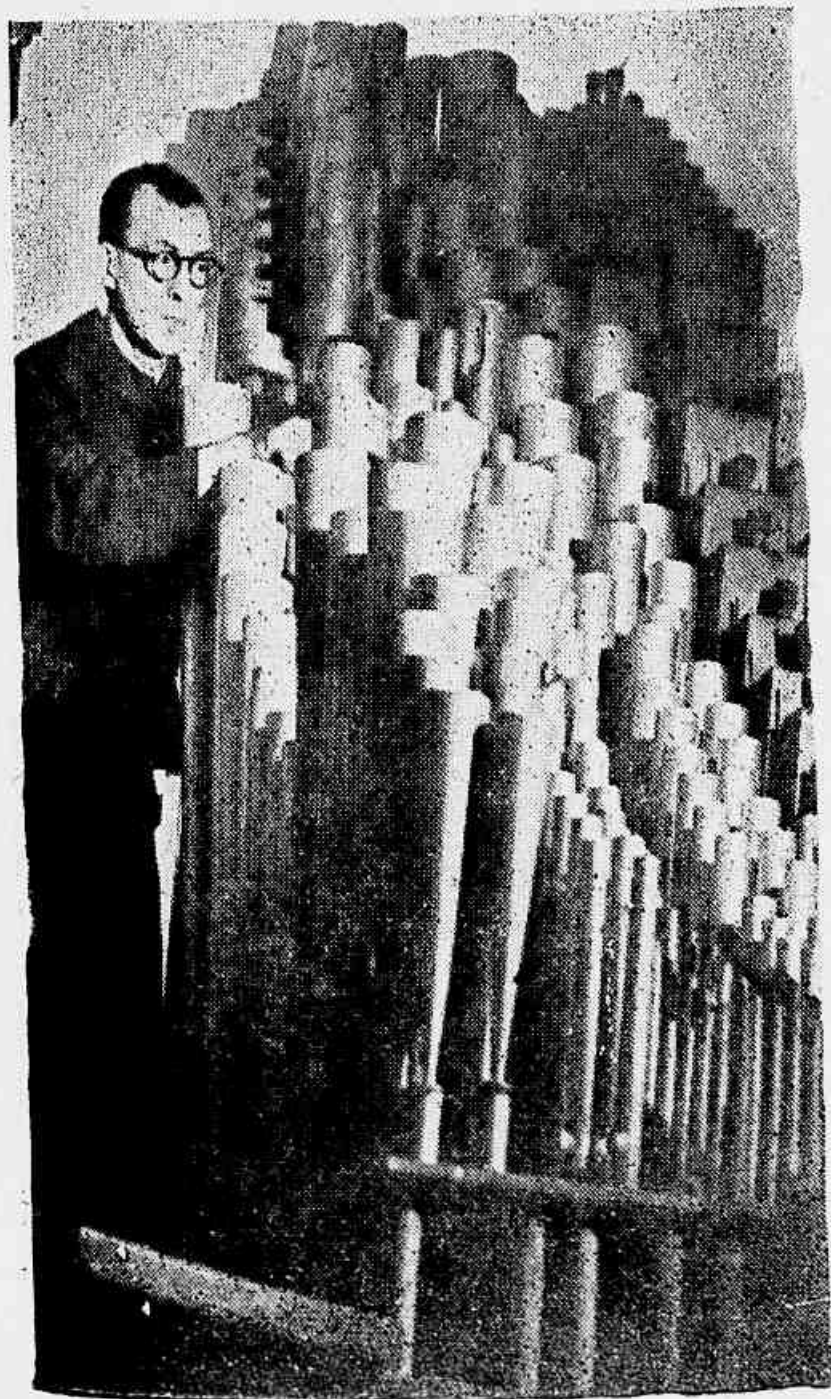
No Brasil tal não aconteceu. A igreja, que viveu até o advento da República ligada ao Estado, foi considerada não oficial automaticamente pela revolução branca de 15 de Novembro. Mas não se confiscaram propriedades nem se desapropriaram bens. Este foi o único golpe adverso por que passaram as ordens religiosas no Brasil. E por isso mesmo estão completas e bem conservadas até agora as maravilhas bibliográficas do mosteiro.

PROPRIEDADE DO ESTADO

O mosteiro e suas instalações são porém, hoje, propriedade do Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, e a sua conservação é fiscalizada por aquele departamento oficial. Todas as obras de arte que completam o seu patrimônio estão também sujeitas à tutela do Serviço, que deve zelar para que nada se modifique em prejuízo da arte e do valor histórico do mosteiro.

Os monges da comunidade residem no mosteiro, administram-no e ali se entregam às suas orações. Mas o trabalho de conservação do edifício é de competência exclusiva do

D. Plácido, organista do mosteiro, examina os tubos sonoros do maravilhoso instrumento que rege os cantos dos psalmos durante os ofícios religiosos. Ele é considerado por todos um dos grandes organistas do Rio.



Vista daqui, por detrás da grade do côro, a igreja apresenta o aspecto grandioso de um templo de Roma. Pelas paredes monumentais desdobram-se as talhas barrocas, numa sucessão maravilhosa. As luzes acesas nos candelabros de metal nobre dão maior solenidade ao ambiente. O sacerdote, diante do altar, preside ao santo sacrifício da missa. Tudo é grandioso e belo. Pela nave bordada coa-se, através do vitral, a luz do sol tropical, que chega à igreja diluída e fria.

Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. A posse do convento pela Ordem torna-se assim uma espécie de usufruto concedido à congregação. Existe, entre aquele serviço federal e a Abadia de São Bento, um elemento de ligação que, conhecedor dos interesses do Estado e da comunidade, concilia-os em proveito de ambos, ficando o Mosteiro de São Bento perfeitamente enquadrado entre as relíquias que formam hoje o nosso patrimônio histórico. Este elemento é o monge D. Clemente Maria, profundo entendedor da crônica do mosteiro e que conhece, em seus mínimos detalhes, a história e as origens de todas as obras de arte ali colecionadas. Tem ele um cargo permanente no Serviço do Pa-

trimônio Artístico e Histórico, o que lhe dá maior autoridade ainda para que trate do assunto. E' ele, pois, uma espécie de cronista do convento.

Agora, em virtude do aumento do número de monges da comunidade, tornou-se uma necessidade premente a ampliação das instalações do edifício, que deve comportar novas celas, onde se possam acomodar os novos frades ingressos na Ordem. Assim, estão sendo elaborados os projetos da construção, que deverá ser iniciada tão logo eles estejam concluídos. O autor desses projetos é o irmão Paulo, um leigo da Ordem, conhecido ilustrador e arquiteto, que em sua vida anterior exercera atividades de artista em Salvador

O frade confessor segura a hóstia para a comunhão de todos os monges do convento. O capuz branco não é o que usam os beneditinos, cujos hábitos, completamente pretos, deram-lhes o cognome "monges negros", com que eram conhecidos na Idade Média.

da Bahia. Irmão Paulo trabalha de modo a que seja respeitada toda a parte antiga do edifício do mosteiro, e que as novas dependências sigam, em sua estrutura, as linhas básicas da arte barroca. E, apesar de ser ele um artista modernista cem por cento, traça as plantas de superfície e levanta os projetos das fachadas de acordo com o estilo colonial, do qual o mosteiro continuará sendo um dos mais genuínos monumentos em todo Brasil.

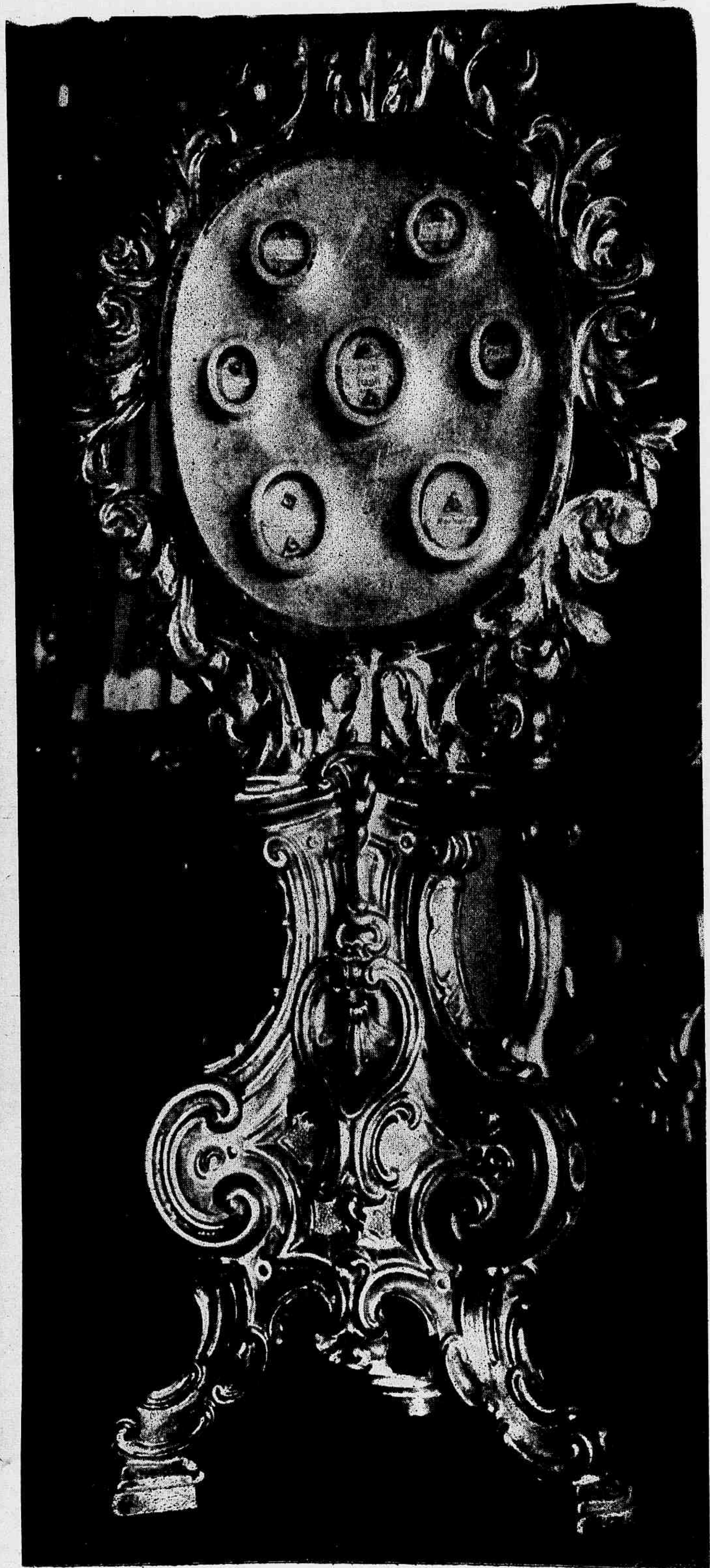
Irmão Paulo, um artista notável que se esconde sob o hábito negro dos beneditinos, tem emprestado muito de seu admirável trabalho ao mosteiro, onde, nos momentos que os seus deveres de moderno asceta lhe deixam livres, esculpe, desenha e arquiteta, revelando em todos estes ramos difíceis das belas artes uma iluminada inspiração e um senso de estética profundo e puro. A sua escola é, sem dúvida, a modernista. Não têm as suas figuras entretanto, esculpidas ou desenhadas, esse exagêro de forma tão peculiar aos artistas profanos. Em nossa visita ao Mosteiro de São Bento tivemos ocasião de apreciar muitos de seus trabalhos, entre os quais os projetos já elaborados das novas dependências do convento. Também pudemos ver os desenhos que ilustram os livros de missa dos quais se servem os frades para acompanhar as orações durante o santo sacrifício. São elas passagens do Evangelho, alegorias referentes à comunhão, e outros quadros da vida religiosa. Tudo isto se segue em ilustrações magníficas, traçadas em pura linha modernista. As figuras têm uma expressão que lhes dá uma vida própria e uma originalidade notável; os Cristos de irmão Paulo são obras de arte dignas de figurar nas grandes coleções de ilustração moderna. Mas o trabalho máximo do religioso, a sua obra-prima e consagradora, é um crucifixo pequeno, um bronze que está reproduzido pela comunidade a que pertence, para divulgação de sua arte. Essa pequena obra-prima, não se sabe por que, ainda não figurou em nenhuma mostra de arte coletiva. Também ignoramos os motivos por que seja o irmão Paulo um nome inteiramente desconhecido no mundo profano, já que a sua qualidade de monge em nada poderia impedir a divulgação de suas obras de arte.

O RELICARIO

Além da grande igreja do mosteiro existe no pavimento superior uma capela, de uso privativo dos monges, onde também se guardam objetos de arte de alto valor, entre os quais se destaca um relicário finamente trabalhado, cuja origem se perde nos fins do século XVI. Compõe-se esse relicário de duas peças — uma de metal, outra de vidro — constando essa última de vários pequenos escaninhos, onde se guardam ossos dos apóstolos. Essas relíquias pertencem ao mosteiro desde os seus primeiros dias, e até hoje ali se encontram, guardadas na capela para onde foram trazidas da Europa. E desde então ali se encontram, custodiadas pelos monges, como o símbolo de sua própria fé na religião de Cristo e na Igreja Católica.

A capela, como a igreja, tem suas paredes todas trabalhadas em fina talha, e o lavor de seu teto é outra perfeição da arte barroca a que se dedicaram os frades quinhentistas. O altar é uma miniatura perfeita de arquitetura colonial.

O relicário do Mosteiro de São Bento, todo trabalhado em metal nobre, apresenta um mostruário de vidro, com escaninhos onde estão guardados ossos dos apóstolos. Ali se encontram pequenas partes das ossadas de São Pedro e São Paulo que, de mosteiro a mosteiro, vieram ter ao Brasil.



de
o
nte
que

do
do
en-
á-
um
as
tos
al,
los
sil.
se
os,
ra-
ue
ei-
re-
be-
nso
a é,
uas
las,
tis-
o de
itos
etos
con-
que
ser-
ções
gens
mu-
ludo
tra-
uras
vida
Cris-
ghas
ração
igio-
um
a re-
ence,
uena
não
ativa.
seja
esco-
qua-
dir a

existe
e uso
guar-
re os
e tra-
do sé-
duas
cons-
scani-
stolos
desde
ncon-
foram
se en-
mo o
Cristo

aredes
vor de
ôca a
as. O
tetura

ado em
com es-
los. Ali
o Pedro
um





Outra dependência que merece ser lembrada, pela maravilhosa ornamentação de seu teto, é o claustro superior do mosteiro, forrado de jacarandá trabalhado, onde se mostram o senso estético e a firmeza do cinzel do artista que o construiu.

A VELHA ESTANTE DO CÔRO

Quase tudo o que existe no Mosteiro de São Bento está conservado com zelo, de maneira que o tempo pouco fez sentir a sua ação destrutiva sobre os móveis e objetos de arte. E estes como aqueles ainda se encontram em aproveitamento pela comunidade, que até nisso vem revelar o seu espírito conservador e tradicionalista. Mas, existe uma magnífica peça, anacrônica e arcaica, cuja utilidade deixou de existir e que por isso mesmo ali está hoje, como parte integrante da estrutura geral do edifício, apenas como uma curiosidade de museu e uma curiosidade artística. É a velha estante do côro. Um móvel constante de um longo pé em garras e uma prancheta composta de quatro faces. Hoje esse móvel já não é mais utilizado, justamente porque a sua função era sustentar os livros do côro, que nos séculos passados compunham grossos e pesados volumes, encadernados em madeira ou couro. Os frades formavam um círculo em volta da estante e, divididos em quatro grupos, liam nos velhos livros as letras dos psalmos. Hoje, entretanto, as partituras têm uso individual e são distribuídas pelos cantores, de maneira a facultar o uso da estante, que passou a figurar no convento como uma antiguidade querida, que assinala uma época da vida daquela casa como um marco histórico. Os próprios hábitos dos monges de São Bento, apesar de seu espírito conservador e tradicio-

O armário onde se guardam muitos dos objetos de arte que formam a vasta coleção do mosteiro. Quando se abre uma de suas portas, espalha-se pelo quarto um brilho de ouro velho. Taças de prata lavrada, cruzes de marfim, caixas de ouro, candelabros trabalhados em metal nobre — tudo é guardado aqui.

nalista, modificaram-se com os anos, embora em ritmo brando. A luz elétrica, como não poderia deixar de ser, foi introduzida no mosteiro. Mas onde a iluminação não se faz indiretamente, as lâmpadas são adaptadas aos velhos candelabros ou postas no bôjo dos lam-

peões coloniais, afim de que a casa não perca as suas características de convento barroco.

E assim o velho mosteiro continua a sua vida, como uma lembrança perene do gênio creador dos colonizadores, e ali continuará ainda pelo século dos séculos.

Entre as funções alheias à oração que exercem os beneditinos do Rio está a de educador. Eles mantêm, junto ao convento, um colégio frequentado por mais de mil alunos. Aqui estão os meninos e rapazes do Colégio São Bento, à hora do almoço. Este é feito no refatório do colégio, instalado na antiga biblioteca do mosteiro.



Ele disse que sa-
beria controlar
seus nervos...

NÃO DIGAS: NUNCA MATAREI!

Novela de
NEIL
MACADAM

— Pois orgulho-me disso — retrucou Barley.

Mr. Charteris afundou mais na poltrona, encarou através da cortina de fumaça que lançara havia poucos segundos, ex-
pellindo-a pelo nariz e pela boca, e disse:

— E tem razão, meu caro Barley. Mas você não compreendeu onde eu queria chegar. Eu não tinha a intenção de provar que o controle dos nervos é um defeito; nem queria dizer que ninguém o tem.

— Qual era sua intenção, nesse caso? Charteris sorriu:

— Queria dizer que **você** não tem controle sobre os seus nervos...

— Escute, Charteris: somente porque você pendurou um letreiro no seu consultório, informando que é psiquiatra, isso não quer dizer que seja infalível. Eu me chateio.

— Engana-se. Eu confesso que ninguém melhor do que a própria pessoa pode conhecer as suas possibilidades, em determinadas circunstâncias. Mas você, não. Como pode um homem saber se resistirá a uma prova, sem ter-se submetido, antes, a prova idêntica? E, mesmo nesse caso, nem sempre é possível...

— Você acha que minha vida é um mar de rosas...

— Não diria isso. Mas não hesito em afirmar que você não conheceu ainda nenhuma das situações de real angústia. Você é rico, tem boas relações, uma esposa adorável... É verdade que tem preocupações, como todos nós, mas quantas vezes já se viu numa situação desesperadora? Nenhuma. Quantas vezes já sentiu de perto a morte, ou coisa pior do que a morte? Nenhuma. Onde, você não poder dizer que tem controle sobre os seus nervos, pois ainda não os pôs à prova. Imagine que você, saindo daqui, de minha casa, hoje, fôsse prêso. Prêso, digamos, por um assassinato que não cometeu. E que fôsse julgado e condenado à

morte. Se até o último instante você não fraquejasse, não se entregasse ao desespero, não perdesse a razão, então poderia dizer que tem controle sobre os nervos.

— Por que você não fabrica uma situação para pôr-me à prova?

— A vida tem cada uma... Eu sou, como você sabe, um inveterado pessimista, e acredito que cada homem terá pelo menos uma tragédia na sua vida. A sua virá...

— Sai, azar!

— Não é um desejo: é uma opinião baseada em estatística fidedigna...

— De qualquer maneira, é uma opinião extremamente desagradável...

— Ora. Não a deixe preocupá-lo, ou serei forçado a acreditar que seu sistema nervoso não é tão forte assim...

— Charteris, você quer que eu lhe diga uma coisa mais sincera do que é hábito dizer-se, mesmo entre velhos amigos como nós dois?

— Diga.

— Vá para o inferno

O psiquiatra olhou-o com um sorriso enigmático e disse:

— Não me ofendeu.

O automóvel ia descendo devagar a rua. Barley refletia.

— Que houve? — perguntou ao chauffeur quando de repente o carro parou.

— Parece que um dos pneumáticos está com pouco ar...

— Ora! Por que você não verificou isso antes de partir...

— Eu acho que está furado. Deve ter furado no caminho.

— Bem, eu salto aqui. Quando chegar em casa telefonarei para a garagem para que venha buscá-lo. Fique aqui com o carro.

Aquela hora era difícil a condução, e por isso ele resolveu tomar um bonde que

ia passando. Saltou perto de casa, bem na esquina da rua, e foi caminhando devagar, rua acima, assobiando baixinho. Ao aproximar-se da sua residência, porém, notou, com surpresa, que as luzes estavam acesas, apesar de já passar das duas da manhã e que uma vitrola estava tocando, sendo ouvida com nitidez, apesar de estar com pouco volume, pois o silêncio era completo. Ao chegar ao portão cruzou com o guarda noturno que, tirando o boné, desejou-lhe boa noite.

— Boa noite — respondeu-lhe Barley, e entrou em casa.

As luzes do hall estavam apagadas, mas as da sala de visitas lançavam um jato através dêla, iluminando-o. Caminhando lentamente Barley entrou na sala.

— Olá, Barley...

Das profundezas de uma confortável poltrona Charles Brighton contemplava-o.

— Você por aqui?

— Exatamente. Imagine você que hoje à noite eu tinha um jantar horivelmente massante e que quando ia passando, a caminho do suplicio, encontrei com Catarina, que ia entrando. Jantei aqui.

— Ah!

Catarina, que estava sentada numa poltrona próxima, disse:

— Que foi que houve com você, meu amor? Demorou tanto. Charlie fez questão

de esperá-lo e olhe até que horas você nos fez ficar sentados aqui...

Charlie sorriu:

— Não tem importância. A conversa estava muito agradável.

— Obrigada.

— Não tem de que.

— O senhor me confunde.

— Não devia. A senhora já devia saber, hoje, que a amo desesperadamente, e que se não fôsse a existência dêsse bandido dêsse seu marido, já teria cierecido minha mão.

— Ah! Agora não se pede a mão da moça? E' o rapaz que oferece a sua?

— Ou ela pede a mão dêla.

— Interessante. Só falta agora inventar o dote para os filhos homens.

— Quem sabe?

Barley estava acostumado àquelas brincadeiras de Charlie, mas, sem saber por

Cont. na pag. 40





— Que é isso, Mendes? Você esteve bebendo, querido?



— “Querido, enquanto vou fazer uma visitinha a mamãe você pode tratar do almoço. Tome nota das instruções. Primeiro limpe a louça de ontem. Depois...”



— O primeiro que se mexer come fogo!



— Mamãe... Imagine que ele quis dormir no meu quarto...

DE BOM HUMOR



O Cachimbo da Paz



TROPA EM DESCANSO — Soldados de infantaria da Força Expedicionária Brasileira descansam junto a um "tank" avariado da Primeira Divisão Blindada norte-americana, no caminho da cidade de Montese. Essa cidade foi capturada em operações conjuntas com o exército norte-americano, dias antes do término das operações da guerra européia. Nossos bravos rapazes estão, agora, em justo e merecido repouso, aguardando ordens de regresso à Pátria.

ECOS DA GUERRA

A HORA DO RANCHO — A tripulação de um carro de reconhecimento da F. E. B. almoça, durante o avanço de ofensiva da Primavera na Itália. A esquerda, cabo Antonio Pereira Pinto, de Aquidauana, Mato Grosso, tendo ao lado o soldado Aristides Pereira dos Santos, do Rio de Janeiro. A hora do rancho é sagrada e, salvo quando a cobra estava fumando em grande escala, os soldados cessavam suas atividades para fazer bém ao estômago duas e três vezes por dia.



Mesmo com a luta cessada no cenário europeu, luta que por sinal prossegue em outro setor, ainda não foram devolvidos à Pátria os heróicos e destemidos soldados brasileiros. Eles não correm mais o mesmo risco de vida, mas continuam longe da terra natal, embora, neste momento, em repouso, percorrendo as cidades que a sua bravura conquistou ao inimigo nazista. Eis por que continuaremos divulgando material fotográfico recém-vindo, na certeza de estarmos satisfazendo os desejos de nossos leitores, principalmente daqueles que tenham parentes junto às Forças Expedicionárias Brasileiras. Nesta página, e em páginas dos números subsequentes, os que nos distinguem com a sua leitura hão de encontrar copioso material documentário do esforço e da coragem de nossos patriotas. Em breve eles aqui estarão, desfilar pelas avenidas cariocas e recebendo as homenagens da população...

METRALHADORA ALEMÃ CAPTURADA — A tripulação de um carro de reconhecimento da F. E. B. examina a metralhadora alemã que tomaram, na véspera, durante a captura da cidade de Montese, no norte da Itália. Vê-se à esquerda o soldado Antonio Barbosa, de Barra do Piraí, Estado do Rio, com o primeiro sargento Rozendo Gomes, de São Gabriel, Rio Grande do Sul.



SEARA HISTÓRICA

ESCRAGNOLLE DORIA

PROCLAMADA a República, no Rio de Janeiro, em Novembro de 1889, pelo Exército e pela Armada, em nome da Nação, os sucessos do novo regime tiveram por primeira crônica um artigo em jornal diário.

Intitulava-se o artigo sem menção de autor "Uma Noite Histórica". Descrevia sobretudo a cena do embarque de D. Pedro II no Cais Pharoux, em alta madrugada de domingo 17 de Novembro, com destino à corveta "Parnaíba".

Então foi, e até hoje é atribuído a Raul Pompéia o artigo "Uma Noite Histórica" — que constitui depoimento valioso. Quando dado à estampa produziu "grandíssima impressão", segundo Carlos de Laet, nos casos de atestar.

No correr do tempo os sucessos de Novembro de 1889, mormente os dos seus dias 15, 16 e 17, suscitaram e ainda suscitam outros escritos que, despertando ou não controvérsias, prestam serviço à história e aos julgamentos de figuras de maior ou menor vulto e ação.

Aos citados escritos venha apostila a fatos narrados e conhecidos. Refere-se a apostila a quanto com miudeza ocorreu a bordo da "Parnaíba", da véspera da proclamação da República ao transbordo de D. Pedro II, de sua família e de sua comitiva para o vapor "Alagoas", encarregado de levar a Lisboa todos aqueles passageiros especiais.

A 14 de Novembro de 1889, por tempo bom, largava a "Parnaíba", às cinco da manhã, o escaler das compras. Logo depois atracava outro escaler, vindo do Arsenal de Marinha, e transportando o capitão-tenente Antonio Francisco Velho Junior.

Da parte do ministro da Marinha, o barão de Ladário, ordenou aquela oficial o desembarque das metralhadoras do navio, municionadas e guarnecidas; ordem não cumprida por terem as armas 25 mm de calibre, além disto desprovidas de reparos de campanhas.

Às cinco e meia da manhã saíram dois emissários em busca do comandante, capitão de fragata Palmeira, e de oficiais do navio, quando novo escaler do Arsenal trazia a bordo o capitão-tenente Artur de Azevedo Thompson.

Disse este querer o ministro um desem-

barque de força, composta de um 2.º sargento, um cabo e de quarenta praças, cada uma com vinte cartuchos embalados. A força partiu às 7½ no rebocador "Guarary".

Baldeou-se o navio, o escaler das compras regressou com 102 rações da tabela. Mudou-se uniforme, o 3.º, fazendo-se o competente sinal ao navio de registro.

No dia seguinte, 15 de Novembro, ainda fora a força desembarcada na véspera, e regressados para terra o comandante e oficiais chamados, veio atracar a "Parnaíba" um escaler com o secretário do Depósito Naval e com os 2.ºs tenentes Rosauro de Almeida, Azevedo Alves e Arnaldo Sampaio, a incorporarem-se às forças no Campo de Santa Ana, onde, no Quartel General do Exército, o ministro Ouro Preto tentava opor-se a Deodoro, à testa de movimento militar, afinal de êxito, proclamando a República e lhe constituindo Governo Provisório.

A uma da tarde, em batelão do Arsenal de Marinha, regressava para seu bordo a força desembarcada na véspera da "Parnaíba".

Recebeu esta ordem de novo ministro da Marinha, Vandenkolk, mandando que os navios de guerra mantivessem a bordo força proporcional à sua função e pronta a desembarcar à primeira voz, completamente municionada para desembarque, escalados para ela um oficial, um sargento, um cabo e quarentas praças.

A 16 de Novembro de 1889 até meio dia nada de novo se observava na "Parnaíba", apenas movimento de oficiais. Às duas da tarde apareceu a bordo o 2.º tenente Eurico Pedrosa, portador de ordem do Ajudante General, a de passarem para o encouraçado "Riachuelo", de escolta ao "Alagoas", cinco maquinistas contratados, devendo apresentarem-se ao capitão-tenente Miguel Pestana um oficial, completamente armado, e 25 praças prontos à primeira voz.

Pouco depois das dez e meia da noite nova visita buscou a "Parnaíba". Foi a de um tenente incumbido por Vandenkolk de indagar qual o espírito da gente do navio. Assegurou-se ao emissário o cumprimento das ordens do Governo Provisório.

Às três da madrugada, por tempo duvi-

doso, céu nublado, vento a correr de sudeste, atracou à "Parnaíba" uma lancha do Arsenal de Guerra. Conduzia D. Pedro II, a sua Imperatriz, alguns dos d'ê e também alguns fiéis, entre os quais o almirante Tamandaré, vulto magno da armada nacional. A êle glorioso ajuntava-se grupo humilde, de nobreza na hora amarga, o grupo de velhos criados do Paço. Não desamparavam os que tinham servido, quando a mudança de fortuna ou principalmente de regime abre logo ensejo a concurso de piroetas em tôdas as classes voltadas para vencedores.

Ausente o comandante, por ordem do Governo Provisório assumiu comando o capitão-tenente Serrano, a prontificar o navio para breve saída, a faina imediata terminada às 7 da manhã.

À mesma hora vinha à "Parnaíba" o tenente Emilio Campelo com a ordem de ser içada nova bandeira, tôda encarnada, com 21 estrelas brancas em diagonal.

Logo depois atracavam ao navio diversas embarcações de guerra e mercantes, nas quais viajavam pessoas que se vinham despedir de D. Pedro II e de seus companheiros de sorte. Um de tais visitantes era lente da Escola Naval, o dr. João Pedro de Aquino, envergando a farda de capitão de fragata honorário, pôsto dos professores do curso superior da Escola Naval.

Aquino, com viva emoção, havia de narrar a íntimos o seu encontro com o imperador que tanto o animara como educador.

Para D. Pedro II as visitas do dia haviam começado cedo, às cinco da manhã, com a chegada do tenente do exército Jeronimo França, incumbido de entregar ao monarca um decreto lhe concedendo, por doação única, cinco mil contos de réis para seu estabelecimento na Europa, o soberano não tocando jamais em um ceitil da soma por urgentes que lhe fôsem as necessidades.

Às sete da manhã estava a bordo um 2.º tenente trazendo ordem de ser içada bandeira da República, tôda encarnada, com 21 estrelas brancas em diagonal.

Logo após encostou na "Parnaíba" uma lancha, dela saltando um destacamento de soldados navais ao comando do 2.º sargento Albuquerque, depois substituído

pelo tenente Rosauro de Almeida. Entre oito da manhã e meio dia regressaram de terra o capitão de fragata Palmeira e oficiais do navio do qual Palmeira reassumiu comando.

Às nove e meia estavam a bordo os jovens príncipes filhos do conde d'Eu e da princesa Isabel, D. Pedro, de 14 anos, D. Luiz, de 11, D. Antonio, de 8.

Não cessava o movimento marítimo entre o Arsenal de Marinha e a "Parnaíba", à qual, às dez e vinte e cinco da manhã, chegava mais uma lancha, de passageiros único, um ajudante de ordens do ministro da Marinha. O oficial trazia determinação terminante, a de seguir sem mais demora a "Parnaíba". Cinco minutos depois seguia.

Ao demandar a barra, a corveta respondeu a sinal da fortaleza de Santa Cruz. Indicou-lhe destino: Ilha Grande.

Com máquina a funcionar regularmente, a "Parnaíba" passou pela Ilha Redonda, pelas Cagarras, apresentando-se ao meio dia na Ponta do Gama, e às três e tanto na lage da Marambaia.

Às duas horas o navio largara o seu velacho, navegando com o pano bem conhecido da gente do mar, bujaronas, boquete e vela latina.

Acabou a "Parnaíba" por avistar um vapor de sombra no horizonte. Era o "Alagoas" que depois entrou a navegar nas águas da corveta até fundearem ambos os companheiros de marcha na Ilha Grande e sua Enseada de Abrahão. Era ao cair em cheio da noite, de imagem tão pungente para amargurados, até que renovar da plena luz lhes dissipasse um tanto o que lhes sombreia mente ou memória.

Assim não sucederia aos amargurados da "Parnaíba", anotejada esta na Ilha Grande com tempo bom e vento do sul, cerração alta nos montes.

Da "Parnaíba" para o "Alagoas" começou cedo a ida e volta de escaleres para transporte de bagagens de visitantes da corveta para o vapor.

Precisamente às 8 e 35 da noite, em dois escaleres, embarcaram os passageiros do navio de guerra para o mercante. Nesse escaler ia o imperador e família, montados a sua comitiva, acompanhados todos pelo "Alagoas" pelo comandante e pelo capitão-tenente Serrano.

Aos poucos regressaram os escaleres por ordem do comandante da "Parnaíba", um voltando para levar uma cadeira para a disposição da princesa D. Isabel.

Voltou o escaler e amainou. Ouviram o toque de silêncio sempre de tão impressionante eco e sobretudo no momento histórico ao qual a "Parnaíba" dera o seu nome e estava dando o "Alagoas", fundeado de través de boreste da "Parnaíba".

À meia-noite e vinte o "Alagoas" suspendia para que o 2.º tenente Arnaldo Sampaio, de quarto na "Parnaíba", o registasse, a corveta suspendendo minutos depois das cinco da manhã.

Mas quão diverso o destino dos dois passageiros! Quão diferente a própria barba da partida de cada um dos dois navios.

Zarpava o "Alagoas" no denso da noite, que, bem fechada, torna mais temeroso o oceano no lembrar perigos. A "Parnaíba" zarpava da Enseada de Abrahão rompendo da manhã, impondo a luz que a semi-morte do sono estremunha.

Rumo do Norte, ao começo do dia, o "Alagoas" passava pela Raza, onde, apercebido pelo "Riachuelo", o vapor só às duas da tarde montando Cabo Frio por marcha atrasada pela pouca velocidade do encouraçado que, afinal, no meio da viagem, deixou o "Alagoas" navegando livre.

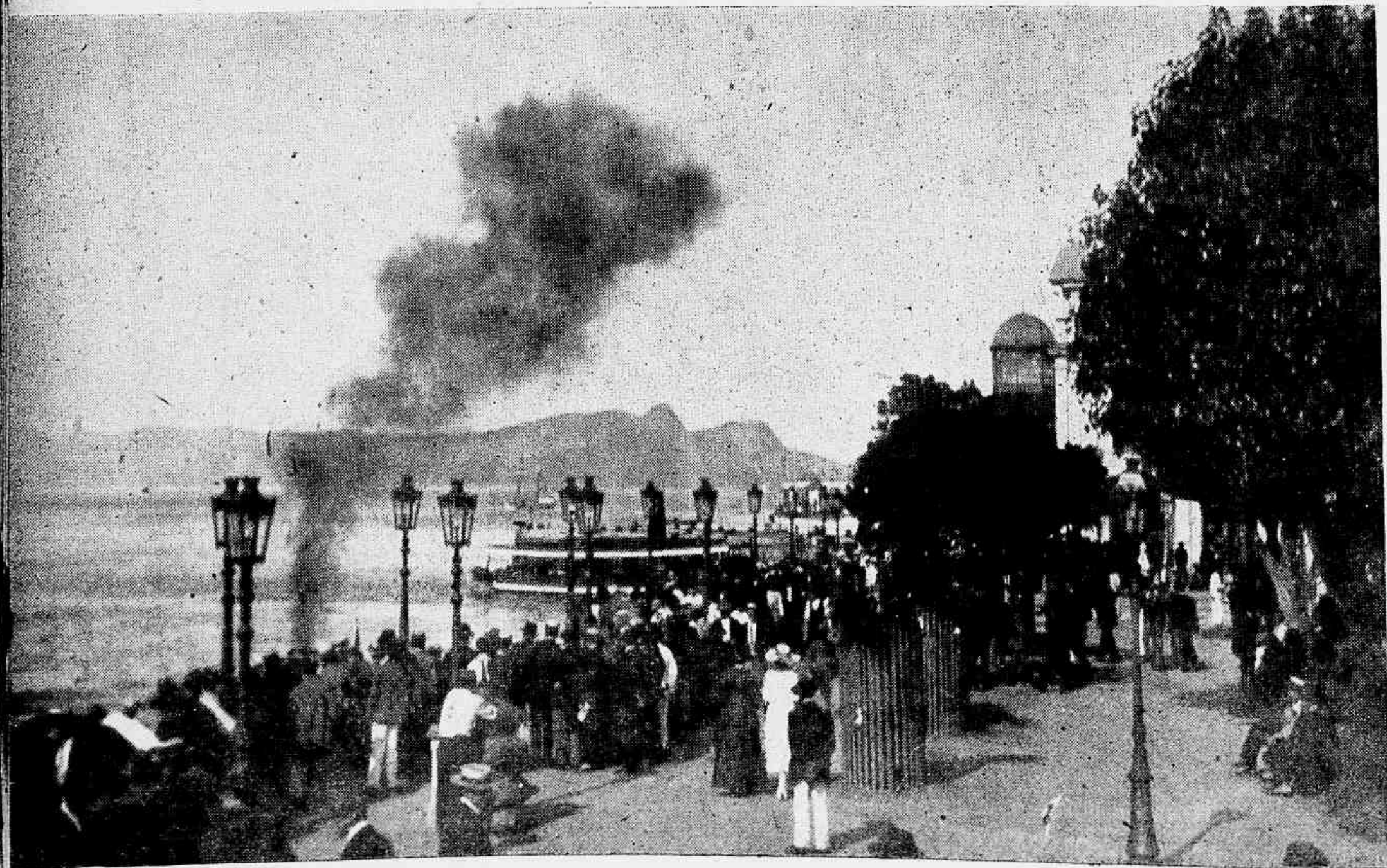
Chegado ao Rio de Janeiro, a "Parnaíba" mal teve ancoragem, ordenando nova partida, para o Rio Grande do Sul, a buscar como preso político o conselheiro Gaspar Martins.

Enquanto isto o "Alagoas" vinha até S. Vicente, tocado a 1.º de Dezembro de 1889. Retomou marcha o vapor para que nele, no dia seguinte, D. Pedro II completasse vida de sessenta e quatro anos, bem centenários pelo dobro no trabalho de governar.

O comandante Pessoa ornamento e glória do "Alagoas". Chefe, oficiais, tripulação prestaram homenagem a D. Pedro II. Pessoa, ao jantar, ergueu taça em homenagem ao aniversariante.

— Bebo à prosperidade do Brasil — respondeu este.

Adeuses de viagem no Cais Pharoux, de onde partiu D. Pedro II para o exílio, pisando no cais, último ponto de pátria.





Rita Hayworth em seu primeiro retrato feito depois do nascimento de sua filhinha Rebecca Welles, em 17 de dezembro último. A "estrela", esposa de Orson Welles, vive pela primeira vez o papel de mãezinha... fora da tela... (Foto Columbia)

Sua mãe! Olhe para a sua mãe com a atenção que vem do fundo de seu coração; abandone um instante os seus folguedos e ponha a sua alma de joelhos diante da sua mãe! Olhe para as suas mãos, que já vão envelhecendo, e pense nos gestos de afago em que são incansáveis para com você e pense no gesto de súplica em que tantas vezes se postaram para pedir a Deus um milagre qualquer para você! Olhe para os seus olhos e pense nas lágrimas que ela tem chorado por sua causa e nos

insônias que tem atravessado nas noites de suas enfermidades! Olhe para o sorriso de sua mãe e repare como vem misturado a uma expressão de amargura, e pense que você tem concorrido para empanar o brilho daquele sorriso. Contemple essa criatura, que vai se consumindo

no seu afeto maternal, e lembre-se de que não haverá carinho com que você lhe possa retribuir a dedicação de cada hora, a ternura inesgotável de todos os dias. Sua mãe! O seu amor maternal! Esse amor incomparável e profundo que só Deus é capaz de entender! E no entanto você quantas vezes não se esquece, não se distrai e tem para ela um gesto áspero, uma palavra má e nem se lembra de lhe pedir perdão! Olhe para a sua mãe e deixe que todo o seu íntimo se ajoelhe diante dela, dessa amiga insubstituível cujo afeto não tem limites, que não olha sacrifícios e que é capaz de tudo por você!

NOS BASTIDORES FEMININOS

NO ESPLENDOR DE SUA JUVENTUDE

Detido no meio da carreira Quando o triunfo já havia conseguido, Vêde como a há cortado e ferido O prêmio que anelante perseguira! Mas é de perguntar, antes de torná-lo objeto de castigo ou de censura, quem em transe tal pôde colocá-lo; quem preparou, aleivoso, a cavalgada. Quê o destino tenha obrado de modo que ao impulso violento da saída visse sua força esgotada, destruída e morto o coração, renunciasse a tudo!

(O caminho da vida)

QUANDO referi a brincadeira que o "Verme" fez com o subalterno, prometi um conto parecido com aquele, porém no qual toda burla seria afastada. O conto é este:

Ricardinho Hatt foi seduzido em sua mais tenra juventude, não pela filha duma patroa, nem por uma donzela, nem por uma corista, nem por uma cozinheira, mas por uma jovem tão de sua classe, que só uma mulher poderia ter dito que a pequena era algo inferior a ele.

Isto lhe aconteceu um mês antes de embarcar para a Índia, e cinco dias após ter completado vinte e um anos.

A jovem tinha dezenove primaveras, pelo que se pode afirmar que era seis anos mais velha que ele nas coisas deste mundo, e naquela ocasião duas vezes mais louca.

Excetuando o fato de cair-se dum cavalo, nada há mais fatalmente fácil que casar-se civilmente.

A operação custa menos de cinquenta xelins e é tão impor-

tante como uma visita à casa de penhores.

Uma vez feita a declaração de residência, bastam quatro minutos para pôr fim à cerimônia, inclusive identificações, direitos... tudo.

Depois o oficial do registro passa o mata-borrão nos nomes e, colocando a caneta entre os dentes, diz asperamente:

— Pronto! Já sois marido e mulher.

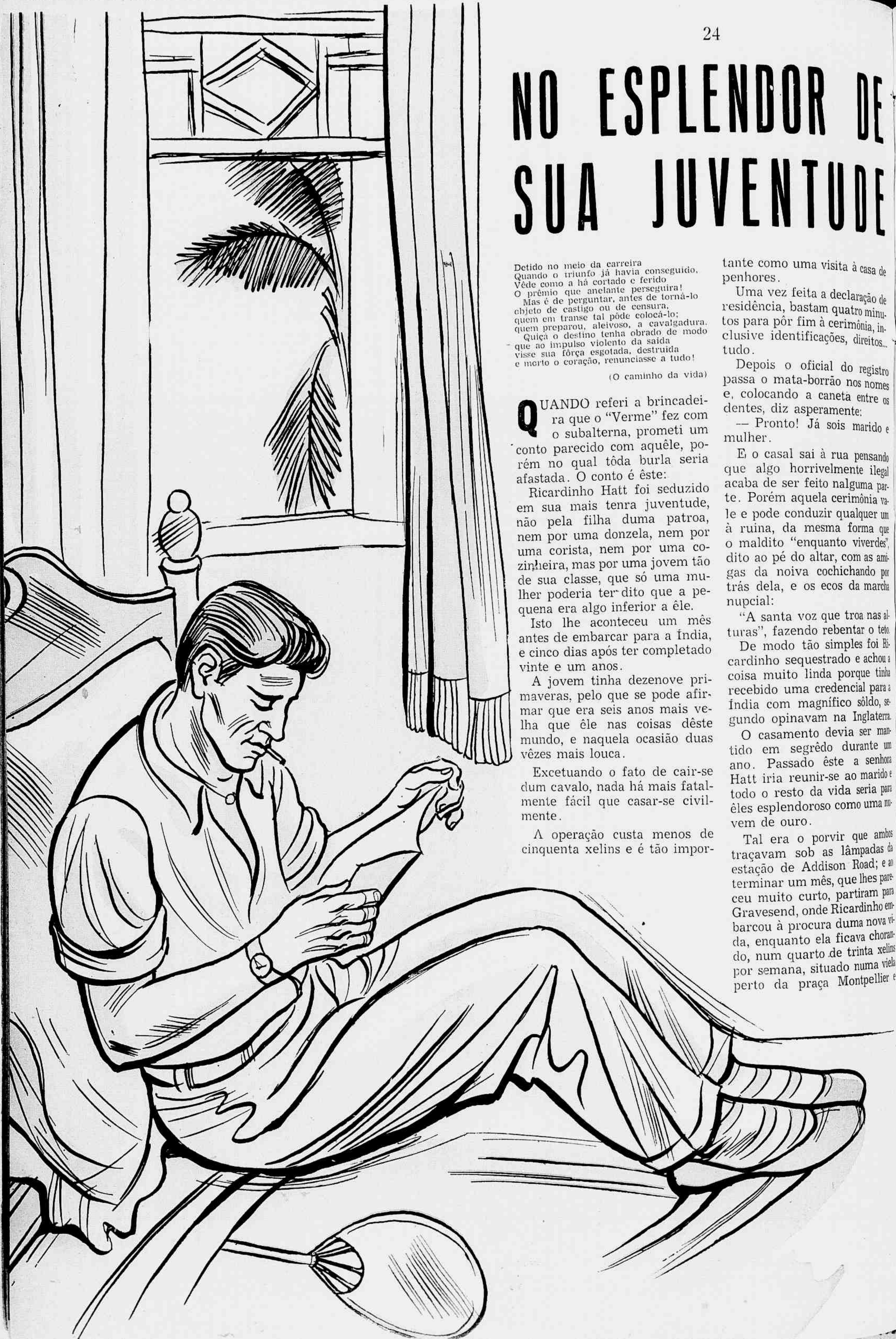
E o casal sai à rua pensando que algo horivelmente ilegal acaba de ser feito nalguma parte. Porém aquela cerimônia vale e pode conduzir qualquer um à ruína, da mesma forma que o maldito "enquanto viverdes", dito ao pé do altar, com as amigas da noiva cochichando por trás dela, e os ecos da marcha nupcial:

"A santa voz que troa nas alturas", fazendo rebentar o teto.

De modo tão simples foi Ricardinho sequestrado e achou a coisa muito linda porque tinha recebido uma credencial para a Índia com magnífico soldo, segundo opinavam na Inglaterra.

O casamento devia ser mantido em segredo durante um ano. Passado este a senhora Hatt iria reunir-se ao marido e todo o resto da vida seria para eles esplendoroso como uma nuvem de ouro.

Tal era o porvir que ambos traçavam sob as lâmpadas da estação de Addison Road; e ao terminar um mês, que lhes pareceu muito curto, partiram para Gravesend, onde Ricardinho embarcou à procura duma nova vida, enquanto ela ficava chorando, num quarto de trinta xelins por semana, situado numa viela perto da praça Montpellier e



nas vizinhanças do quartel de Knightsbridge.

O país aonde Hatt se dirigia era um daqueles em que os homens de vinte e um anos são considerados mocinhos e a vida é muito cara. Seu sôlido, que parecia tão grande a seis mil milhas de distância, não dava para muito, sobretudo quando era dividido em dois, mandando mais da metade ao câmbio de 1-6 7/8 à praça de Montpellier.

Cento e trinta e cinco rúpias descontadas de trezentas e trinta não davam facilidades para viver, e era absurdo supor que Mrs. Hatt pudesse passar toda a vida com vinte libras esterlinas que Ricardinho lhe deixara do dinheiro que lhe deram para as despesas da viagem. Este, compreendendo-o, remeteu-lhe, portanto, as cento e noventa e cinco, pensando sempre que era preciso pagar setecentas rúpias por uma passagem de primeira classe para a senhora.

Se se ajuntar a estes pormenores nímios, o natural instinto de um rapaz que começa uma vida nova num país novo, e que está ansioso por se divertir e se vê obrigado a aferra-se a um trabalho que desconhece e que em verdade requer toda a sua atenção, compreender-se-á que Hatt começara sua carreira "distanciado".

Não deixou o pobre rapaz de compreendê-lo, mas não adivinhou toda a beleza do seu porvir!

Quando o calor chegou, o cansaço esgotou-o e fê-lo emagrecer.

A princípio recebia cartas de sua mulher, longas, cruzadas, de oito páginas, dizendo-lhe que se tornava muito longo o tempo longe dê-lo, e que, quando se reunissem a terra seria para eles um paraíso.

Alguns dos companheiros de estalagem aborreciam-no incessantemente batendo à porta de seu desordenado quarto, para lhe pedir que os acompanhasse a ver um cavalo, única coisa que lhe fazia falta; porém Ricardi-

nho não podia dar-se a tais luxos e teve de confessá-lo, como teve também de declarar que lhe era impossível continuar na casa onde estava, apesar de ser muito modesta, mudando-se para um quarto mobilado perto do serviço onde trabalhava todo dia.

Seu novo mobiliário consistia numa mesa forrada com oleado verde, uma cadeira, um canapé, um cromo, um espelho pequeno, forte e ordinário, e um filtro que valia sete rúpias e oito anas.

A comida importava-lhe em trinta e sete rúpias ao mês, gasto verdadeiramente insuportável.

"Punkah" (*) não o tinha, porque custava quinze rúpias por mês; e por isso dormia no terraço do escritório, com todas as cartas de sua mulher debaixo da almofada.

De vez em quando convidavam-no para jantar, com o que desfrutava do "punkah" e saboreava bebidas geladas; mas isto sucedia muito raras vezes, porque a gente não queria tratar com um moço de instintos semelhantes aos dum sacristão escocês e que vivia tão miseravelmente.

Tampouco lhe era possível inscrever-se para qualquer diversão, pelo que não contava com outras distrações além das que lhe proporcionava seu livro de Banco, em que lia tudo quanto se tinha escrito sobre empréstimos garantidos; e isto nada lhe custava.

(*) Espécie de ventilador grande, feito de lona, amarrado ao teto, e que se move por meio de uma corda (N. T.).

Conto de

RUDYARD KIPLING

Devo ajuntar, entre parênteses, que as remessas de dinheiro eram feitas por intermédio do Banco de Bombaim, fato este que era ignorado no povoado como tudo que se referisse à sua vida privada.

Todos os meses remetia para casa o que lhe era possível economizar, pois sua mulher reclamava maior soma de dinheiro, por uma razão que esperava explicar brevemente.

Naquele tempo Hatt começou a sentir-se nervoso, experimentando frequentemente essa comoção medrosa que assalta os homens casados, pobres.

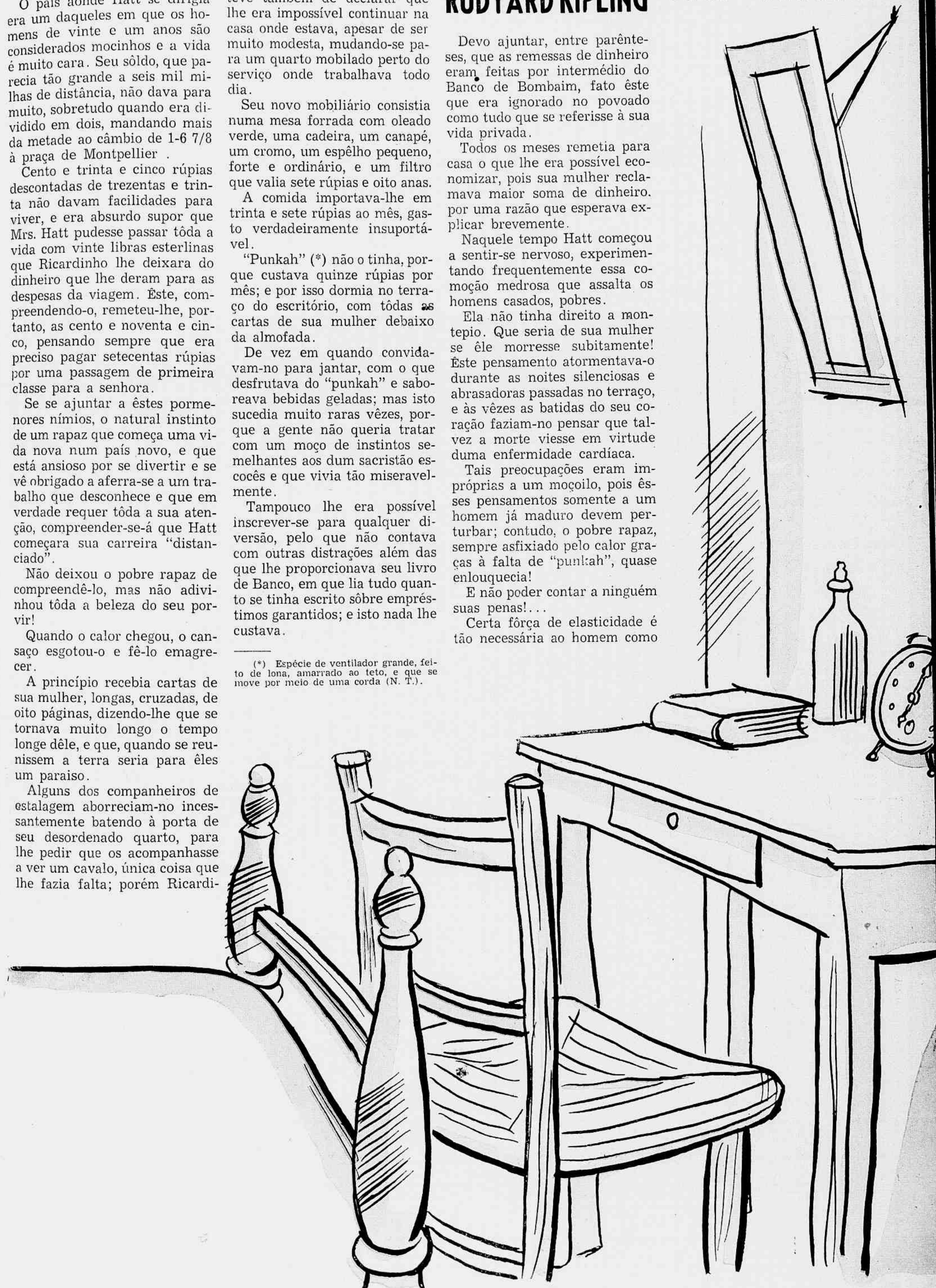
Ela não tinha direito a morte. Que seria de sua mulher se ele morresse subitamente! Este pensamento atormentava-o durante as noites silenciosas e abrasadoras passadas no terraço, e às vezes as batidas do seu coração faziam-no pensar que talvez a morte viesse em virtude duma enfermidade cardíaca.

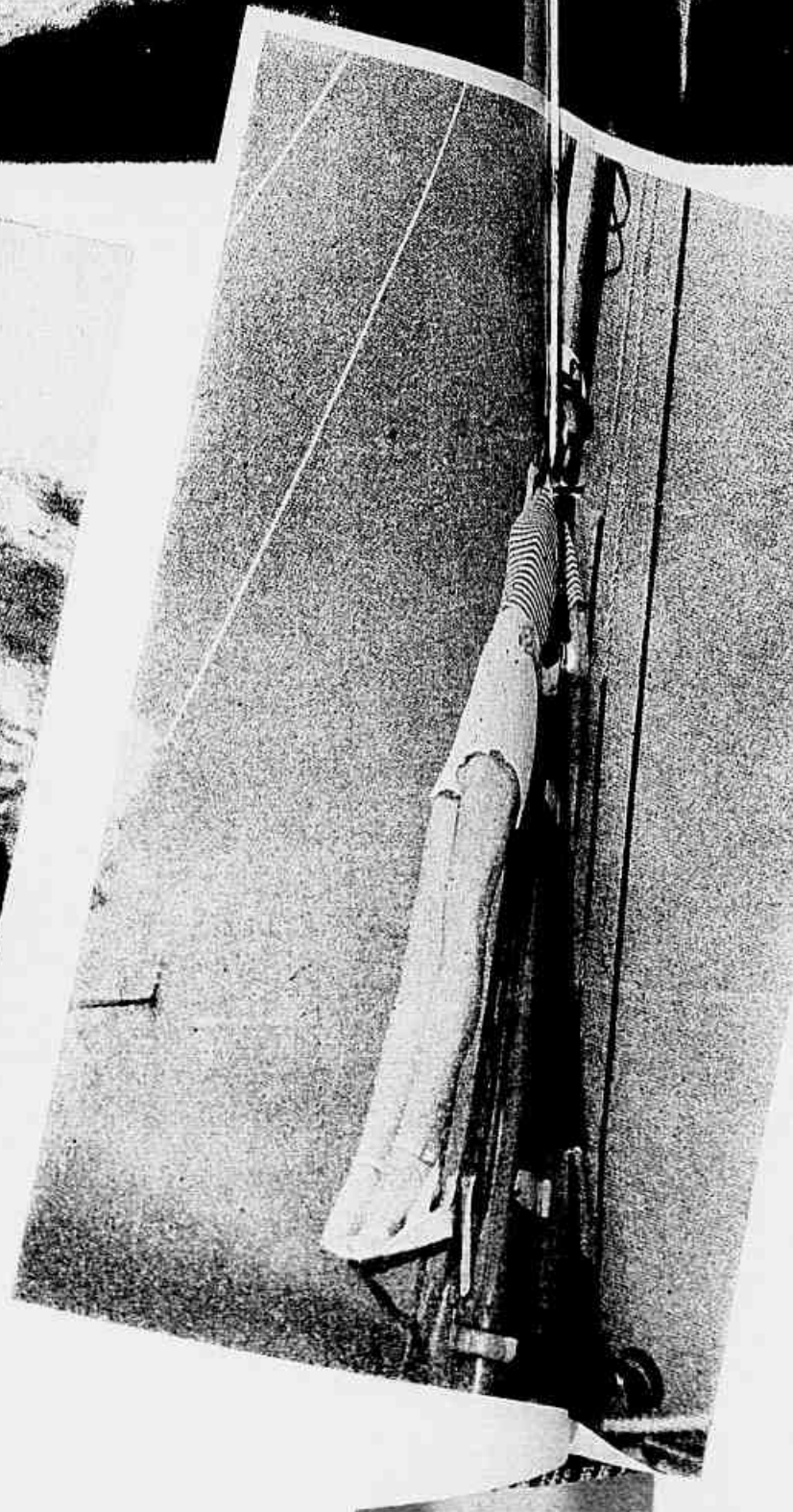
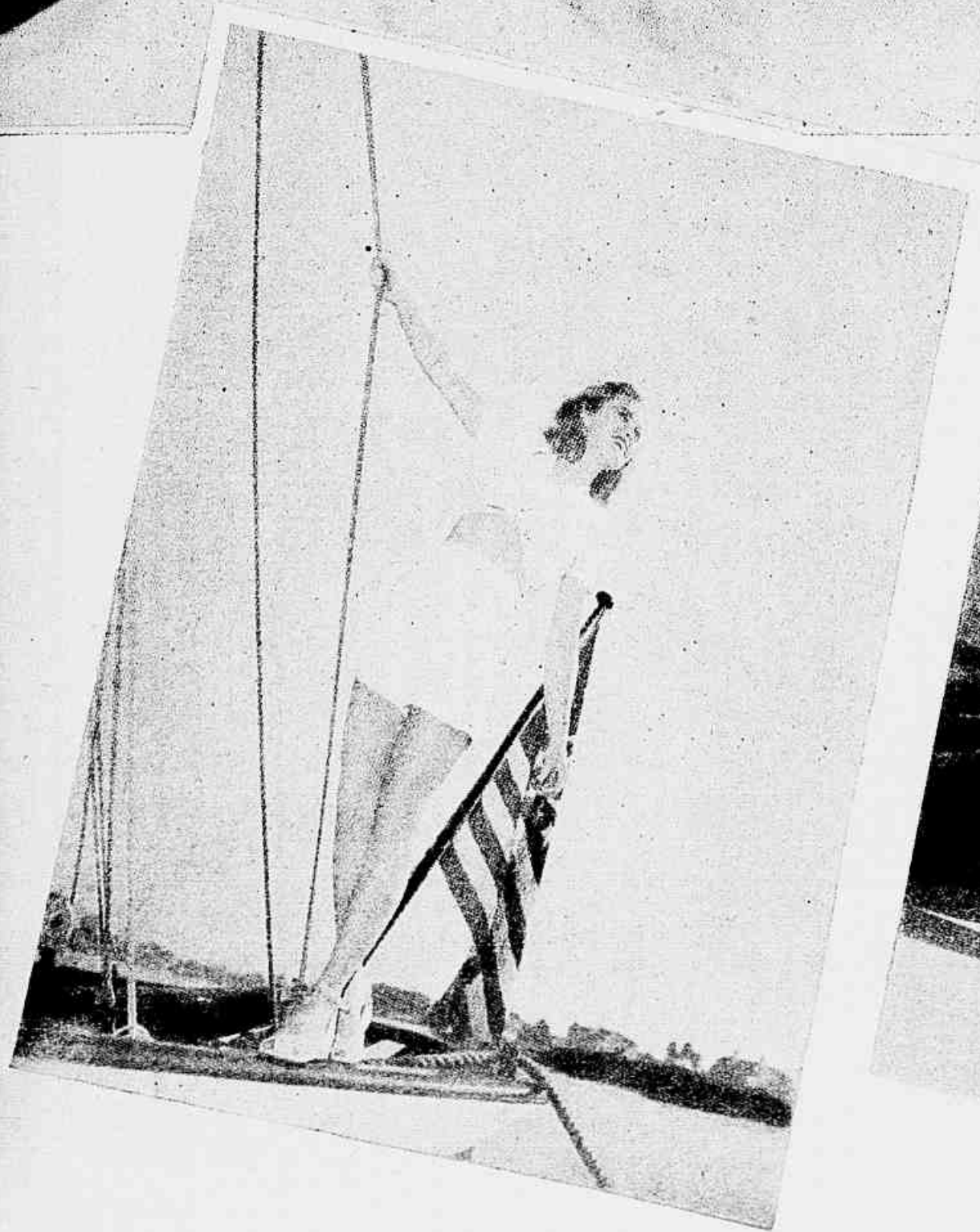
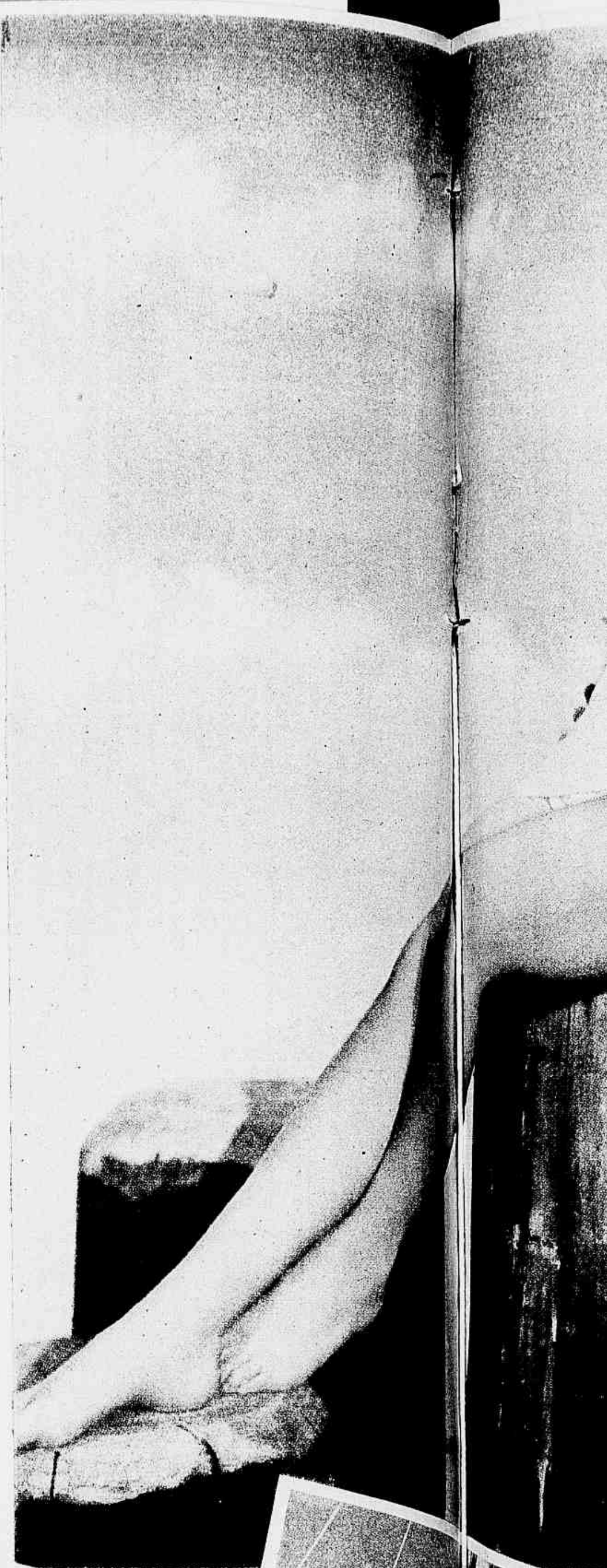
Tais preocupações eram impróprias a um moçoilo, pois esses pensamentos somente a um homem já maduro devem perturbar; contudo, o pobre rapaz, sempre asfixiado pelo calor graças à falta de "punkah", quase enlouquecia!

E não poder contar a ninguém suas penas!...

Certa força de elasticidade é tão necessária ao homem como

Ilustração de
JOSÉ ANTONIO







Saudades

DO
VERÃO



Foi-se o verão, ficaram as saudades... Era na Florida, na California, nos Mares do Sul ou no Rio de Janeiro. Não se sabe onde as vimos, as morenas formosas, balanceando pela praia os seus corpos provocantes, movendo-se sobre as ondas serenas em meneios deslumbrantes, pondo a cobiça em todos os olhares e acendendo um incêndio em cada veia. Elas se foram com o verão, mas não de voltar quando o sol de estio dourar novamente as benditas praias. Ficam por enquanto, conosco, a saudade da poesia de suas formas de deusas, a nostalgia de sua graciosidade diabólica. Vamos porém identificar as se-reias que figuram nestas páginas. No alto, á esquerda: Jane Blair da Columbia e Veronica Lake da Paramount. Em baixo, á direita, Paulette Goddard, da Paramount, o paradigma das formas femininas. E mais quatro poses de Joan Caulfield, uma "cara nova" de corpo maravilhoso. Olhando-as, "quem é que não gostaria de ser um galã também"?

Costumes

À esquerda:

Contemplemos a graça de Ann Miller, "estrela" da Columbia, em seu traje de lã e veludo negros. Na jaqueta, que é talhada em forma, o veludo e a lã se unem, formando o desenho de um coração. E o chapéu, com o seu luxuoso adorno de plumas, é o que se pode exigir em elegância. Esplêndida essa "toilette".

À direita:

A graciosíssima Olivia de Havilland, da RKO, exhibe aqui um conjunto de inverno, bastante elegante. A saia é cinza, e o paletó listrado em cinza e verde escuro. Bonet da mesma fazenda.



ARTES PLASTICAS

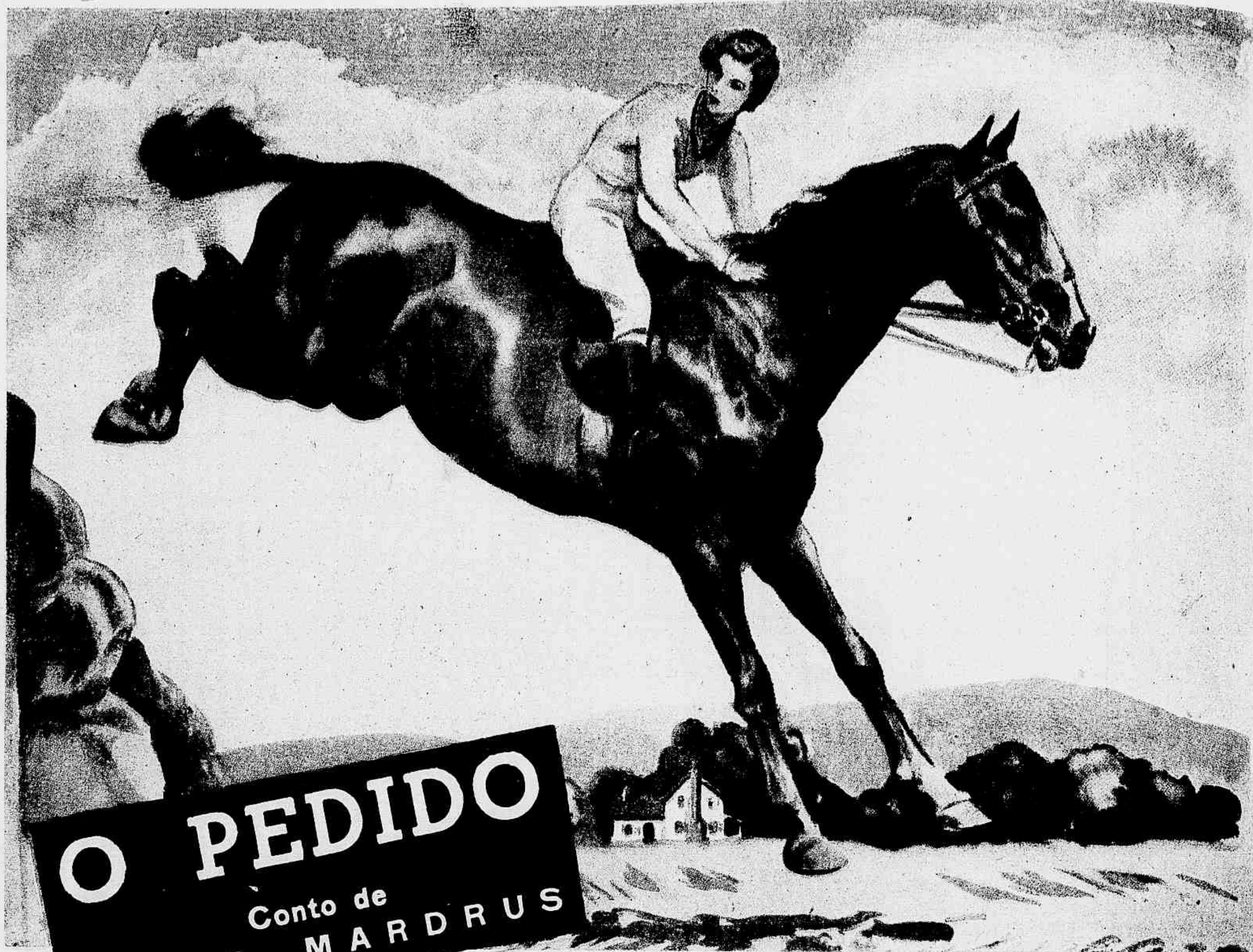
PEDRO ANTONIO VOLTA AO RIO

O Rio hospeda novamente o grande pintor espanhol don Pedro Antonio Martinez Exposito, mais conhecido nas rodas artísticas por Pedro Antonio. Trata-se de um artista de grande merecimento que ganhou, em Madrid, do famoso crítico de Arte José Francés, o honroso cognome "el demonio de Andaluzia". Pedro Antonio, de regresso de São Paulo, onde expôs com o sucesso de sempre, está entre nós, em preparativos para uma nova exposição nesta capital. Esse artista obteve, no "salon" de 1944, com a tela de grandes dimensões "Espanholas", a única medalha de prata conferida no ano passado. Aparecem nesta página três telas do artista: "La despedida", "Sonrisa andaluza" e "A pequena do chale".



Ao alto, "A pequena do chale"; em baixo, "La Despedida" e "Sonrisa Andaluza", de Pedro Antonio.





O PEDIDO

Conto de
LUCIE MARDRUS

Ela esperava o pedido
naquela mesma tarde...

A negrinha mostrou uma dentadura muito branca com um riso cristalino e disse:

— A senhora quer mais alguma coisa?
Annie voltou-se, rapidamente, e retrucou:
— Não.

Depois de uma pequena pausa, de um silêncio constrangido:

— Por que é que você está rindo?

A negrinha riu ainda mais alto, seu riso sacudido, e explicou:

— D. Maria disse que a senhora queria ficar bem bonita porque seu dr. Alonso vem pedir a senhora para casar com êle, nhora sim.

O sol de Nova Orleães brilhava lá fora. Não menos intensa foi a irritação de Annie.

— Diga a D. Maria que ela meta-se com sua vida e que dê-se ao respeito. E agora vá-se embora. Espere! Escute: se o dr. Alonso chegar mande entrar para a sala de visitas e mande me chamar.

— Sim, senhora.

— E' só.

— Sim, senhora.

Com mais uma risada expremida a negrinha saiu.

Sozinha, Annie pensou que deveria falar com a mãe sobre aquela menina. Afinal, somente porque era sua irmã de criação, porque ela bebera o leite de Maria, não queria dizer que ela tinha o direito de meter-se na vida da mãe por que o fazia. E não era somente em particular. Às vezes, até quando havia visitas, como naquela vez em que ela entrara na sala onde Annie recebia umas amigas e justamente Alonso e dissera:

— Sua mãe mandou dizer à senhora que isso não é vestido para moça direita receber visitas, que a senhora tem que ir mudar de roupa agora mesmo.

Ela corara até a raiz dos cabelos, Alonso sorria e as amigas tinham rido francamente do seu embaraço.

— Diga a ela que eu estou bem assim.

Mas a negra velha, com aquela voz cantante:

— Menina, mecê não vai fazer malcriação para sua mãe, não senhora. Vamos já lá para cima mudar de roupa.

Annie sabia bem que era inútil, que ela discutiria até que cedesse. Saiu envergonhada, nem querendo imaginar o que estariam dizendo a seu respeito.

Agora, no momento em que se preparava para receber o pedido, Maria, por intermédio da filha, mostrava que sabia muito bem o que ela estava pensando, apesar dela não ter dito uma palavra a respeito.

Seu orgulho de jovem dama irritou-se com aquilo. Certas vezes, não por maldade — era incapaz disso — mas, certamente, por levandade, ou mesmo por orgulho, ela esquecia o desvêlo com que Maria a tratara. Era como se fosse sua mãe aquela preta, imensa de gorda, cujos seios maternos a tinham alimentado e onde ela tinha escondido a cabecinha loura quando o primeiro namorado lhe dera provas da inconstância dos homens:

— Chore não, meu bem... Mecê num deve chorá. Homem que não presta é melhor que fique-se por lá. Chore não. Tem outros.

— Mas eu queria aquêlê, babá!

— Queria não. Mecê pensa que queria praque êle não qué agora. Mas mecê nunca pensou sério, mesmo nele. Mecê tá sofrendo de vaidade, menina.

E ela esquecera as lágrimas na sua irritação de ver descoberto o seu segredo, de ver exposta a verdadeira razão dos seus atos.

Agora, lembrava-se de tudo. E sorria da sua tristeza. Podia bem sorrir no momento em que esperava o pedido...

— Sr. dr. Alonso...

— Sra. d. Ana...

Duas reverências e ao cruzarem-se os olhares a lem-

brança do primeiro encontro, quando êle a vira num galope desenfreado pelos campos e julgara que estava em apuros.

— Sinto ter que desapontá-lo, cavalheiro, mas não estou em apuros.

Êle ficara muito sem jeito, fizera uma reverência e se afastara. Depois, os encontros como que por acaso, passeios a cavalo...

— Sra. d. Justina...

A mãe de Annie fez uma reverência. Ao entrar na sala notara pelo olhar da filha que se tratava de uma ocasião especial.

— Maria avisou-me que estáveis aqui, dr. Alonso. Vim cumprimentá-lo.

— Sois demasiado gentil.

— Mereceis.

— Vossas palavras me animam, sra. d. Justina, pois traz-me aqui um pedido que reclama tôda a vossa boa vontade e tôda a vossa indulgência.

Annie corou.

— Com licença, dr. Alonso.

— Por Deus, sra. d. Ana, não se retire. Não se trata de assunto impróprio para jovens. Peço-lhe: fique. Tanto mais que o caso, de certo modo, lhe diz respeito.

Ela tornou a corar, mas, com outra reverência, assentiu.

— Sou tôda ouvidos, sr. dr. Alonso — disse d. Justina.

— Sabeis, minha senhora, que vivo só. Meus pais há muito que morreram e, se me deixaram já uma educação quase completa e uma fortuna que me permitiu completá-la a contento, arrancaram-me, todavia, com sua morte, de um lar carinhoso, para lançar-me só na vida.

— Por Deus, sr. dr. Alonso, estou comovida.

— Faço o possível para despertar a vossa simpatia, pois dela necessito.

— Vós a tendas.

— Não deveis fazer promessas sem saber do que se trata.

— Julgo que imagino — disse d. Justina.

O rapaz mostrou-se surpreso.

(Continua na pág. 48)

REFLEXO DO INTERESSE MUNDIAL PELAS COISAS DO GRANDE PAÍS ESLAVO — DELVAIR SILVA NÃO CONSEGUIU ENTRAR NA RÚSSIA, MAS AGORA VAI CANTAR AS COMPOSIÇÕES DA TERRA DE STALIN — RECORDAÇÕES DE UMA ARTISTA BRASILEIRA QUE ESTAVA NA POLÔNIA QUANDO ESTALOU A GUERRA

FORMANDO ao lado das Nações democráticas, que combatiam o nazismo em todos os pontos onde ele conseguia se infiltrar pela força e ao mesmo tempo expulsando do seu território o alemão cruel e covarde, a Rússia Soviética, que até então era uma esfinge para o mundo ocidental, tornou-se uma fonte inesgotável de revelações. Revelações de poderio militar, de disciplina consciente, de progresso mental e material, de cultura científica, artística e literária. Enquanto os bravos soldados de Vatulín, de Timoschenko e de outros notáveis cabos de guerra assombravam os povos com as suas façanhas épicas, não menor era a surpresa por se descobrir, através do relato de testemunhas dignas de todo crédito e pela evidência dos fatos, que ali, na antiga terra dos "mujicks" barbudos, selvagens, analfabetos e quase sempre babados de "vodka", florescia uma multidão de técnicos competitíssimos, de musicistas, pintores e escritores inspirados, e sobretudo existia vontade geral de trabalhar e construir uma vida brilhante em todos os seus aspectos. Só então os países do ocidente compreenderam que haviam sido logrados por muitos anos pela propaganda anti-russa do fascismo e dos seus simpatizantes: — os reacionários de todas as espécies!

Dá em diante tem sido como se vê. Filme russo ou sobre a Rússia, enche literalmente os cinemas, durante semanas seguidas; boato de navio soviético no porto, e o cais fica intransitável, repleto de gente curiosa de avistar, pelo menos de longe, a tripulação feminina que substitui os marujos em serviço nas esquadras do Mar Negro e do Pacífico. Uma emissora carioca recebeu da B. B. C., de Londres, uma cópia em disco do Hino Nacional da Rússia: no dia seguinte seus aparelhos telefônicos não descansaram um minuto, transmitindo solicitações de irradiação.

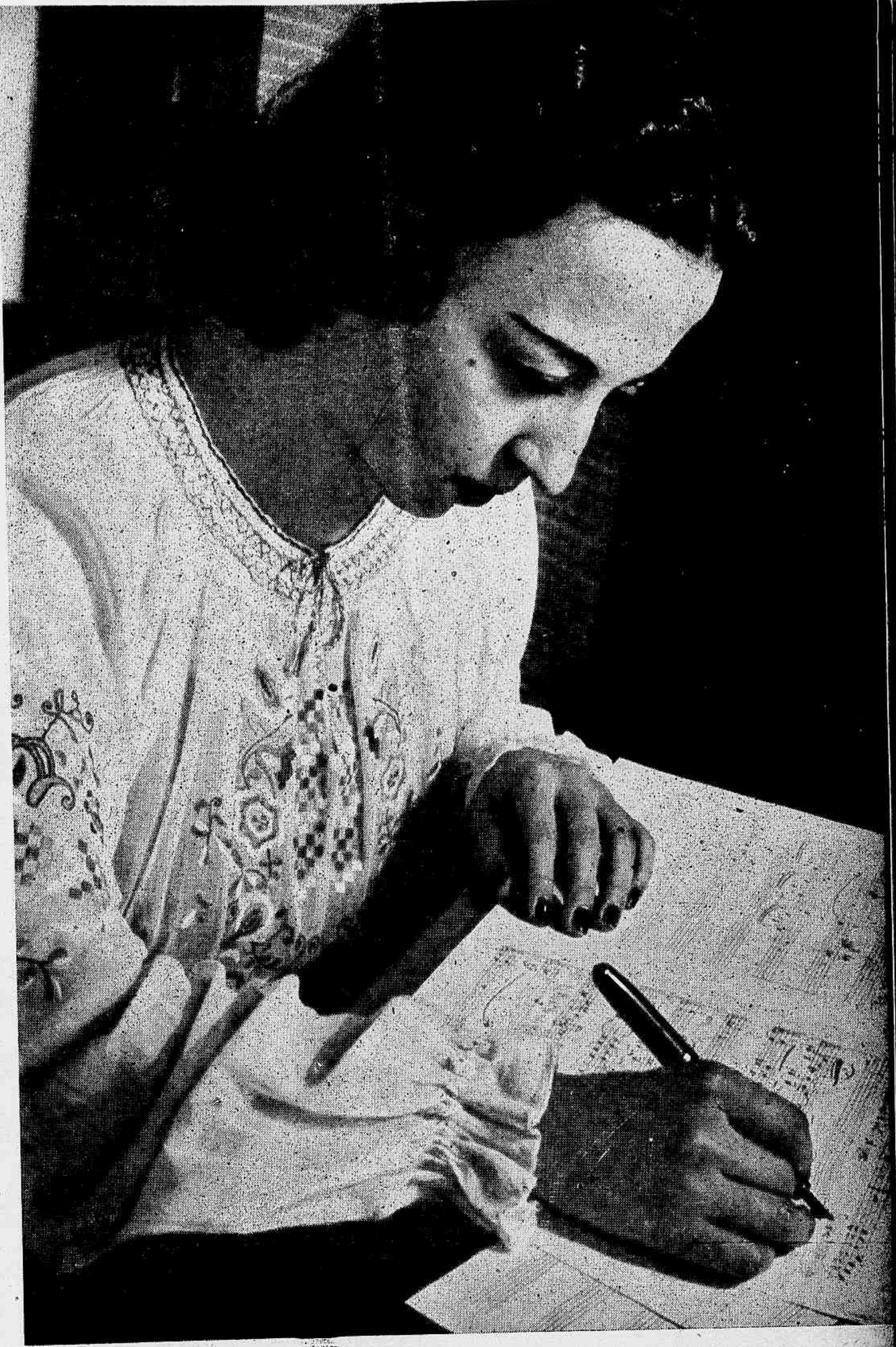
Os remanescentes do fascismo bororó sabem disto e torcem o nariz, tartamudeando aqueles mesmos velhos chavões de "perigo do comunismo", "propaganda do olho de Moscou" e outras quejandas, asneiras que fizeram as delícias do integralismo. Porém, na verdade, não é atrás do marxismo que o povo brasileiro vai quando demonstra essa insopitável curiosidade pela Rússia. O interesse é pela verdade, que os plumitivos verdes adulteraram durante muitos anos; é interesse por realizações práticas de tal monta que causam espanto até entre os povos mais civilizados que o nosso.

MÚSICA SOVIÉTICA NO RÁDIO

Assim, não admira que nós também nos sentíssemos curiosíssimos quando um amigo nos deu a notícia de uma artista brasileira — Delvaír Silva — vai cantar no rádio a música moderna russa! Momentos depois a própria cantora da Nacional confirmava a informação. E nos dizia, com um sorriso capaz de fulminar, por sua ironia, a burrice mal intencionada de todos os quinta-colonistas indígenas:

— Pois digam o que quiserem: não tenho nada a ver com o comunismo, mas estou interessada em conhecer e veicular, através de minha arte, as esplêndidas manifestações musicais da grande Rússia. E acredito que terei facilidade nessa realização pela circunstância de falar correntemente o idioma polonês, originário do mesmo tronco eslavo.

Musica sovietica no rádio carioca



Cantora aplaudida, mas também pianista laureada, Delvaír Silva, que é desconhecida do público nesse último aspecto do seu talento artístico, cultiva-o em casa para satisfação própria e de um reduzido grupo de pessoas amigas. A estas oferece, de quando em quando, verdadeiros recitais de piano, com os melhores autores no programa. Por isso está interessada em obter não apenas composições soviéticas para canto, mas também solos daquele instrumento.

Delvaír Silva não é uma cantora vulgar, dessas que escorripicham um fiozinho de voz diante dos microfones e nada sabem dos segredos do pentagrama musical. Artista ilustre, porque diplomada pela Escola Nacional de Música e festejada pela crítica e pelo público de diversos países europeus, em 1939 encontrava-se na Polônia quando estalou a guerra. Data dessa época — ela nos diz — o seu interesse em conhecer as manifestações da arte soviética.

— Quando estive na Polônia, a Rússia era a grande incógnita, e apesar disso eu podia constatar na alma do povo polonês uma sólida simpatia pela grande nação moscovita. Como era natural, especialmente pela fato de ser brasileira e estar pouco familiarizada com os problemas políticos do Velho Mundo, esse fato a princípio me causou certa espécie. Bem cedo, todavia, verifiquei a sinceridade do sentimento polonês, sinceridade essa que as manobras escusas da quinta-coluna nunca conseguiram solapar, mesmo quando a Rússia assinou com o Reich o desde logo comentadíssimo tratado de não-agressão. Nos diversos pontos da Polônia que visitei tive ensejo de inteirar-me da extraordinária tendência artística do seu povo, com especialidade das classes eminentemente populares — os camponeses — cujas canções e danças apresentam ao estu-
dioso renovados motivos de análise. Recolhi aí curiosos

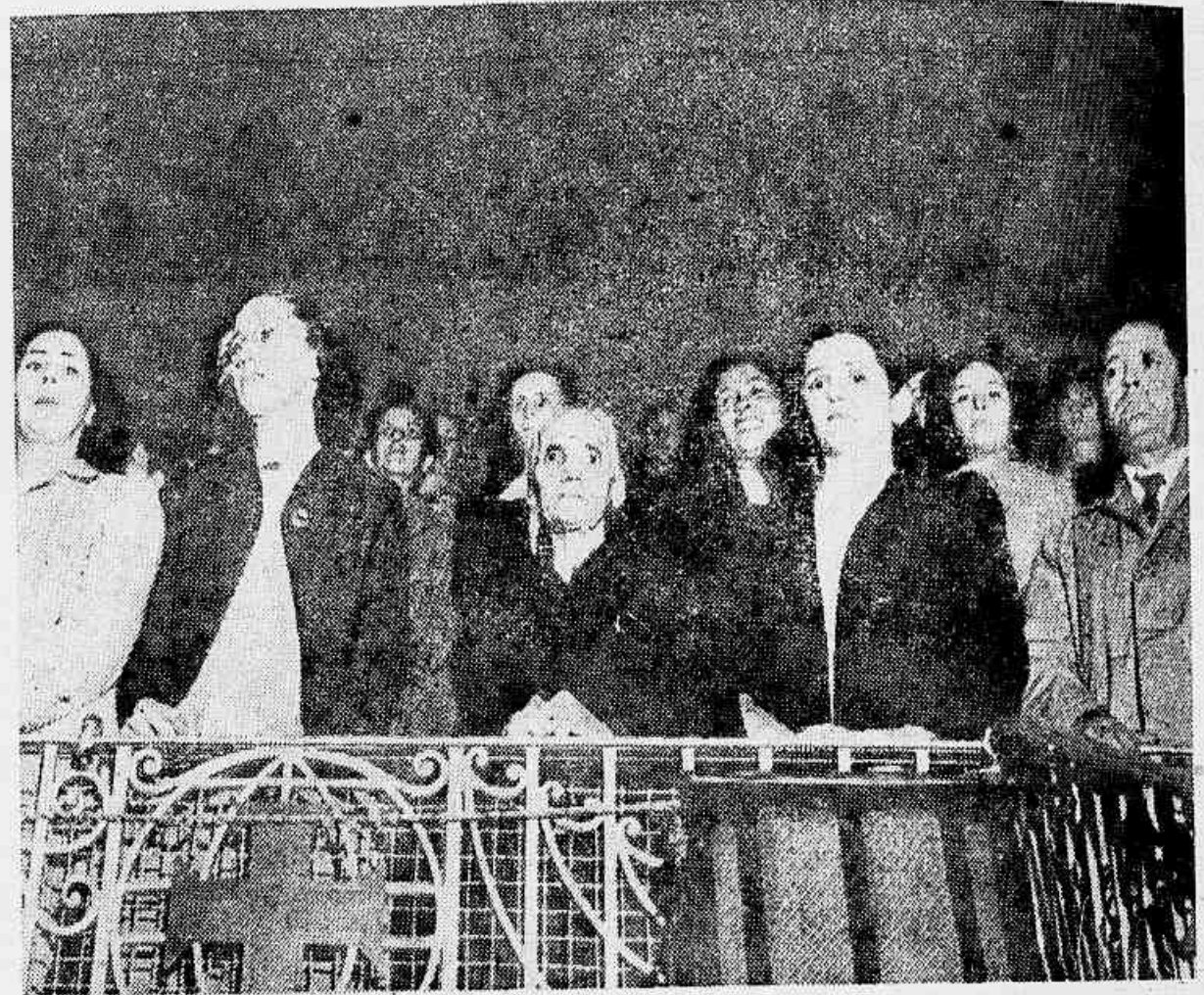
(Continua na-pág. 41)

Cantora de música de classe, pianista e compositora, Delvaír Silva oferece as condições necessárias à realização brilhante da tarefa a que se propôs: tornar conhecidas entre nós as partituras soviéticas mais interessantes para o grande público.





O COMÍCIO LUIZ CARLOS PRESTES — Aqui estão alguns flagrantes colhidos no estádio do Vasco da Gama pela objetiva da REVISTA DA SEMANA, em a noite de 23 de maio, quando ali se realizou a reunião política denominada "Grande Comício Luiz Carlos Prestes", de tão larga repercussão. Ao alto, o "leader" comunista quando iniciava a sua oração, junto ao microfone de várias emissoras que o transmitiram em ondas curtas e longas. Em baixo, um apanhado de parte das arquibancadas. À direita, quatro detalhes que traduzem o aspecto da assistência. No do alto vê-se s. ex. o bispo de Maura. E na segunda, ao centro, uma senhora idosa, mãe do "leader" comunista operário Roberto Morena.





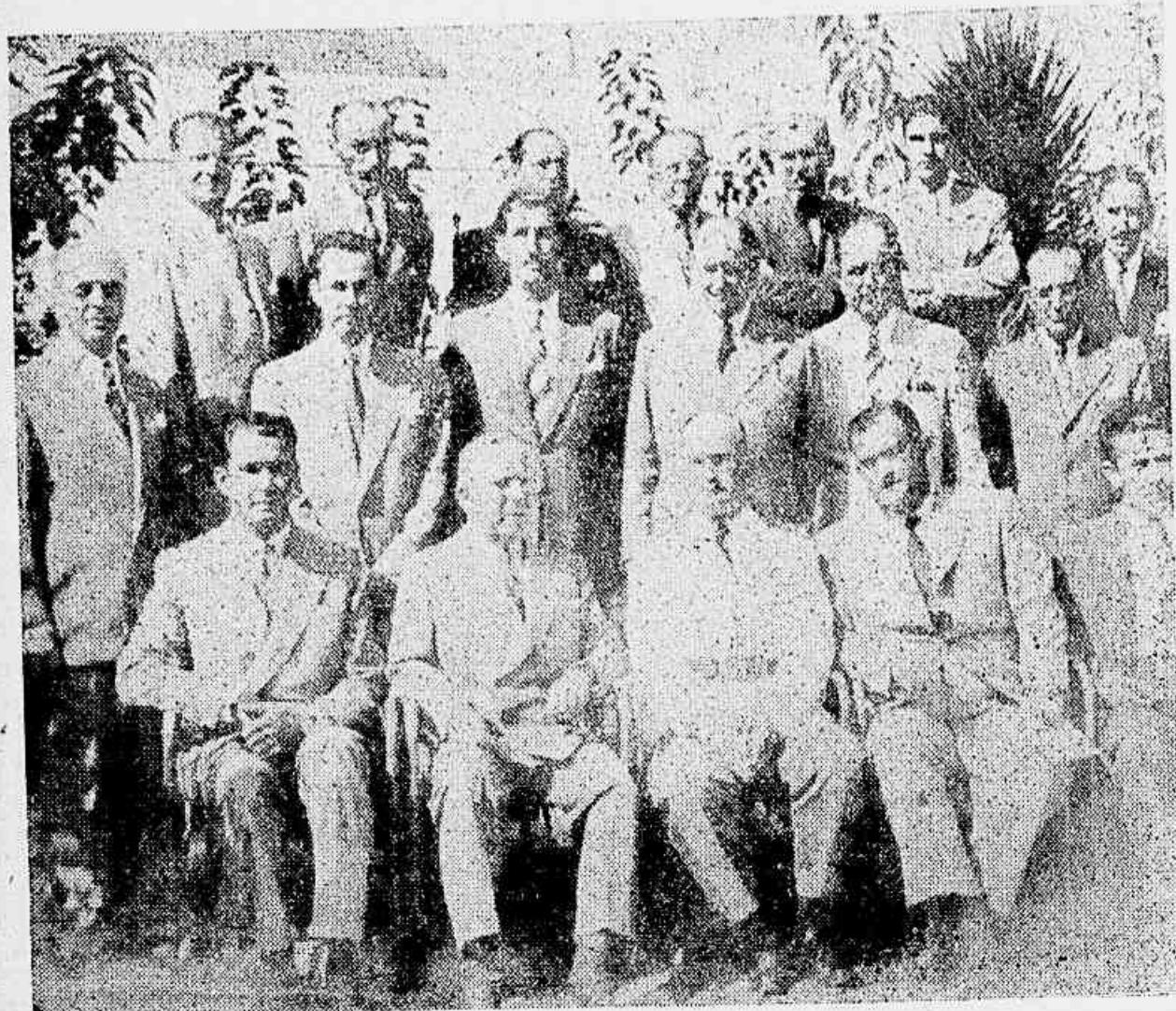
EXÉQUIAS DO SR. ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA NA CANDELÁRIA — Realizaram-se, na manhã de quarta-feira 23 de maio, as solenes exéquias por alma do sr. Armando de Salles Oliveira, ex-governador de São Paulo e membro da comissão diretora da União Democrática Nacional. Figuras representativas do nosso mundo político, delegações de instituições culturais, amigos pessoais e admiradores do ilustre morto compareceram aos ofícios religiosos celebrados nos nove altares do grande templo, enchendo-lhe a nave literalmente. Nas gravuras, à esquerda, um aspecto onde se vêem os srs. José Americo, Octavio Mangabeira, Artur Bernardes e Antunes Maciel; à direita, esses e outros "leaders" da oposição, vendo-se, em primeiro plano, o major-brigadeiro Eduardo Gomes.

FIGURAS E FATOS



Flagrante feito por ocasião da cerimônia religiosa do casamento da sta. Teresinha Baldessarini com o 1.º tenente Edmundo Adolpho Murgel, na igreja da Candelária, no dia 17 de maio, sendo oficiante o padre J. J. Lucas, vigário da Tijuca. O pai da noiva, dr. Francisco Baldessarini, promotor público nesta capital, aparece ao fundo, ao lado de sua esposa, a exma. sra. d. Dalila Massud Baldessarini.





Amigos do major Salm de Miranda homenagearam-no com um almoço na Associação Brasileira de Imprensa, por motivo de seu regresso dos Estados Unidos, onde fez um curso do comando geral no Estado Maior do Exército Americano. A fotografia fixa um aspecto da reunião.



O pintor José Maria de Almeida, artista que se vem impondo pela excelência de seus trabalhos, realizou uma proveitosa viagem à Bahia, de onde trouxe uma boa coleção de quadros que foram agora expostos no salão do Palace Hotel. Flagrante batido no dia da inauguração.



FIGURAS E FATOS

Aspecto da inauguração da exposição dos artistas Alfredo Ollani, Alipio Dutra, Angelo Simeoni, Antonio Rocco, Arlindo Castellani, Bernardino Souza Pereira, Clodomir Amazonas, Dario Villares Barbosa, Gino Bruno, O Mulato, Reynaldo Marizke, Ricardo Cipúchia, Silvio Alves, Tulio Mugnai e Vicente Larocca. Esse acontecimento artístico teve lugar em São Paulo, na Galeria Itapetininga, marcando grande sucesso.



No dia 1.º de maio último realizaram-se, no auditório da Sociedade de Auxílios e Beneficência Estrela, as solenidades comemorativas do 36.º aniversário dessa conceituada organização. As fotos reproduzem dois aspectos da assistência e do sorteio do animado concurso "Todos por um".



Os calouros da Faculdade Nacional de Odontologia quiseram registrar o início dessa fase de seus estudos com um animado baile. E o fizeram, levando a efeito uma animada festa que resultou brilhantíssima. Do Baile dos Calouros de Odontologia é a foto que publicamos acima.



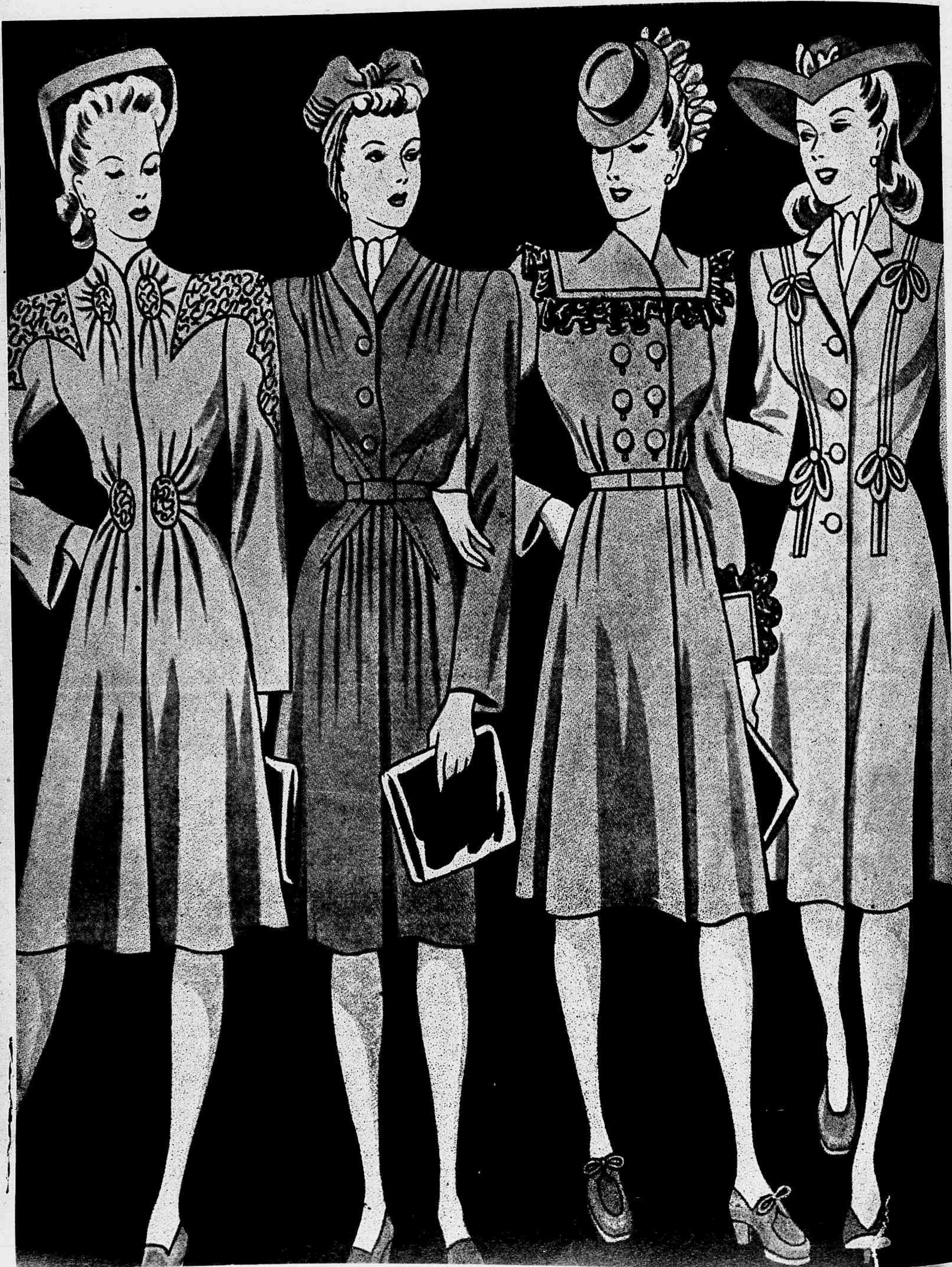
JOCKEY CLUB MUNDANO

As fotografias que aqui estampamos foram colhidas domingo último no Hipódromo da Gávea, e por elas podemos constatar como estiveram animadas as corridas ali realizadas. Como sempre, as tribunas estavam repletas de elementos representativos da nossa sociedade.



OS MODELOS DA SEMANA

Aqui temos, da esquerda para a direita: "manteau" de lã, bordado em "soutache" e abotoado com originalíssimos "cabochons". Logo depois um outro modelo juvenil, em crepe de lã com franzidos na frente. O terceiro traz, como nota original, o babadinho franzido na gola. Segue-se outro casaco, de corte bastante marcado, cujo adorno consta de aplicações do mesmo tecido.





Num conjunto gracioso aqui temos, para os dias mais frios e para as nossas lindas tardes de sol, cinco sugestões elegantíssimas. Chamamos a atenção das nossas leitoras para o modelo adornado de botões, que é de uma graça toda especial.

Hidrex O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático, econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas e perfeitas pela casa

PAN • LUX
RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

ATENDEMOS COM PRAZER A QUALQUER CHAMADO OU PEDIDO TELEFÔNICO DE INFORMAÇÕES

QUE BANHO DELICIOSO!

VENDAS A VISTA E A LONGO PRAZO PELO SISTEMA S. E. R. V. E. LTDA.
Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391

Livros

POEIRA DO MEU CAMINHO, versão de Augusto Chiesia — São Paulo, 1945

Na poeira do caminho que o Sr. Augusto Chiesia vai trilhando na sua jornada ideal, agitam-se as visões e as ilusões dos poetas de todos os tempos. Nem ele, felizmente, pretende trazer-nos coisa nova, em risco de lhe suceder como a tantos poetas dos chamados modernistas, que, à força de querer cada qual ser diferente de todos, acabam não se distinguindo, de qualquer maneira, uns dos outros. No presente volume há uma bela sinceridade que se manifesta em versos geralmente bem feitos. Como novidade de forma, encontram-se algumas composições que o poeta classificou de "sonetinhos". É uma espécie de novidade, sim, porque, até agora, se entendia por sonetinho o soneto em metro curto; e o Sr. Augusto Chiesia designa com tal vocábulo as peças que formou de dois tercetos e uma quadra partida ao meio. Prada-se, em todo o caso, duma impropriedade perdoável e tanto mais quanto é certo não carecerem essas páginas de beleza nem de sentimento, como se verá pelas duas que se seguem, intituladas a primeira *O Trem e Sinos* a segunda:

*Passou. Dobrou a curva da Saudade...
E agora, pela veiga silenciosa,
abala estremecendo a solidão.*

*E Junga e ch'a na ans'a estrep'tosa
e se atropela na vel'c'de
a enorme centópé a lum'nosa.*

*E corre e avança e fura a treva densa,
com oinar de cyclope enfurecido...
E á solidão que se aquela e pensa,
grita um adeus longinquo e dolorido...*

*Quando, em nuvens de incenso, pela ogiva
da catedral do sonho e da ventura,
o Amor, em raios pálidos, se esquivava...*

*e pela nave silenciosa e escura,
a Esperança vagueia pensativa
na muda solidão da desventura...*

*da torre esguia da Felicidade,
numa plangência de desolação,
o carrilhão dos sinos da Saudade
dobra, chorando a morte da Ilusão...*

Os VENCEDORES DA FOME, narrativas e apreciações, de Paul de Kruif, tradução de Lino Valandro — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Paul de Kruif, cientista famoso pelos seus trabalhos que ensinam o homem a viver e trabalhar dentro dos preceitos da boa saúde e das ditosas disposições de espírito, reúne no presente volume uma série de estudos relativos aos benêfícios cuja ação se devotou a tornar a terra mais fecunda e cada região mais generosa, nas dádivas aos seus habitantes. Os resultados das pesquisas a que o escritor se entregou frequentemente assumem, por estas páginas fora, a feição de episódios de romance ou cenas de comédia. Paul de Kruif cuidou de dar às noções, e ensinamentos colhidos quer no velho quer no novo Mundo a feição capaz de cativar a maioria dos leitores, sem tirar a obra o prestígio da verdade fundamental honestamente interpretada. Assim é que os capítulos do livro, nos quais se contam histórias mais ou menos divertidas, mais ou menos sensacionais, ao mesmo tempo vão ministrando exemplos e conselhos de preciso efeito alutar. E por entre lances pit rescos surgem constantes revelações.

Assim ficamos sabendo como se iniciaram culturas que se haviam de tornar riquíssimas em planícies, montanhas ou vales tidos como insuscetíveis de qualquer produção daquela natureza. Foram os novos meios de arrotar o solo, saneá-lo, revolvê-lo, adubá-lo, educá-lo, ensiná-lo a "trabalhar" para o homem, que, com o milho, o trigo ou outros grãos, semearam a abundância onde geralmente se julgava pesar a maldição da esterilidade. E sistemas correspondentes aos empregados no torrão sáfaro se aplicaram aos animais que pareciam inadapáveis. A inteligência, o estudo e as experiências práticas dos pioneiros fizeram que sobre a suposta ingratidão da natureza se estendessem sementeiras, crescessem bosques, se multiplicassem rebanhos. E a cada um desses precursores o livro de Paul de Kruif ergue, em termos sempre amenos, sem pretensão a rasgos de sublimidade, o padrão de reconhecimento que tantas populações lhe devem e algumas, de certo a maior parte, sem o saber.

O DRAMA DE CANTO E CASTRO, páginas biográficas por Maurício de Oliveira — Editora Marítimo; — Colonial Ltda. — Lisboa, 1945.



No frontispício deste volume há o sub-título "Um monárquico presidente da República". Com efeito, depois de notável carreira na Marinha Portuguesa; de valiosos serviços como governador colonial; dalguns meses numa pasta ministerial por se tratar do Governo, tão caro, aos chamados "talassas", do major Sidónio Pais — o almirante Canto e Castro, monarquista convicto e sempre declarado, assentiu m ser Presidente da República.

Assim lh'o solicitaram os elementos políticos que ainda naquele momento dispunham dalgum prestígio; assim lh'o impunha, perante as condições nacionais, a sua consciência le patriota. Não se tratava duma crise comparável a tantas que já haviam perturbado, se não ensin uentado a vida da República. Em vez da conspirata ou bernarda do cos-me, agora se receava coisa bem mais ampla e mais grave. A baralhada dos partidos, que já nos últimos anos da Monarquia passavam de meia dúzia, todos eles arregimentados e com chefes cada qual mais intransigente, haviam-se formado duas grandes fações de tal maneira poderosas e dispostas à luta, que ninguém imaginava como se pudessem limitar aos debates parlamentares e à decisão das urnas eleitorais. Não surgia no cenário político uma figura considerada capaz de evitar o conflito que de dia para dia se anunciava com maior vulto e já parecia imminente. E seria, repita-se, não a mazorra habitual, mas fatalmente a guerra civil. Foi nessa calamitosa situação que Canto e Castro sacrificou à Nação o que ainda tinha para lhe dar, a sua fidelidade à doutrina realista. Em

PETRÓLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA, QUÉDA DOS CABELOS e demais Afecções do Courn Cabeludo

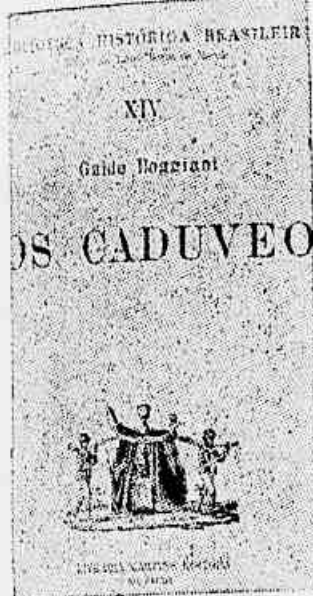
Nova

princípio, de certo o seu lealismo se manteve integral; nem por isso a ação que desenvolveu como supremo magistrado da nação republicana deixou de ser imparcial e em tudo bem intencionada. Todos os partidos lhe seubaram fazer justiça. E, conjurada a catástrofe que daquela vez a revolução acarretaria, Canto e Castro conseguiu governar sem maiores acidentes, em ambiente de relativa tranquilidade, até passar o governo às mãos do seu sucessor eleito. Antônio José de Almeida.

E' ao período presidencial de Canto e Castro que o Sr. Mauricio de Oliveira consagra a maior parte do presente volume. E é aquilo que chama, não teatral mas psicologicamente, o "drama" de tão nobre existência. Mas o livro comporta em capítulos mais ou menos sucintos, os dados duma biografia completa. E na exposição como nos comentários, sempre o autor procede com evidente boa fé e a possível serenidade.

• • •

Os CADUVEO, diário de viagem e de estudo etnográfico, por Guido Boggiani, com extenso prefácio de G. A. Colin, introdução e notas de Herbert Baldous. Tradução de Amadeu Amaral Júnior — Livraria Martins, Editora — São Paulo, 1945.



Pelas páginas de introdução a este volume se fica sabendo da índole ardente e aventureira de Guido Boggiani. Tendo feito parte dum grupo de poetas e artistas requintados; camarada íntimo de Gabriel d'Annunzio, Boggiani teve de repente a idéia de vir fazer fortuna, pelo menos de realizar alguma coisa nova para ele e sobretudo sensacional, em terras da América do Sul. Começou pelo Paraguai, pintando paisagens; andou pelo Chaco e por Mato Grosso — como Artur Rimbaud pela África francesa — negociando; possuiu-se por fim do mais ardoroso interesse, do maior entusiasmo pelos trabalhos etnográficos. E essa paixão do espírito lhe custou a vida, pois veio a perecer, assassinado por um índio Chamacoco.

Foi no sul de Mato Grosso que Boggiani entrou em contacto isto em, 1892, e seguidamente em relações cada vez mais aproximadas com os Caduveu. Tem sido esta tribo tomada como fazendo parte doutras: os Mbaya, os Guaiacurús. Mas o etnógrafo italiano lhe fixou a particularidade racial, as tradições, os costumes e toda a maneira de viver, observada em longo e afetuoso convívio. As noções que sucessivamente ia colhendo, assim como as suas impressões de tipos, hábitos, intuições de beleza e arte, superstições, éle as ia redigindo numa espécie de diário, não de todo íntimo, pois que, evidentemente, o destinara, desde logo à publicação. Mas a maneira é sempre correntia e como que despretenciosa, com o mais evidente cunho de sinceridade. Multiplicam-se, no correr destas trezentas páginas, as cenas e incidentes curiosos. Boggiani escreve não só com espontaneidade e clareza, mas também com espírito. E éle mesmo enriquece a obra com desenhos e fotografias, figuras, aspectos pitorescos, utensílios, objetos de adorno, outras imagens que, acompanhando o texto, o exemplificam ou melhor no-lo fazem compreender.

• • •

O BRASIL PRECISA DE ENFERMEIRAS, "noções de enfermagem" por Edméa Dezonne, voluntária socorrista da Cruz Vermelha Brasileira. 2.ª edição — Rio de Janeiro, 1945.



A quando da primeira edição deste livro, com o maior prazer assinalámos o que nele havia de propriamente pessoal. Não importava a clareza da autora, segundo a qual se tratava de simples notas de aula, tomadas durante as lições do Dr. Artur Alcântara e da Irmã Margarida. "E' de ver, porém — disse-nos então — que a simples tarefa da cópia se não tornaria valiosa nem talvez aproveitável. Pela inteligência aplicada, de seguro poder apreciável; a intuiçãoavelmente de assimilar os princípios, as noções capitais; o método aborioso de classificar as matérias, a cada uma dando o desenvolvimento necessário ou aplicando o mais conveniente sistema de condensação, de síntese; e, finalmente, clareza conseguida na exposição das doutrinas contidas no presente volume, por sua vez e com bastante dignidade a alma se tornou mestra. Resta agora que as candidatas a enfermeiras estudem e anotem, com o mesmo desejo de aprender, estas páginas escolares".

As matérias contidas na primeira edição, além do hino, letra e música, da Cruz Vermelha Brasileira e duma notícia sucinta sobre a instituição, distribuíam-se sob os seguintes títulos de agrupamento: Elementos de anatomia e fisiologia humanas — Socorros urgentes — noções sobre o tratamento de doentes e feridos — Técnica dos curativos — Diversos — Orientação sobre tratamentos. Desta segunda edição consta mais um capítulo: "Cuidados com o doente", organizado com a inteligência e o esmero a que obedeceram todos os outros.

J. L.

• • •

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO MILITAR.

Recebemos o número 6, correspondente ao 2.º semestre de 1944. E' o volume VI do ano IV. Entre outros assuntos, vem a galeria dos patronos do Instituto.

• • •

BOLETIM GEOGRÁFICO.

Recebemos o n.º 18, do ano 2.º, correspondente a Setembro de 1944.

• • •

NAÇÃO ARMADA.

Recebemos o número de Maio de *Nação Armada*, revista civil e militar. E' a 66.ª edição e traz, como sempre assuntos diversos, com ilustrações.

• • •

BRINDE.

Acabamos de receber da *Funtymod*, fundição de tipos modernos de S. Paulo, uma folhinha ilustrada para 45. Gratos.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Seb. Rio

Nome

Rua

Cidade

Estado

Não digas: nunca matarei!

Continuação da pag. 19

que, aquela noite ele sentiu-se constrangido. Talvez as palavras de Charteris...

— Bem, aqui estou eu. Que me conta de novo? — disse, com um esforço para conter-se.

— Meu velho, como você sabe, eu estive aqui a dizer galanteios à sua esposa desde as oito da noite, e com isso esqueci o mundo...

— Esse menino é insuportável! Você precisa impor-se, Barley. Se você fosse um marido ciumento ele não ousaria dizer essas coisas...

Barley, subitamente sério, retrucou:

— Todos os maridos são ciumentos...

Charlie riu:

— Falou a voz da sapiência! Ele tem toda a razão. E antes que me apunhale pelas minhas más intenções para você, Catarina, eu vou andando — disse, levantando-se.

Nesse momento Barley lembrou-se de que prometera ao chauffeur telefonar para a garagem. Saiu, deixando juntos os dois. Charlie estava acabando de despedir-se.

— Quem era?

No meio do almôço ela, tinha sido chamada, de repente, ao telefone.

— Ninguém.

Barley largou o jornal que começara a ler à espera do café.

— Como não era ninguém? Você foi falar, não foi?

— Nada disso, meu bem. Eu queria dizer que não era nada de importância. Era Charlie convidando-me para ir ver a exposição de Picasso...

— Você sai muito frequentemente com esse rapaz, não é?

— Saio. Importa-se? Ele é seu amigo. Além disso é um rapaz inteligente, alegre, divertido. Você não tem tempo para me acompanhar... Ele o substitui.

Barley irritou-se.

— Não se esqueça de que há certas funções que só o marido exerce. Não dei procuração a ninguém.

Catarina olhou para ele espantada, depois respondeu num tom carinhoso, mas irônico:

— Querido, você está com ciumes de Charlie! Veja só que coisa engraçada!

Foram coisinhas pequenas. As cenas a que ele já agora não se furtava, iam aumentando em intensidade. Ele protestara e ela respondera:

— Escute, Barley, eu só entendo vida de marido e mulher com perfeita confiança. Se você quer fazer papel ridículo com seus ciumes, é lá com você. Mas não permitirei que me proíba de sair com um rapaz só por causa de suas suspeitas tolas! Se não está satisfeito, peça o divórcio.

A reconciliação, depois daquela discussão, fora difícil. Mas viera e ele, durante algum tempo, esquecera tudo.

Ficara detido no escritório aquela noite. Como sempre, quando isso acontecia, telefonara a Catarina, prevenindo-a de que não voltaria cedo.

Às oito horas Charteris telefonou.

— Falei para sua casa e me disseram que você ficara no escritório. Você está trabalhando de mais, homem. Por que não tira umas férias? Venha jantar comigo amanhã e eu lhe darei um atestado médico de que você está com "surmenagem"...

Houve uma pausa. Depois Charteris disse com um risinho:

— Bem, é melhor que eu não dê. Você é o homem dos nervos de aço, ao que parece, hein? Mas venha jantar de qualquer maneira. Traga Catarina. E traga aquele rapaz — como é o nome dele? Charlie? E' isso. Charlie Brighton. Gastaria de vê-lo... E' muito inteligente...

Depois de uma nova pausa Barley perguntou:

— Por que lembrou-se de Charlie Brighton? Que há?

— Nada, meu velho. Mas, como acabo de falar com ele pelo telefone... Você quer coisa mais natural do que isso? Falei com ele... Lembrei-me de convidá-lo também.

— Falou com ele? Isso é verdade?

— Claro. Escute aqui: o que é que há? Alguma coisa? Claro que falei com ele. Eu não disse que falara para sua casa? Foi ele quem atendeu... Disse que você não voltaria tão cedo, que estava no escritório... Ele está fazendo companhia a Catarina...

Ele não ouviu mais nada. Largou o trabalho e foi para casa...

O delegado não disse mais nada. Ficou esperando que ele começasse. Barley passou a mão pelos cabelos e principiou:

— Quando cheguei em casa, isto é eu vinha me aproximando de casa e... e, como da outra vez, havia música, mas dessa vez não havia luzes. Quero dizer,

não havia a iluminação natural. Só uma lâmpada, perto do rádio, estava acesa... Entrei. Ela estava nos braços dele... Perdi a cabeça...

— Um momento, mr. Barley. O senhor afirmou, no primeiro interrogatório, que passou pela casa de mr. Charteris, antes de ir...

— Sim. Estava como um louco. Não sabia o que fazer.

— E que foi lá que obteve a arma com que cometeu o crime.

— Sim...

— Onde estava?

— Na sala de entrada, onde deixei o chapéu, sobre a mesa. Era uma dessas facas de cabo de madrepérola...

— Qual a finalidade de sua visita a Charteris?

— Bem, eu...

— Diga.

— Eu tinha certeza de que ela me traía. Quis conversar com Charteris...

— Sim...

— Pedir conselhos...

— Que não tinha intenção de tomar a sério...

— Pelo contrário. Ele disse que era preciso dominar-me, que chegara o momento de mostrar que eu tinha controle, que era, afinal de contas, um homem civilizado, que deveria dominar meus instintos... Mas ao chegar em casa vi-a, a ela, que era minha mulher, nos braços do outro; ele a apertava de encontro a si, e ela se entregava ao prazer daquele patife!

— Um momento. Mais uma coisa.

A voz calma e fria do policial contrastava com a agitação de Barley.

— Mas escute, Barley: qual foi a frase que disse ter ouvido ele pronunciar antes de morrer?

— Ele disse... ele disse: "então você é mesmo ciumento", assim com uma expressão mais de curiosidade do que de ódio... Ele me olhou e disse aquilo e... depois morreu.

A carta chegou no dia do julgamento. Não foi possível descobrir, depois, o paradeiro do seu autor:

"Meritíssimo sr. Juiz.

Senhores jurados.

Hoje, esta tarde, os senhores vão julgar o responsável por um crime imaginário. Não encontro palavra que exprima melhor a situação peculiar que os senhores terão que deslindar, e o que aconteceu foi, em parte, por minha culpa. Há muitos anos dedico-me ao estudo de psicologia e psiquiatria. Barley é um dos meus amigos e eu o conhecia a fundo. Sabia quanto era frágil o seu verniz de serenidade e de calma, de que ele se orgulhava e não resisti à tentação de apontar-lho. Ele porém não acreditou no que eu dissera. Pelo contrário, até tentou convencer-me de que eu estava enganado.

Quando ele saiu, aquela noite, não pude resistir à tentação de uma brincadeira

cujas trágicas consequências não poderia prever. Telefonei para Charles Brighton, amigo dele, e contei-lhe o caso, pedindo-lhe que fizesse a corte à mulher de Barley, até exasperá-lo, provando que ele era violento como qualquer um e, se necessário, provocasse a sua fúria até que ele demonstrasse o seu descontrole. Charlie achou muita graça no caso e disse que eu não tinha razão, que Barley era um homem civilizado e que ele haveria de prestar-se àquela absurda comédia somente para mostrar-me que o que eu pensava era uma tolice. E assim fez. Por mais que eu lhe recomendasse prudência, ele recusou-se a dar ouvidos aos meus conselhos. Quando Barley passou por minha casa antes de ir surpreendê-lo, eu acreditei que o tinha convencido; mas evidentemente tal não acontecera.

Inútil procurar-me. No momento em que lêem esta carta já estarei bem longe, fora do alcance da justiça inglesa — Lawrence Charteris."

— O documento, senhores jurados, é interessante, mas revela mais de uma inconsistência. E a principal delas é a que nos dá a pista para a verdadeira solução do mistério. Como Lawrence Charteris, com todo o seu conhecimento da psicologia de Barley, não previu no momento em que deixou sair de sua casa, que ele ia matar o amigo?

Uma vez verificada essa discrepância, vejamos as outras, menos evidentes, isto

Continua na pag. 49

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso, do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL
Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



O orador

Quem não está habituado a falar em público e é obrigado a fazê-lo, facilmente se perturba e perde a calma e a naturalidade precisas para que a sua oração seja ouvida com prazer. É aconselhável, em oportunidades tais, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, que agem suavemente sobre o sistema nervoso, restabelecendo-lhe a normalidade.

ADALINA é um produto Bayer.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

Musica sovietica no rádio carioca

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 31)

temas. Achando-me num país vizinho da Rússia, é claro que deveria sentir curiosidade em conhecê-la, especialmente em se tratando, como era o meu caso, de pessoa amante da música.

CURIOSIDADE INSATISFEITA

A conhecida intérprete de música lírica e ligeira, que os rádio-ouvintes e frequentadores de concertos tanto têm aplaudido, faz uma pausa em nossa palestra, atendendo ao telefonema de uma pesosa amiga que, também informada do seu intento, já queria saber quando Delvair Silva principiaria a cantar as composições soviéticas... De volta, continuou com as seguintes palavras:

— Todos os meus esforços no sentido de atravessar a fronteira, resultaram infrutíferos, principalmente pela negativa das autoridades polonesas de me visar o passaporte para a Rússia. Isso, no entanto, não arrefeceu o meu desejo, antes o revigorou. Passei então a estudar na própria Polônia a música russa, quer a antiga ou clássica, quer a moderna. Sendo a língua polonesa oriunda do grande tronco eslavo, que abrange entre outros o sérvio, o búlgaro e o tcheco, e conhecendo-a relativamente bem, encontrei desde logo certa facilidade em aprender a letra das canções russas. Estas, como em geral se sabe, são muito ricas de melodia, traduzindo em seu ritmo, compassado pelas balalaikas, todo o misticismo dos povos que habitam em ambas as margens do Volga.

Formulámos à nossa gentil interlocutora a mesma pergunta que ouvira pouco antes pelo telefone.

— Ainda não sei com precisão. Depende do material que estou providenciando receber talvez por via diplomática. Quando aqui já estiver a embaixada russa, não será difícil obter as músicas; porém agora acho que somente por intermédio da Legação Soviética em Montevideu. De qualquer forma a intenção é permanente, e logo receba as partituras irei apresentá-las no rádio e em recital público. O pouco que eu possuía nesse gênero perdi ao sair da Polônia, tangida pela guerra.

A ÚLTIMA BRASILEIRA A SAIR DE VARSÓVIA

Pedimos a Delvair Silva impressões sobre os últimos dias da Polônia livre.

— Quando cheguei à Polônia, conforme disse, o ambiente político europeu era o mais inquietador, refletindo-se a inquietação generalizada com particular intensidade naquele país e isso por diversas circunstâncias, das quais a mais importante, a meu ver, era exatamente a ameaça contida nas reivindicações territoriais da Alemanha, já levada a efeito contra alguns países vizinhos sem o mais leve protesto das grandes potências. Esse fato, entretanto, parece que pouco influiu no movimento artístico polonês, que fui encontrar intenso, animadíssimo mesmo, sobretudo no que se refere à música, realizando-se em Varsóvia com frequência grandes concertos sinfônicos e cameristas, despertando todos o mais vivo interesse popular.

E prosseguindo a narração:

— Nos primeiros meses de 1939 todos na Polônia se preparavam para a guerra, mas ninguém tinha medo. A alegria natural daquele boníssimo povo não desertava das ruas e das casas. Entretanto o ambiente era bem sombrio. O próprio ministro do Brasil me aconselhava a deixar o país, mas fui ficando, ficando... e posso dizer que a última mulher brasileira que saiu de Varsóvia foi eu, com o coração dilacerado, antevendo os dias angustiosos que o futuro reservava àquele povo. A Polônia, como todos sabem, é a pátria de grandes artistas e virtuosos, possuindo a sua gente extrema susceptibilidade a todas as manifesta-



Teve lugar no dia 18 do mês de maio a inauguração da Confeitaria Tupi, situada à rua do Catete n.º 298. É deste acontecimento a foto acima, na qual vemos, cercados dos seus auxiliares, os srs. Antonio Vidal e Ari Touro Vidal, componentes da firma Alves & Vidal, proprietária do novo estabelecimento, cujas instalações e aparelhamento obedeceram ao que de mais perfeito e moderno existe nas grandes casas do gênero nesta cidade.

ções estéticas, desde o teatro ligeiro até a música sinfônica. De todos os grandes nomes da arte polonesa os compositores são sem dúvida os mais conhecidos no mundo. Enquanto a arquitetura e as artes plásticas na Polônia não oferecem um estilo essencialmente nacional e típico — pois estiveram submetidas durante largo período a inúmeras influências — a música logrou manter-se imune, baseando-se, até hoje, em sua maior parte, em elementos peculiares e característicos.

ESPLENDOR DA MÚSICA POLONESA

Vivendo algum tempo na Polônia, Delvair Silva não se limitou a dar recitais. Observou detidamente o seu ambiente artístico, estudando-lhe a história musical. Por isso assim nos falou, prossequindo em suas interessantes declarações:

— A vocação musical do povo polonês data de longínquos tempos. Já no século XI era cantada a "Bugorodzica". O século XVI foi de esplêndidas afirmações para a música polonesa, sendo de destacar-se o compositor Gomolka. A música da Polônia encontrou em Chopin um ardoroso e infatigável divulgador, o mesmo se podendo dizer com referência ao maestro Moniuszko, autor de tantas óperas justamente famosas. Paderewsky, chamado o rei dos pianistas, também contribuiu sensivelmente para a difusão da música polonesa, já agora tão vulgarizada, sobretudo graças aos esforços dos artistas da nova geração como Jan Kiepura, Szeryng, Wanda Werminska e tantos outros de idêntico mérito. O canto na Polônia, por sua vez, sempre encontrou também excepcionais condições de desenvolvimento, sendo sobejamente conhecidas e admiradas cantoras como Ada Sari e Kochanska. Na Polônia os meus recitais em salões de concertos e estações de rádio foram muito apreciados, causando vivo interesse as músicas folclóricas do Brasil. Em Varsóvia aperfeiçoava os meus estudos com o eminente professor Brzezinsky, que foi o preceptor de Jan Kiepura e de muitos outros artistas hoje mundialmente célebres. Se a guerra não tivesse deflagrado, já teríamos tido aqui a visita da sua filha Hanka Brzezinsky com o seu inesgotável repertório de folclore polonês. Essa artista, em 1938, realizou sessenta recitais nos Estados Unidos, apresentando, em forma característica, a música popular polonesa, que é riquíssima. Um convite honroso do governo polonês me levou à Rádio Varsóvia, onde atuei diversas vezes, divulgando a nossa música. De qualquer modo, a minha estada na Polônia foi muito útil à minha carreira, não só pela excelência do ambiente artístico que Varsóvia apresenta, como pela oportunidade que me pro-

porcionou de aperfeiçoar a minha voz e enriquecer o meu repertório.

A palestra estava terminada. E Delvair Silva, que nos recebera em sua residência, à praia do Flamengo, leva-nos gentilmente até a porta do apartamento. E ali, mais uma vez, repete a promessa ao seu público:

— Muito breve oferecerei aos meus ouvintes, não um, mas vários programas constituídos exclusivamente de músicas soviéticas.

O samba é feijoada

Conclusão da pag. 11

célula ou molécula de uma matéria limitada, que não pode ser desagregada, sem que se processe o completo aniquilamento deste mesmo corpo.

Eis por que o orfeão deve ser a base de toda a educação estética. Os ensinamentos ministrados às crianças através do canto orfeônico, em aproveitamento da noção de ritmo e estética, só poderão ser substituídos pelo bailado. Mas neste já se tornam necessários, para a limitada compreensão infantil, conhecimentos de quantidade e valor, que só lhes podem ser incutidos através da música. Nada, pois, mais adequado ao estudo experimental da música pela criança que o canto orfeônico. Ele, só ele, pode fazer chegar às inteligências em evolução, as noções exatas de ritmo e harmonia. O sentimento de ritmo, essencial a uma perfeita educação artística, é modelado em cada indivíduo através do canto orfeônico, que constitui o mais seguro processo de que possam se servir os professores para tomar conhecimento dos defeitos e corrigi-los em tempo.

Assim pensa Vila Lobos: nada pode ser feito, no terreno da arte, sem que o povo adquira um elevado senso estético. E este deve ser ditado pela música, que é a essência mesmo da estética. E para se chegar à alma da música, o caminho mais curto é o canto orfeônico.

Eis por que o notável maestro patricio dedica suas energias e seu entusiasmo explosivo ao canto orfeônico. Fez o que pôde em prol da elevação da concepção de estética do povo. E ainda fará mais, estamos certos. Trabalhe, Vila Lobos! Trabalhe, que ainda há muita coisa por fazer.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

(Serviço do nosso correspondente exclusivo LUIZ SERRANO)

- 1 — Van Johnson e Esther Williams cumprimentam o nosso correspondente Luiz Serrano, nos estúdios da Metro, onde estão filmando "Early To Wed", sob a direção de Eddie Buzzell, e mandam avisar que nessa película cantam, ambos, a "Boneca de Pixe", de Ari Barroso, com acompanhamentos de órgão por Ethel Smith.
- 2 — Walter Pidgeon não se pinta para filmar, mas sempre dá alguns retoques no "maquillage". Aqui o vemos, nessa função, enquanto Ginger Rogers, sua "partenaire" em um próximo filme, sorri maliciosa... E Xavier Cugat, que é também um caricaturista muito interessante, fixa no papel os traços de ambos.
- 3 — A pequena Margaret O'Brien toma lição de canto, que lhe ministra o famoso cantor lírico Lauritz Melchior, do Metropolitan de Nova York, num intervalo da filmagem de "Our Vines Have Tender Grapes", para a Metro. A garotinha que entrou para o cinema "abafando" numa crise de choro, também sabe sorrir...
- 4 — Agora é a Greer Garson que Lauritz Melchior ministra uma pequena lição de canto. A sempre lembrada intérprete de "Rosa da Esperança", que agora aparecerá em "The Valley of Decision", da Metro, mostra-se desvanecida com o ensaio do grande cantor. Ela declara possuir uma coleção de discos gravados por Melchior.
- 5 — Deseja a leitora uma fotografia autografada de Walter Pidgeon? E' só escrever para Metro-Goldwyn-Mayer, Culver City, Hollywood, Los Angeles, U. S. A. Segundo informou o galã da Metro a Luiz Serrano, ele reserva trinta minutos de cada dia, matematicamente, para o desempenho dessa agradável tarefa.



A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

(Serviço do nosso correspondente exclusivo LUIZ SERRANO)

- 1 — Van Johnson e Esther Williams cumprimentam o nosso correspondente Luiz Serrano, nos estúdios da Metro, onde estão filmando "Early To Wed", sob a direção de Eddie Buzzell, e mandam avisar que nessa película cantam, ambos, a "Boneca de Pixe", de Ari Barroso, com acompanhamentos de órgão por Ethel Smith.
- 2 — Walter Pidgeon não se pinta para filmar, mas sempre dá alguns retoques no "maquillage". Aqui o vemos, nessa função, enquanto Ginger Rogers, sua "partenaire" em um próximo filme, sorri maliciosa... E Xavier Cugat, que é também um caricaturista muito interessante, fixa no papel os traços de ambos.
- 3 — A pequena Margaret O'Brien toma lição de canto, que lhe ministra o famoso cantor lírico Lauritz Melchior, do Metropolitan de Nova York, num intervalo da filmagem de "Our Vines Have Tender Grapes", para a Metro. A garotinha que entrou para o cinema "abafando" numa crise de choro, também sabe sorrir...
- 4 — Agora é a Greer Garson que Lauritz Melchior ministra uma pequena lição de canto. A sempre lembrada intérprete de "Rosa da Esperança", que agora aparecerá em "The Valley of Decision", da Metro, mostrase desvanecida com o ensaio do grande cantor. Ela declara possuir uma coleção de discos gravados por Melchior.
- 5 — Deseja a leitora uma fotografia autografada de Walter Pidgeon? É só escrever para Metro-Goldwyn-Mayer, Culver City, Hollywood, Los Angeles, U. S. A. Segundo informou o galã da Metro a Luiz Serrano, ele reserva trinta minutos de cada dia, matematicamente, para o desempenho dessa agradável tarefa.

EM
OD

pendente
(ANO)

am o nosso
da Metro,
a direção
nessa peli-
te", de Ari
o por Ethel

mas sempre
ui o vemos,
sua "partic-
liciosa... E
urista muito
mbos.

e canto, que
itz Melchior
rvaldo da fil-
apes", para
cinema "abo-
be sorrir...

hior ministra
lembra da in-
gora apare-
ro, mostra-se
cantor. Ela
gravados por

da de Walter
dwyn-Mayer.
U. S. A. Se-
Serrano, é lo-
maticamente,
ela.



PARA AS TARDES FRIAS

Aqui estão quatro elegantíssimos modelos para as tardes frias que vamos atravessando. O primeiro, à esquerda, tem a frente em pelúcia e é de uma elegância rica e sóbria ao mesmo tempo. O segundo, mais esportivo com o seu talho rodado, tem os punhos largos em pele. O terceiro casaco, em estilo alfaiate, gola elegantíssima, adornada de pelúcia, tem como remate bastante gracioso os grandes bolsos bordados. E finalmente o último, ricamente ornamentado, com os seus ombros largos e a cintura talhada, apresenta em seu conjunto, um tanto marcial, qualquer coisa dos uniformes russos, o que lhe dá uma graça bem moderna e toda especial.

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CRÈME
EMBELEZADOR DA PÉLE

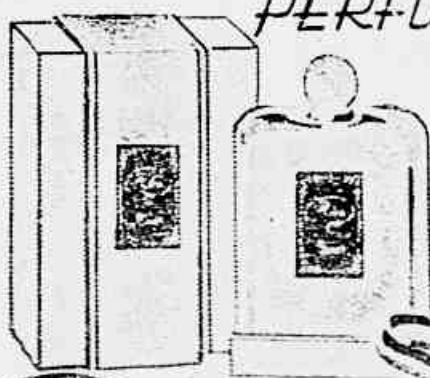
PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FITNO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

PERFUMES

Ricco

PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05



CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

No esplendor da sua juventude

(Continuação da pág. 25)

a um abola de bilhar: com ela fazem ambas coisas assombrosas.

Ricardinho necessitava fatalmente de dinheiro e trabalhava como uma besta; mas, é claro! Os chefes sabiam que um rapaz pode viver muito desafogadamente com certo sôlido (o ordenado na Índia é questão de idade, não de mérito), e se aquele moço singular queria trabalhar por dois, os "negócios" não permitiam que se lho impedisse nem que se lhe aumentassem os proventos numa idade verdadeiramente ridícula por terra.

Por isso Hatt conseguiu apenas uns aumentos de salário, bastantes para um rapazola, mas não para uma esposa e um filho, e muito menos para economizar as setecentas rúpias da passagem que ele e Mrs. Hatt haviam discutido tão ligeiramente noutra ocasião. Sem embargo de tudo isso, tinha que ficar satisfeito!

O dinheiro parecia que se ia desvanecendo entre as letras remetidas para sua casa e o avassalante do câmbio, e as cartas que recebia mudaram, tornando-se ásperas. "Por que não mandava vir a mulher e a filha? Certamente tinha um sôlido belíssimo e procedia muito mal gastando-o alegremente na Índia. Poderia fazer a próxima letra um pouco mais elástica?"

A isto seguia-se uma lista do que necessitava o pequerrucho, tão longa como uma conta de persa (*).

Em vista disto, Ricardinho, cujo coração suspirava pela mulher e filho, a quem não conhecia, sentimentos algo raros num moço, enviava maiores quantias e escrevia umas cartas estranhas, nem próprias de um moço, nem de um homem, dizendo que, no meio de tudo, a vida não era divertida, e rogava que tivessem um pouco de paciência, mãe e filho.

A mulherzinha aprovava o aumento das remessas, fazia observações quanto à necessidade de

(*) Na Índia a maior parte das casas comerciais são persas (N. T.).

DIAS FUTUROS

Quando um chefe de família segura sua vida, faz uma transação da maior importância para ele e para seus protegidos. Esse ato envolve um sentimento muito humano — amizade à família — e revela o senso de previsão — velhice inevitável.

Quanto mais cedo for preparado o futuro por meio de uma apólice de seguro de vida, tanto melhores serão os dias futuros.

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal 971 Rio de Janeiro

esperar, e usava nas respostas uma gíria estranha e dura que ele não compreendia. Pobre rapaz!

Mais tarde, precisamente quando "a propósito" de outro rapazelho que tinha cometido a mesma loucura que ele, lhe disseram que o casamento não só destruía suas esperanças de futuros progressos, mas também que lhe faria perder seu destino, chegou a horrível notícia de que o filhinho adorado tinha morrido, e após esta, vinham quarenta linhas rabiscadas por uma mulher irritada, dizendo que a morte poderia ter sido evitada se certas coisas — que custavam dinheiro — tivessem sido feitas, e se o filho e a mãe tivessem ido reunir-se ao pai.

A carta foi um golpe terrível para o pobre coração de Hatt, mas como "oficialmente" não tinha direito a ter filhos, não pôde tornar pública sua dor.

As coisas que o infeliz empreendeu durante os quatro meses que se seguiram a isto, e as esperanças que o alentaram para trabalhar, ninguém ousaria descrever!

Economizou, porém as setecentas rúpias da passagem estavam tão longe como sempre, e isso porque continuou a mesma vida, exceto quando se via obrigado a comprar um novo filtro.

Os esforços no trabalho, as lutas para mandar dinheiro, a notícia da morte do filho e, sobretudo, as constantes exigências que lhe impunha sua existência

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luís Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco se vê na prosopopeia:
NOME _____
ENDEREÇO _____

cotidiana, consumiram o pobre rapaz, mais talvez do que teriam consumido a um homem.

Os companheiros de idade madura que admiravam suas economias e seu hábito de afastar-se de toda diversão, recordaram-lhe aquele provérbio que diz:

Quem quiser talhar sua posição não entregue a uma mulher seu [coração].

(Continua na pág. 47)

PARA O SEU BEBÉ!



TALCO
Lady

- ★ REFRESCANTE
- ★ BÓRICO
- ★ PERFUMADO

À VENDA EM TODO O BRASIL

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Apresentamos aqui uma série de "toilettes" para crianças e mocinhas. O pequenino agasalho, a partir de cima, à direita, com o lóro do capuz em lã quadriculada, realiza em todo o seu conjunto uma graça tódia infantil. O casaquinho em baixo, à esquerda, com a gola bem aconchegada e os pequeninos bolsos, é também de uma graça encantadora.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

• UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

No esplendor de sua juventude

(Continuação da pág. 45)

Ricardo, que tinha experimentado todos os sofrimentos que o homem pode sentir, tinha que rir-se e dar-lhes razão, enquanto na sua cabeça se revolviam constantemente a última linha de seu livro bancário.

Porém tinha de sofrer ainda mais!

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, seccidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogeries e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo Reembolso Postal
Cr\$ 20,00 o vidro
Produtos PANVITAL — Rua da Estrada, 1
RIO DE JANEIRO

VALIOSA ARMA DE DEFESA

Em qualquer caso de inflamação buco-faringeana aguda ou crônica deve-se usar, além das medicações habituais, as pastilhas de Panflavina, sobretudo à noite, ao deitar-se. A dissolução das pastilhas de Panflavina na saliva embrocará, ao deglutir, toda a cavidade buco-faringeana, mantendo-a em bom estado de defesa contra os germes infecciosos.

Os germes serão destruídos, afastando-se o perigo de uma traiçoeira virulência.

Crianças de mucosas muito sensíveis, sujeitas a frequentes anginas, a defluxos, e a febres de diversas naturezas, são muito beneficiadas com o uso da Panflavina à noite (uma pastilha) ao deitar-se. Tem-se observado casos até de retração do tecido linfóide em crianças com hipertrofia das amígdalas, apenas com o uso continuado desta inofensiva medicação profilática.

Chegou uma nova carta de sua mulherzinha: natural continuação das anteriores, se Hatt houvesse pensado nisso.

O preâmbulo daquela epístola era este: "Vou-me com um homem mais generoso que tu".

O documento não podia ser mais curioso. Sem rodeios dizia o seguinte: "Que ela não ia ficar esperando toda a vida; que o filho tinha morrido; que ele era outra criança: que não voltaria a vê-la, por não ter agitado o lenço quando se separaram em Gravesend; que Deus a julgaria; que ela era má, mas ele pior, divertindo-se na Índia; que aquele homem beijava o chão onde ele pisava; que nem ele a perdoaria, nem ela o perdoava". E aqui finalizava a tal cartinha,

que não tinha indicação para a resposta.

Em vez de bendizer sua estrêla porque estava livre, Ricardo sentiu todas as torturas dum marido ultrajado — coisas impróprias a um menino — e recordando o passado, viu sua mulher com o traje de trinta xelins na praça de Montpellier; recordou o alvorecer da última manhã que passara na Inglaterra, quando ela estava chorando na cama. O infeliz revirou-se no leito, mordeu as mãos sem se deter, nem por um momento, nas suas reflexões, e pensou que, se tivesse tornado a ver Mrs. Hatt depois daqueles dois anos, teria descoberto que ela e ele tinham crescido de modo tão diferente

que eram em realidade pessoas completamente incompatíveis.

Teoricamente, isto era o que devia fazer, porém aquela noite passou-a em meio da mais horrível tortura.

Na manhã seguinte sentiu repugnância do trabalho e começou a refletir que tinha desdenhado os prazeres da juventude.

Sentia-se cansado, tinha provado todas as amarguras da vida antes de completar vinte e três anos, e estava desonrado!

Aqui pensava o homem.

Ele também se iria... com o demônio!

Aqui raciocinava o menino!

Inclinou a cabeça sobre o oleado verde da mesa, e antes de renunciar ao destino e a tudo o que este lhe prometia, chorou.

Um produto da
NATUREZA!

As exalações das florestas de eucalyptos dão vida, alegria e saúde, — assim como vida ao corpo, alegria ao espírito e saúde à pele, dá também o sabonete "Beijáflor", perfumado com a legítima essência de eucalypto.



Sabonete Beijáflor DE EUCALYPTO

À VENDA EM TODO O BRASIL

Em tais circunstâncias, a recompensa devida aos serviços chegou, e deram-lhe três dias para pensar.

O chefe da casa — depois de serem trocados alguns telegramas — disse que aquilo não se fazia jamais; tendo em conta a habilidade que Mr. Hatt havia demonstrado em tal ou qual ocasião, podia oferecer-lhe um pôs-

to infinitamente melhor; primeiro, como interino e depois, numa ordem regular de coisas, como definitivo.

E quanto ganharei? — perguntou Hatt.

— Seiscentas e cinquenta rúpias — respondeu o chefe sublinhando as palavras e esperando que o jovem ao ouvi-las ficasse cheio de gratidão e alegria.

Ah! Quando chegavam! As setecentas rúpias da passagem: o bastante para salvar a mulher e o filho e permitir-lhe tornar público seu casamento!... Tudo chegava então!

Ricardinho soltou uma gargalhada selvagem, que ele não pôde dominar; lúgubre e turbulenta explosão de alegria, que pareceu que ia matá-lo.

Quando logrou dominar-se, disse secamente:

— Estou cansado de trabalhar. Já sou velho; é tempo de retirar-me e me retirar.

— Este rapaz está doido — murmurou o chefe.

Creio que tinha razão; porém como Ricardo nunca mais voltou, a dúvida continua de pé.

O PEDIDO

(Continuação da pág. 30)

— Ouviste, sem dúvida, ruomres. Isso me alegra. Só assim terei unicamente que corroborar o já sabido. De

fato, d. Justina, estou noivo de uma moça que é um anjo de pureza e bondade, pobre, sozinha no mundo, como eu, e que conheci, para minha ventura, quando minha profissão médica me levou ao orfanato onde ela está presentemente internada. Esperava da vossa infinita bondade, pois, uma vez que sois a única dama desta cidade com

quem tenho relações que me fizésses a caridade de hospedá-la, até o dia do casamento, em vossa casa.

D. Justina escondeu da melhor maneira possível o seu espanto, mas imediatamente afirmou:

— Será bem-vinda a vossa noiva. Que venha quanto antes para que eu tenha oportunidade de gozar de sua companhia por mais tempo.

— Minha senhora, sois depositária de minha eterna gratidão. Vossa bondade angélica...

— Por quem é, por quem é, cavalheiro, não tendes razão para me agradecer. Vossos predicados conquistaram minha amizade e terei prazer em prestar-vos, pela vez primeira, um serviço que prove a estima que vos tenho. Além do mais o serviço será um prazer.

— Minha senhora, minha gratidão.

— Não vos retenho. Ide tomar as providências necessárias para a viagem de vossa noiva.

— Obedeço-vos.

Com uma reverência ele partiu.

— Minha filha...

— Por Jesus, mãe, não me fales neste momento...

Com um gesto carinhoso, d. Justina alisou a cabeleira da filha.

— Sinto muito, minha filha.

E saiu. A moça ficou só. Deixou cair a cabecinha loura no colo e começou a chorar. De repente, porém, ouvindo passos, endireitou-se. Era a negrinha.

— D. Maria mandou perguntar à senhora se pode mandar anunciar o seu noivado...

— Quem lhe disse que eu ia ficar noiva? D. Maria está perdendo o sizo com a idade. Diga-lhe isso. Vá. Ah! Espere, escute: deve haver, ali na esquina, um rapaz alto, magro, bem vestido...

— Não será o sr. Colline?

— Ele. Como sabe?

— Fazem dois meses que ele aí passa a maior parte de suas tardes.

— Pois bem; você se lembra do bilhete que me trouxe?

— Lembro-me.

— Dê este. Devolva-lhe com esta flor. Mas cuidado para que ninguém a veja, hein? Muito cuidado. Se mamãe soubesse... Anda, negrinha.

Suscite admiração
Que atinja o coração...
"Amor" é o tom
Ideal do seu Batom...

tonalidade sensacional... divina...
sem igual... a base exclusiva de
"creme veludo" desta famosa marca
norte-americana suaviza, protege
e embeleza os lábios.

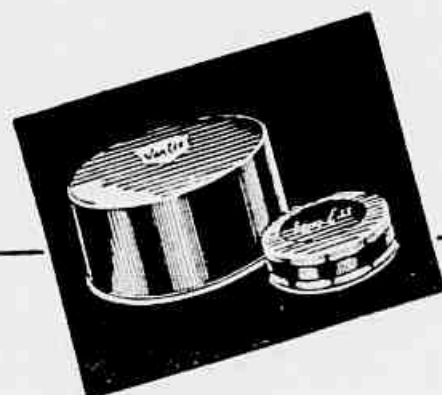
Batom para os lábios

Van Ess

a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.



ANEL "ZODAICO"
A Oitava Maravilha

Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correto, pelo sistema de Reembolso Postal. Peça catálogos grátis desta joia maravilhosa. Fab. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.

STANDARD cr\$ 100

FEDERAL cr\$ 140

INGA cr\$ 200

AMERICA cr\$ 135

CAPITAL cr\$ 250

BRASIL cr\$ 250

À busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O **Benal**, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o seu ego do espírito. **Benal** encontra-se em todas as drogarias e farmácias. (1)



Não digas: nunca matarei!

Continuação da pág. 40

é não fundamentais mas de grande importância como detalhes corroborativos. Ou melhor, senhores jurados, apresentarei-lhes a minha versão do caso, para que verifiquem, baseados os próprios documentos utilizados pela acusação como meu cliente foi uma vítima das circunstâncias.

Sugiro, senhores jurados, que não foi a intenção primeira de Charteris uma brincadeira. E sugiro-o baseado na prova do conhecimento do caráter de Barley. 'Se, como diz, Charteris sabia quanto Barley era perigoso, violento — por que fez com ele aquela brincadeira curiosa?

Só pode haver uma razão, senhores jurados. Ele queria que Barley matasse e fôsse prêso, porque amava a esposa dele. E' neste ponto que eu tenciono introduzir uma prova. Vou ler-lhes uma carta em que ele declara amor à esposa de Barley, que nunca soube do que se passava, e que o repudiou. Depois de saber que a esposa de Barley não lhe daria atenção, ele resolveu matar o amigo, por vingança. Mas, como era hábil, um espírito verdadeiramente maquiavélico, resolveu matá-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida ao Sr. **Olimpio de Lucena Montenegro** para obter matéria destinada a esta revista.

A Administração.
Rua Maranguape, 15 — Rio.

lo indiretamente, senhores. Encomendou do assassinato o carrasco que desempenha as funções por ordem de Sua Majestade o Rei. Fez com que Charlie aceitasse o caso como brincadeira, o que não seria muito difícil, dado o espírito brincalhão e leviano do rapaz. E foi insinuando, ma-

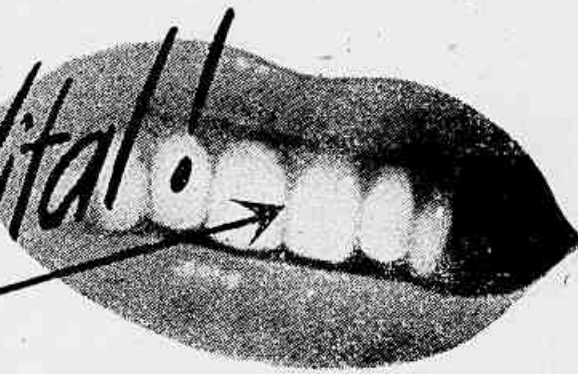
quinando. Consta dos autos a conversa telefônica que ele teve com Barley e que prova como ele foi, insidiosamente, instigando o marido a cometer o crime, uma participação indireta, que ele levou ao cúmulo de colocar, como sugestão evidente ao amigo de que acabava de "tentar"



convencer que agisse com prudência. Uma sugestão para o crime. O réu, senhores jurados, foi um simples instrumento cujo temperamento violento foi desencadeado com habilidade diabólica pelo homem que é verdadeiramente responsável pelo crime. Lawrence Charteris. Tenho dito."

De Espuma Ultra-Penetrante

Gessy protege no Ponto Vital!



É NA JUNÇÃO dos dentes, entre as faces ocultas, onde a escôva não atinge, que surgem 4 em cada 5 cáries. Porisso, para proteger os seus dentes no Ponto Vital, use o Creme Dental Gessy.

A espuma de ação ultra-penetrante do Creme Dental Gessy limpa até onde a escôva não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Proteja seus dentes no Ponto Vital: use Gessy três vezes ao dia.

GESSY CUSTA MENOS que os demais dentífricos de alta qualidade. Use Gessy e economize até 20% em cada tubo de creme dental.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!

OS comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado¹

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postíça fronha. FIXODENT, um novo pó para polvilhar a dentadura postíça, torna-a mais firme na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É idealino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postíça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

91-B

Primeiro indício!..

Não perca tempo quando sentir os sintomas de uma constipação - o descuido pode custar-lhe caro. Aplique logo Mentholum no peito, na garganta e nas fossas nasais. Mas exija o legítimo



MENTHOLATUM

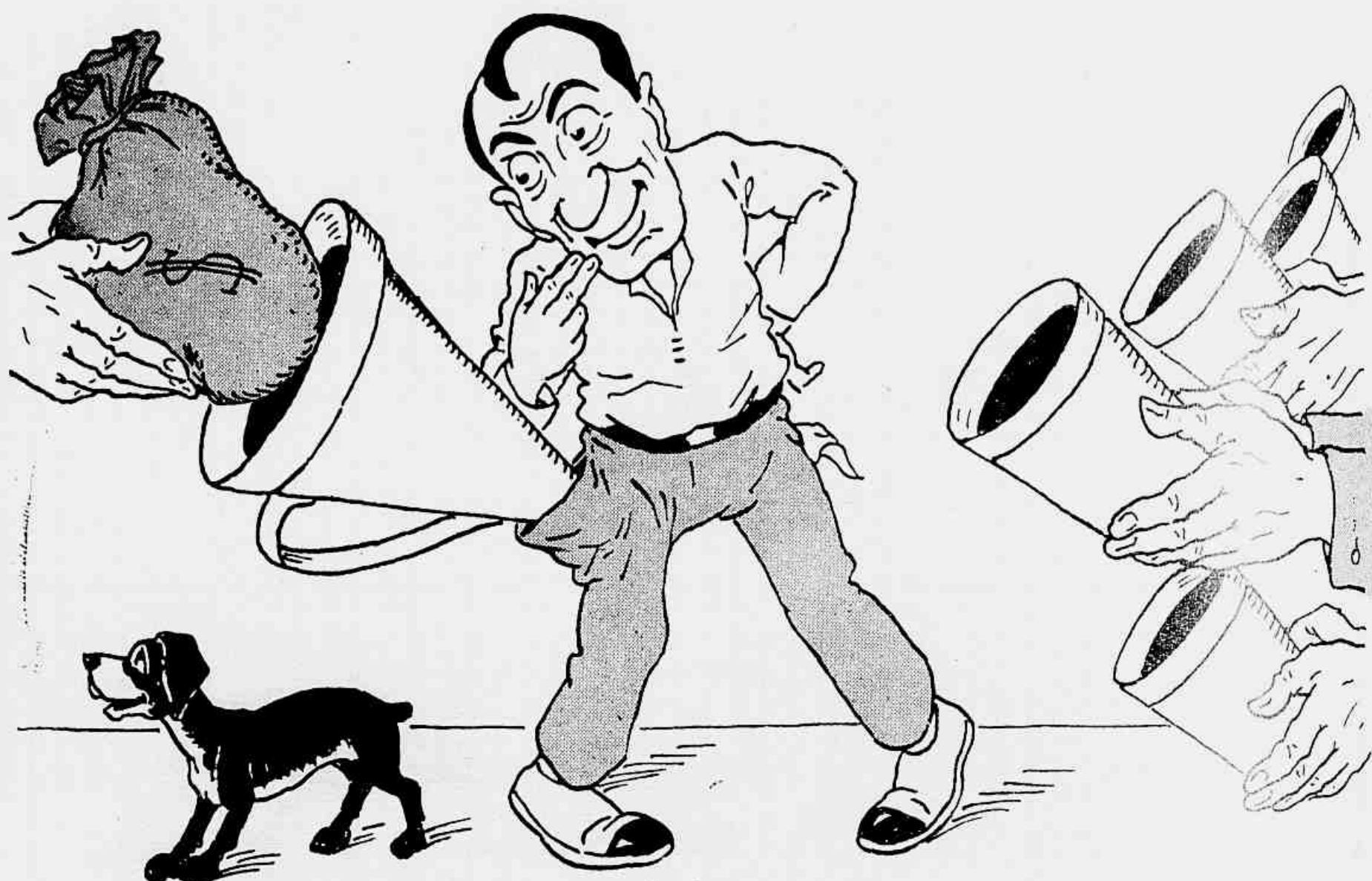
Numeros atrasados desta revista no Pará

PLDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém

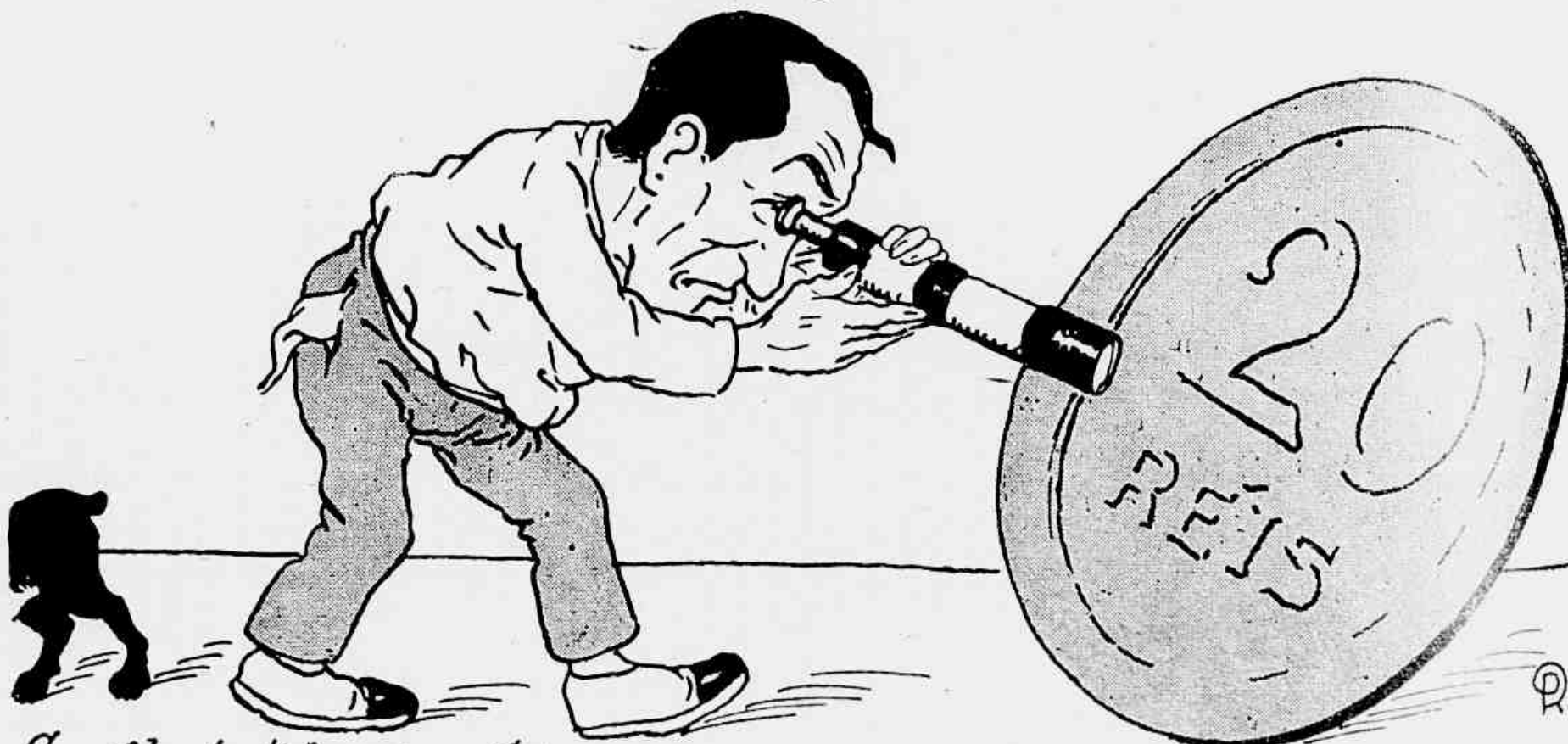
FINANÇAS...



Aumentos, abonos entram por um lado. Por outro a crise ensaia os meios



de absorvêr os meios e provocar o grande estouro da "bolada"...



Consolo é o telescópio. Serve para aumentâr a saúdade do vintem...



Conforto e distinção

Espaçoso, claro e original é este compartimento que hoje apresentamos aos nossos leitores.

As amplas janelas guarnecidas com cortinas de um estampado de cores vivas, combinando com as almofadas do divã; o grupo de cadeiras que se encontra ao fundo; o *abat-jour*, verdadeira obra de arte — enfim, todo o mobiliário luxuoso que ornamenta esta sala torna-a elegante, confortável e alegre.

Aqui fica, pois, mais uma das nossas muitas sugestões.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIGARROS SOUZA CRUZ

CIGARROS

Belmont

Belmont

CIGARROS
SOUZA CRUZ